



Mausier

SUL

23

EXPEDIENTE

SUL

Revista do Círculo de Arte
Moderna

Ano VII — Florianópolis,
Dezembro 1954 — N. 23

CAIXA POSTAL, 384

Florianópolis — Santa Catarina —
Brasil

Diretores:

Anibal Nunes Pires e Salim Miguel

Secretário:

Walmor Cardoso da Silva

Redatores:

Doralécio Soares, Eglê Malheiros,
Élio Balstaedt, Fúlvio L. Vieira,
Hugo Mund Jr., J. P. Silveira de
Sousa, Luis Santos, Odílio Ma-
lheiros Jr., Ody Fraga, Osvaldo F.
Melo (filho), Pedro T. Taulois.

Sul acolherá em suas páginas,
com a maior simpatia, toda a co-
laboração enviada, de qualquer
parte do Brasil, e do exterior, espe-
cialmente dos jovens, se reservan-
do porém o direito de escolha para
publicação.

Os originais, mesmo não aceitos,
ficam na Redação.

Todos os artigos são assinados e
decorrem, as responsabilidades, de
seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido
a esta revista, independentemen-
te de crítica assinada, será regis-
trado.

Desejamos manter contacto e
permuta com outras publicações.

Preço por exemplar: Cr\$ 5,00

Assinatura Anual (4 números)
Cr\$ 20,00 — Registrado — Cr\$ 22,00

As assinaturas podem ser pedi-
das diretamente à direção, por va-
le postal ou carta registrada com
valor declarado.

NOSSA CAPA:

Vofza — Linóleogravura de Carlos Mancuso. Da "Exposição de Gra-
vuras Brasileiras."

REPRESENTANTES:

No Brasil

Lajes (Santa Catarina)

Guido Wilmar Sassi

Caixa Postal, 288

Pôrto-Alegre (Rio G. do Sul)

Antônio da Silva Filho

R. Joaquim Nabuco, 126

Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier

R. Dr. Keller, 384

São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa

R. Baroneza de Itú, 336

Distrito Federal (Rio de Janeiro)

Hugo Mund Jr.

Belo Horizonte (Minas Gerais)

Roberto Novaes

Caixa Postal, 2.186

Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia

R. Democratas, 9

Aracajú (Sergipe)

J. M. Fontes

R. Lagarto, 1571

Recife (Pernambuco)

Walmir Maranhão

R. do Peixoto, 368

João Pessoa (Paraíba)

Geraldo Sobral de Lima

Rua Duque de Caxias, 413

Natal — R. G. do Norte

Aluizio Furtado de Mendonça

Av. Rodrigues Alves, 696

Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho

R. Lisandro Nogueira, 1223

São Luiz (Maranhão)

Lago Burnet

R. Colares Moreira, 546

Maceió — (Alagoas)

Karivaldo Barbosa

Rua Boa Vista, 111

No Exterior

Faro — Algarve (Portugal)

Dr. Manuel Pinto

Nampula — África O. Portuguesa

Augusto dos Santos Abranches

Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux

Buenos Ayres (Argentina)

Elanca Terra Vieira

Strassburg — França

Pedro T. Taulois

U. S. A.

Richard M. Morse

A "IDÉIA NOVA,"

de Cruz e Sousa e Virgílio Vársea

Lá pelo fim do ano de 1883, Destêrro não ia além de nove mil habitantes, e a última novidade, em matéria de progresso, era a inauguração, ainda recente, do bondinho puxado a burros.

Cidadezinha tranqüila, sem grandes aspirações, deixava-se viver numa doce monotonia que não chegava a ser perturbada pelas violentas discussões políticas de nossos principais periódicos: "A Regeneração", órgão oficial, e o "Jornal do Comércio" e "Correio da Tarde", francamente oposicionistas.

Através destas fôlhas, nossos intelectuais traziam a público suas melhores produções. Virgílio Vársea praticava triolés, gênero literário há muito tempo em desuso. A prosa de Cruz e Sousa era pior do que foi depois, e outro jovem, Santos Lostada, dedicava alambicados sonetos à aniversariante do dia. Eduardo Nunes Pires era um sucesso: versejava em latim! E a lírica Delminda Silveira, colaboradora assídua do "almanak da saudade luso-brasileiro", enternecia-se com "o pranto da virgem", que "é puro, é sagrado — qual hino entoado — bem junto de Deus".

José Prattes fazia as vezes de romancista, estampando diàriamente um capítulo de seu último folhetim: "A Mendiga". Li-o inteiro. Era de amargar. Entretanto, muito melhor que êstes livros que certos "escretores" ilhéus publicam atualmente com o nome de romance.

Fazia pouco, chegara ao Destêrro o jovem médico Francisco Luis da Gama Rosa, novo presidente da Província. Homem de relativa cultura, porém bastante versado nas últimas novidades filosófico-literárias, deve ter-se alarmado com a indigência de nosso meio intelectual. Então, não conhecem Darwin? Nunca ouviram falar de Zola? De comte? Nem de Spencer e de Prouohon? Incrível! Se êstes nomes corriam mundo há um bocado de tempo, revolucionando as artes, o pensamento. Até já tinham chegado a Portugal e ao Brasil...

Podemos datar daí o nascimento da "Idéia Nova" desterrense. Trazendo para estas plagas informações sobre aquêles sábios que, com suas doutrinas, agitavam a segunda metade do século dezenove, Gama Rosa encontrou desde logo ouvidos atentos. Nas reuniões em sua residência, a que compareciam Cruz e Sousa, Várzea,

Santos Lostada, Araújo Figueredo e outros Jovens literatos em início de carreira, muito assombro deve ter causado ao proclamar que Castilho e Herculano haviam cedido a palma a um nome desconhecido, Eça de Queiroz, e que, na França, Victor Hugo perdera o prestígio.

Não tardou muito para que os jovens decidissem que, também na velha cidade do Destêrro, era preciso deixar de lado o romantismo e empunhar a bandeira da "Idéia Nova".

* * *

Na verdade, o que Cruz e Sousa e Virgílio Vársea aprendiam nos serões literários de Gama Rosa, era pouco, difuso, atrapalhado. Embaralhavam doutrinas. Misturavam nomes. Confundiam naturalismo com parnasianismo. Hoje, elogiavam o positivismo. Amanhã, desancavam Comte. Entretanto, estas nebulosas noções demonstraram-se suficientes para empolgar os jovens, incutir-lhes o desejo de renovação e, principalmente, dar-lhes a certeza de que a nossa literatura marcava passo numa mediocridade sem par.

Êstes pontos de vista passaram a ser propalados pelos botequins e conversa de rua, a "Idéia Nova" tomava vulto, suscitava controvérsias, adquiria adeptos. Faltava, no entanto, um definido programa de ação, um como que "prefácio de Cromwell" para dar foros de cidadania ao movimento. De suprir esta deficiência, encarregou-se Virgílio Vársea pelas páginas da "Regeneração" de 10 de Janeiro de 1884, num "soneto-manifesto", em que inventava, entre outras coisas, alexandrinos de treze pés... E incluía Comte no rol dos reacionários.

ALERTA!

a Santos Lostada

Alerta, meu amigo! — E vamos batalhar
À Luz da Idéia Nova: À linha da vanguarda!
O forte alexandrino façamos rebrilhar,
Valentes derrubemos a douda e Velha Guarda.

Alerta! que já oigo o toque do clarim,
Alegre, tão vermelho como é uma alvorada!
E tenho minhas armas mais brancas que o marfim
E o pulso inda mais riço que a fôlha d'uma espada.

Batamos fortemente o velho romantismo,
Que o sec'lo é puramente de evolucionismo
De Harttman, de Spencer, Zoia e Letourneau,

Batamos rijamente os tontos pessimistas,
Que o sec'lo é de Gigantes, d'assombro e conquistas
E não de Augusto Comte, de Dumas ou Hugo.

Depois dêste "soneto-manifesto", que passou a ser declamado pelos renovadores nas noites de boemia, a literatura conservadora princi-

piou a inquietar-se, e os seus representantes a entreolharem-se preocupados. Já não era mais possível afetar indiferença e pouco caso, pondo aquelas manifestações reformistas à conta de "desatinos da mocidade". Da Corte, chegavam notícias desalentadoras: o movimento modernista, por lá, triunfava em toda linha. Os jornais do Brasil inteiro abriam suas páginas para a poesia científica de Silvío Romero. Machado de Assis mudava de estilo, e até o nosso Luís Delfino, tão tradicionalmente romântico, bandeava-se para as hostes parnasianas.

Urgia organizar a reação, descobrir um nome ilustre, um nome do momento, para opor àqueles outros ostensivamente alardeados pelos rapazes da "idéia nova". Trabalho, aliás, dos mais fáceis, pois o número de reacionários sempre foi grande, em qualquer época.

Por acaso, o representante escolhido foi Pinheiro Chagas. Aquêlê mesmo que ocasionara, involuntariamente, a questão coimbrã, e que se celebrizou por ter sido o alvo predileto da ironia de Eça, devido, naturalmente, à ferrenha intransigência com que combatia qualquer inovação literária. Ninguém, pois, com melhor "fôlha corrida" para servir de porta-voz à reação desterrense.

A 5 de março de 1884 iniciou o "Jornal do Comércio" a publicação das "Fantasias sobre o Estilo". Aí, Chagas se alonga em considerações sobre certos "escritoresinhos sem alma, trapeiros do pensamento", cujo estilo, benévola e comparado, dá a impressão de uma viagem de coche por estradas mal cuidadas.

Estendeu-se esta transcrição por três números consecutivos do jornal e, ao findar, o redator julgou oportuno acrescentar:

"Não parece que Pinheiro Chagas escreveu esta fantasia em 1865 expressamente para nós em 1884?"

Estava lançado o desafio. A "idéia nova" tivera o seu manifesto. Ia ter agora a sua polémica.

A resposta ao capítulo de Chagas não se fez esperar. Veio na "Regeneração" da manhã seguinte, 8 de março, e era, na sua segunda parte, uma página muito bem pensada e de grande valor, independentemente de época. Tinha por título:

Pinheiro Chagas

"Esse escritor que preponderou em outros tempos, é um crítico atrazadíssimo, desconhecendo os processos modernos, e um chapista afrontoso.

"As tristezas a beira-mar" e os seus outros livros permanecerão na literatura portuguesa como a maior e mais completa coleção de chapas.

O espírito contra a chapa representa a originalidade no pensamento e na linguagem, e é um protesto contra a incapacidade e a preguiça intelectual que recorre a frases já feitas, a fim de evitar o esforço necessário a construir expressões novas, impossíveis de obter sem talento e trabalho mental persistente.

A nova escola tem ainda a vantagem de destruir as mediocridades que procuram aparecer dispondo apenas de algumas palavras e idéias banais, gastas e inexpressivas à fôrça de serem repetidas".

Por assinatura, dois asterísticos, que não ficava bem ao presidente da Província, homem de responsabilidade, andar assinando artigos literários.

* * *

Dentre os representantes de nosso romantismo, destacava-se Eduardo Nunes Pires. Nome bastante conceituado na sociedade des-terrense, além da literatura, dedicou-se também ao magistério, onde teve oportunidade de lecionar diversas matérias e escrever livros pedagógicos de real valor. Seu maior prestígio, entretanto, vinha da habilidade no manêjo do latim, língua em que publicara alguns trabalhos de fôlego. No seu afã de tudo latinizar, porém, chegava, por vêzes, ao exagêro de mudar o nome das cidades. Pensam que isto aqui se chamava Destêrro? Destêrro coisa nenhuma. "Exiliopoli", é o que era.

Eduardo Nunes Pires não via com bons olhos a pretensão da mocidade. Sua desavença com os seguidores da "idéia nova" já vinha desde o tempo em que êste movimento não passava de simples bate-papo de rua e reuniões na casa de Gama Rosa. Acresce, ainda, que, sendo político oposicionista, mais razões tinha para não estar de acôrdo com as idéias literárias dos sequazes do presidente.

Contra êste, mesmo, é que se desencadeou a fúria de sua pena. Pois não fôra êle o introdutor daquelas novidades que pretendiam negar-lhe o valor, dêle Eduardo Nunes Pires? Sua réplica ao artigo "Pinheiro Chagas" foi bem um desabafo. Saiu no "Correio da Tarde", de 10 de novembro, com o título:

"Ao Chefe das Mentalidades"

"Uma parva mentalidade, que recebemos à consignaçoão, e que, para nosso opróbio e vergonha, ainda aturamos, verdadeira droga sem serventia, que para aí está a apodrecer, porque ninguém a quer, mesmo a vil preço, fêz de sua residência pandemonium de Milton, onde acolhe quanta cousinha reles em verso e em prosa encontrou, e com êles formou uma comandita, para o monopólio das letras e das ciências, e sem sua licença ninguém pode ser sábio".

Em seguida, nosso Camilo pede que lhe digam porque "Pinheiro Chagas é um crítico atrazadíssimo" e que lhe expliquem o que são "processos modernos" em literatura. Acompanhava estas duas importantes perguntas uma tremenda descompostura. Havia de tudo. Desde "o vil zoilo de que com nojo e asco nos ocupamos" até "chama êste camelo chapa o bom emprêgo de uma frase elegante". Por fim, depois de reafirmar que Gama Rosa é um "bigorrilhas literário", "uma bêsta", o artigo termina com a indispensável alusão política:

"E chama o imbecil — chapista afrontoso a Finheiro Chagas!! Chapa chata e bem reles és tu, ridículo Visconde, que estás abaixo de quantas chapas te precederam, e de quantas te não de ainda suceder-te."

O excesso de oblíquos decorre, naturalmente, por conta da veemência...

* * *

Naquele tempo, as polêmicas literárias caracterizavam-se, principalmente, pela obrigação de imediatas respostas. Vimos que, mal terminada a transcrição das "Fantasias do Estilo", já no dia seguinte vinha o revide, e que entre êste e a réplica de Nunes Pires mediou apenas um dia. Assim era, para não arrefecer o interêsse do leitor, e demonstrar agilidade mental.

Por este motivo, já no dia 12, a "Regeneração" voltava a campo, mas, desta vez, num artiguete sem graça. Por um lado, elogiava seus autores prediletos, numa longa enumeração. Por outro, insistia em chamar Pinheiro Chagas de crítico atrazadíssimo, com a única originalidade de ajuntar-lhe ao nome diversos outros venerandos fósseis: Lamartine, Chateaubriand, Garret, Gonçalves Dias... Sobre a insidiosa curiosidade de nosso latinista a respeito dos "processos modernos" em literatura, nenhuma palavra.

Como era de supor, tal artigo foi uma decepção. O leitor interessado na polêmica, que comprava seu jornal na Praça do Mercado e lá se ia para a Charutaria Espanha discutir o assunto de viva voz, perdeu o seu dia. Afinal de contas, depois da tremenda descompostura no presidente, a mais alta autoridade da Província, era de prever que a "Regeneração" em péso intentasse castigar o insolente. E o que se viu? Meia dúzia de linhas escritas, elogiando uns nomes desconhecidos e criticando outros que todo mundo já tinha lido e havia gostado. Quanto aos insultos, nenhuma alusão. Era aquilo a "idéia nova"?

Grande deve ter sido a sensação de vitória de nosso latinista. Já no dia seguinte, voltou êle a dirigir-se "À Mentalidade da Idéia Nova", afetando condescendência e bom humor, esquecido da linguagem da véspera. Lamentava, apenas, uma coisa: ter ficado sem resposta sua pergunta.

Depois disso, a situação começou a ficar crítica para o lado dos reformadores. Como sair de semelhante apêrto? Ou explicavam o que entendiam por "processos modernos em literatura", ou se desmoralizavam. Era o diabo. Gama Rosa conhecia muito bem as teorias de Darwin e de Spencer. Muito mal as de Comte, e, do resto, não entendia nada. Os rapazes, êstes, estavam estudando, melhoravam, mas ainda viviam numa tremenda confusão de nomes e de idéias. O que todos êles sabiam, entretanto, era que o mundo lá fora tinha mudado. Arte, literatura, filosofia, ciência, tudo sofrera radical transformação. Mas de que maneira, sem apenas enfileirar nomes, sintetizar êstes conhecimento e explicar o que era a "idéia nova"? De fato, não havia jeito. Então, tiveram esta fenomenal saída:

"O Naturalismo ou Idéia Nova não é uma opinião individual, mas uma escola, hoje, preponderante em todo o mundo civilizado, e sobre a qual, o que já existe publicado, daria uma biblioteca.

Pedir explicações, portanto, sobre essa doutrina que movimento e transformou a universalidade dos espíritos é manifestar desconhecimento total de tôdas as cousas, absoluta ignorância e cretinismo". ("A Regeneração", 14 de março).

Como se vê, muito fácil. Já que não podiam explicar, bastava chamar de ignorante e cretino a quem pedisse explicações...

* * *

Parece, entretanto, que o artigo repercutiu favoravelmente nas rodas literárias da cidade, desfazendo a péssima impressão suscitada pelo anterior. Devido a isso, para não perder terreno, avisa o "Correio da Tarde", neste mesmo dia, que "haverá resposta".

"Diz-nos hoje o estrelado que idéia nova é o naturalismo!!!!!!"

Vai propor-se Eduardo Nunes Pires a provar o contrário, "que o naturalismo é tão velho como o mundo". Dai aquêles cinco pontos de exclamação. "Os leitores que aguardem".

Por seu turno, animados com o sucesso, e desejosos de cimentá-lo com rapidez voltaram os adeptos da "idéia nova", na manhã seguinte, pela pena do "chefe", a repetir a feliz técnica da véspera, de tão belos resultados. Apenas, para não perder o hábito, incluíram a tradicional lista de nomes célebres, agora um pouco aumentada, com "Ricardo Wagner na música, Manet e Courbet na pintura e Baudelaire e Richesin na poesia". Era, não resta dúvida, uma sensível melhora.

O interessante, porém, é que este artigo — como o precedente — estava inserto na coluna das "publicações a pedido", no mesmo lugar em que sob a inteligente forma de pequenos escritos faziam sua propaganda a "salsa parrilha de Bristol" e a "água florida de Murraycia. Lennan", chamada, geralmente, o "perfume inextinguível".

Convém acentuar, também, que o "jornal do Comércio", causador da polémica, após haver publicado a página de Pinheiro Chagas, não se alheiou da luta. Mas sua técnica era outra. Não discutia. Não argumentava. Procurava apenas fazer graça. Para dar um exemplo do seu humorismo basta dizer que trocavam o nome dos defensores da "idéia nova" para "Varsóvia, Costada e Visconde de Botão de Rosa". É possível citar mais?

* * *

Dois dias depois, a 17 de março, aparece a prometida refutação de Eduardo Nunes Pires. Em lugar de destaque do "Correio da Tarde", lá estava o título: "Ao Estrelado das Mentalidades e dos Micróbios". Começa assim:

"O naturalismo foi o ponto de partida da religião bramânica; e foi também o das religiões gregas, latina, gauleza, germânica e slava".

E a gente a pensar que o naturalismo tinha surgido por influência de "Madame Bovary" e das teorias literárias de Taine...

Porém, não é tudo. Continuando, o erudito articulista passa a discorrer sobre os sábios gregos, analisando as filosofias de Thales, Heráclito, Sócrates, Platão, para rematar:

Foi então a filosofia da natureza completamente desprezada: — deu-lhe o último golpe a religião cristã".

Fico a imaginar o sucesso que não teria causado tamanha prova de erudição, onde, com facilidade espantosa, se discorria longamente sobre Parmênides e Zenon, "ambos de Eleo", e "Melissus de Samos". Mas sobre Zola e sua escola, nenhuma alusão, completa ignorância. Evidentemente, nosso sábio estava a pensar que o naturalismo propalado por seus adversários, era o mesmo que dá nome a diversos sistemas filosóficos. Por incrível que pareça, nem por ouvir dizer, tivera conhecimento da corrente literária que, para não ir longe, já em 1881 inspirara o "Mulato" de Aluizio de Azevedo. Não ficava, porém, nesta excelente demonstração de cultura, o convencimento de Eduardo Nunes Pires. Como que para dizer que explanara apenas generalidades, acessíveis ao comum das mentes, termina seu artigo com o clássico desafio: "Não damos a matéria por esgotada..."

Se quizer argumentar como gente, volte, que nos encontrará".

Os defensores da "idéia nova" não voltaram. La iam discutir filosofia antiga! O que, como é lógico, não impediu nosso latinista de retornar na tarde seguinte, com novas e mais aprofundadas informações sobre o naturalismo. Desta vez, partindo de Homero.

Mas a "Regeneração" persistiu no seu mutismo. E os ânimos se acalmaram, até o dia 23 de abril, quando entrou em cena novo personagem: Cruz e Sousa.

* * *

Quem era Cruz e Sousa no ano de 1884? Apenas um preto inteligente que iniciava suas idas e vindas pelo Brasil, numa peregrinação constante, à procura de um ambiente menos hostil onde pudesse receber as considerações a que tem direito um ser humano. No momento, estava na Bahia, redatorando a "Gazeta da Tarde".

Tão logo soube dos últimos acontecimentos, apressou-se em remeter sua palavra de combate, um longo escrito em que, a pretexto de elogiar Várzea e Lostada, tecia duras críticas aos obstinados inimigos da "idéia nova". A certa altura de seu trabalho, exclama:

"Oxalá saibam os catarinenses, como os dous bandeirantes, compreender o evolucionismo do século e agitar o cérebro pensante do Desterro".

Parecem palavras fortes demais para um filho de escravos. Porém, Cruz vai mais longe, não se furtando aos ataques diretos, incluindo-se no rol dos que ...

"... sabem, na luta do talento, na batalha do livro e do estudo, atirar o seu cartel, a sua luva de desafio à ignorância e á insensatez que não ousa dar um passo na vanguarda do belo-filosófico, do belo estético de que fala Eugéne Veron no seu admirável livro "L'Esthétique".

Sem a menor dúvida, certaíra cutilada em Eduardo Nunes Pires.

Mas, ao lado destas incisivas palavras de combate, não faltava aquela conhecida orgia vocabular tão típica de nosso poeta. A propósito de um trabalho de Lostada, por exemplo, depois de inventar "palavras irisadas de florões levantinos", "frases perfumadas" e "orquestrações de aves que rouxinolizam através das fulgurações ensanguentadas do sol no seu plaustro iluminado e triunfante, quando sobe a escaria longa e sumptuosa do levante", termina por afirmar.

"Li-o e fiquei como que num deslumbramento de apoteose onde tivesse música, luz, flôres, faiscões de cristal, palpitar de almas, cânticos à Liberdade". Assim mesmo.

Porém pior, talvez, é o fêcho do artigo:

"Que a minha alma adeje nas asas policromas da inspiração para saudar os dous talentos mais amplos e os dous poetas mais perfeitos da novidade literária".

Esta prosa nos faz sorrir. Entretanto — sendo de uma época em que Cruz ainda não tomara contact ocom os simbolistas franceses, é muito importante para demonstrar que sua alucinação verbal, sua embriaguês sonora, faz parte integrante do seu temperamento, do seu modo de ser, de pensar e de escrever.

E muito crítico ilustre já afirmou o contrário, que era péssima influência de Mallarmé e Rimbaud, justaposição, simples atitude.

* * *

A manhã seguinte foi festiva para os colaboradores do "Jornal do Comércio". Dia de grande pândega. Nada menos que uma página, de ponta a ponta, dedicada a Cruz e Sousa.

Naturalmente, o assunto foi tratado com a consideração que merecia, debaixo de humorismo, pois, ia-se lá discutir seriamente com quem escrevia daquele jeito?

Uma legião de anônimos — Piron, Quebedo, Bocage, Cacete, Tolentino — encarregou-se de chasquear o pobre Cruz.

Os mais comedidos limitaram-se a "confessar, humildemente", que não haviam entendido o que sejam "frases perfumadas, de luva gris-perle", "asas policromas da inspiração" e tudo o mais. Outros, fingendo amargura, queixaram-se:

"Já por mal de nossos pecados arrastávamos dois trambolhos; faltava-nos porém uma cruz que nos chegou da Paia

Está o suplício completo".

De todos, o mais espirituoso foi o Cacete que, aproveitando um trecho de Cruz perguntou, "ingênuamente", ao Gama Rosa se o objetivo da "idéia nova era" arquitetar fraseologia lavada nas claridões auroriais, cinzelando um pedaço de marfim cheio de salpicações multicores de azul, rouge e ouro".

Quem não esteve pelos autos foi Virgílio Vársea. Até então, manteve-se á distancia, talvez para evitar a repetição daquele desagradável incidente que tivera com Eduardo Nunes Pires no princípio do ano, motivado por uns triolés julgados insultuosos, é que degenerara em luta física.

Porém, agora, haviam garroteado o amigo ausente, o colega de escola primária, o companheiro das primeiras tentativas literárias. Tinham que haver-se.

Violento, já na manhã seguinte, publica na "Regeneração:

Tipos

"O Piron, o Quebedo, o Cacete e mais súcia asinina, disseram ontem pelas folhas que ao lerem um folhetim esplêndido do talentoso conterrâneo Cruz e Souza, não entenderam nada".

Mas isso já era cousa sabida. O que pode realmente entender o bando asinino, de matérias que vão além do idiotismo crônico que o inutiliza?

"Ao nível de tais capacidades, d'aquém e d'além mar, duras como rochas, só se acham as chapas, os cretinismos e as eduardices".

Como se vê, o nosso latinista era sempre o mais visado. Mas não para aí o desagravo. Depois de entusiástico elogio ao talento de Cruz e Sousa, onde cita convites recebidos para colaborar em jornais de adiantadas Províncias, inclusive os da Côte, Vársea conclui com estas proféticas palavras, que o tempo se encarregou de demonstrar a exatidão:

"Então, o seu nome já muito bem reputado, será conhecido e ilustre em todo país, ao passo que vegetarão eternamente na mesquinhez e na obscuridade uns tipos obsoletos,

nulos atrasados, sem vôo suficiente para a travessar as frentes de uma Província, onde vivem na mais supina imbecilidade e onde morrerão, deixando escritos que são vergonhas”.

Não é para a gente refletir ?

* * *

Ao lado de seu violento artigo, inseriu Várzea o não menos agressivo triolé:

A PIRON

Torço-te o olho direito
Se comesas com tolices
E só dar um certo geito
Torço-te o olho direito
Vê-lá! se o queres perfeito
Larga essas eduardices...
Torço-te o olho direito
Se comesas com tolices.

Pelo jeito, a polémica, a princípio literária, depois insultuosa, ameaçava transformar-se em pugilismo. Agravando a situação, neste mesmo dia, o Cacete desceu de rijo pelo “Correio da Tarde”:

“Hoje subiu de ponto a nossa admiração com o que lemos nos — Tipos — dirigidos a Piron, Quebedo e Cacete. Grande desaranjo vai por aquelas mentalidades bandeirantes!”

“Que tripode! Que movimentadores de asneiras! E com que rapidez evoluem naqueles bestuntos tão asininas parvoices”.

“Continuem, meus cretinos, que estão dando gôsto a todos, e mais ainda ao

Cacete

Parecia iminente a pancadaria em praça pública... Entretanto, na manhã seguinte, o Piron, sem exagerar a gravidade do triolé de Várzea, nem deixar-se intimidar por irrefletidas ameaças, pôs termo à discussão:

“Varsóvia, Costada e Capa Rosa meteram-me ontem as botas de uma maneira ignobil, e isto simplesmente porque tive a ingênua franqueza de confessar que não compreendi o Cruz da “Idéia Nova!”

.....
“Nunca quis mal a Varsóvia; nunca quis mal a Costada. São bons moços, não mordem, não fazem mal a ninguém e passam a vida modestamente a trioletar e a referirem-se mútuos elogios, os pobres rapazes. O segundo até deixou crescer as melenas para parecer poeta!”

Em seguida, após novos ditos facetos, conclui:

“Eu, porém, que também não fui compreendido dos nobilíssimos **Idiotas Novos** e que por esta triste razão sofri um

reparo incruentíssimo d'elles, rogo a Costada e Varsóvia a piedosa clemência dos seus corações bem formados. Eu também cá estou sempre às ordens para historiar-vos, oh diletíssimos e fulgentíssimos amigos!"

O pretendido tom jocoso da resposta, contrastando com a virulência de Várzea e Cacete (que outro não era senão o nosso latinista), teve o efeito de calmante sobre estes exaltados adversários. Ambos, ficaram como que desarmados, sem clima para progredir nos insultos, a esta altura, impossíveis de serem evitados, a menos que se desse por finda a polêmica. Foi o que aconteceu. Calaram-se os arautos da "Regeneração". Eduardo Nunes Pires acomodou-se. E os anônimos do "Jornal do Comércio", embora de quando em vez, de fugida, voltassem a farpear os "idiotas novos", acabaram por cansar-se.

Dentro de algumas semanas Virgílio Várzea dava a lume seu primeiro livro, "Traços Azuis", coletânea de seus melhores poemas. Entre eles, lá estava o célebre manifesto: "Alerta!" Quanto a Gama Rosa, retornou à Côte neste mesmo ano, e, em 1887, inspirado nas teorias de Spencer e Darwin, publicaria "Biologia e Sociologia do Casamento", livro que, na época, alcançou grande repercussão, chegando a ser, como é sabido, traduzido por Nordau para o francês.

Cruz e Sousa estreiou no ano de 1885, com "Tropos e Fantasias", de colaboração com V. Várzea. Na capa de trás deste livro, ao lado de diversos outros de Santos Lostada e Luis Delfino, estava também programado um "romance naturalista", **Os Silva e os Souza**, escrito em parceria de Cruz e Várzea. Pena que não chegasse a ser concretizado, pois seria o "mistério da estrada de Cintra" dos renovadores desterrenses.

De qualquer maneira, porém, a "idéia nova" tinha dado os seus frutos, modificado nosso ambiente intelectual. No decorrer dos anos seguintes, e através de novas penas, ainda a vemos ser objeto de crítica e de apologia. Mas este interessante episódio de nossa tão ignorada vida literária, estava encerrado.

Florianópolis. dezembro de 1954.

Élio Ballstaedt

CULTURA E FOLCLORE

As ciências sociais

Relativamente novas em sua estruturação e codificação, as ciências sociais têm oferecido as maiores dificuldades àqueles que as têm querido delimitar. Desde Comte — quem esboçou os princípios científicos da ciência a que chamaria sociologia — e embora a contribuição de Durkheim, Puguitt, Boas, Charles Booth, Adam Smith, Ratzel e de centenas de estudiosos modernos, contemporâneos mesmo — ainda não existem precisamente demarcados os limites que detenham o especialista dentro do campo de estudos da sociologia, da antropologia, da etnografia e do folclore. Se existem tais limites, não são universalmente aceitos. Tratando todas elas dos problemas da cultura material e espiritual, de sua aquisição, relações e perpetuação, as ciências sociais em seus objetos entrecruzados, ligados, e, porisso mesmo, interconseqüentes. Ora, o folclore, como ciência independente, vem sendo estudado há menos de um século. Antes, as tentativas de estudos demológicos — ou demopsicológicos, conforme querem alguns — se restringiam às coletâneas de contos e de poesia popular. Uniformizados na segunda metade do século passado, tais estudos tomaram caráter de “disciplina autônoma entre as ciências antropológicas”; o folclore foi a princípio estudado como um ramo da história, depois foi incluído na etnografia. Hoje em dia prevalece a opinião de que o devemos filiar às ciências histórico-sociais, como derivação da antropologia cultural.

A bibliografia

Durante um século, estudiosos de todo o mundo vêm escrevendo a respeito do folclore. Nasceram centenas de teorias, houve muita divagação, a nova ciência atraía curiosos sem preparo e sem objetividade. Fêz-se em torno também muita literatura e muita literatice; e ao chegarmos aos dias de hoje, a preocupação maior do estudioso que se inicia é saber por onde começar. O que é finalmente o folclore? Como fazer pesquisas? Quais as teorias, as hipóteses e as recomendações que se firmaram pelo seu acerto e pelo uso? E quais as que foram abandonadas por obsoletas, por imperfeitas ou por representarem apenas tentativas malogradas? Não é que faltem bons livros sobre a teoria da matéria. Escritores como Saintyves, Imbelloni, Corso, Mallinowski, Varagnac, Van Gennep Artur Ramos, deixaram uma obra admirável. Mas nem todos os que se iniciam nos novos estudos podem dispor de uma biblioteca completa, nem de anos de leitura especializada e quase única, no sentido mais grave de escoimar, criticar e escolher. A bibliografia tratando de folclore é precária de obras didáticas capazes de trazer a exposição clara do problema, a codificação de toda a matéria controversa, contendo uma leitura que satisfaça a um mundo de interessados que necessitam de orientação.

Cultura e Folclore, o livro

Oswaldo Rodrigues Cabral, escritor catarinense de larga projeção conseguida com seus livros que versam sobre história, medicina e folclore, traz ao Brasil e ao Mundo uma impressionantemente valiosa colaboração para o trabalho magisterial de expor, metodologicamente.

as bases científicas da ciência a que tem consagrado anos de sua vida. Os primeiros trabalhos de O. Cabral se limitavam até há pouco à publicação de pequenas monografias, resultado de pesquisas feitas em torno de autos populares e credências encontradas no litoral catarinense; êste trabalho que desenvolveu numa colaboração de equipe da parte dos seus companheiros da Comissão Catarinense de Folclore, consagrou-o como um dos mais honestos e mais esclarecidos pesquisadores do populario brasileiro, fato que atribuímos não só a seu caráter natural de cientista, mas também por aliar às pesquisas de campo o seu conhecimento profundo da teoria da qual é grande amigo. Porisso não lhe foi difícil trazer ao público uma obra em que alia a pratica de um pesquisador experimentado com o conhecimento de um estudioso e leitor insaciável. **Cultura e Folclore** surge com a intenção de "facilitar sobremaneira a compreensão dos problemas relativos á cultura vulgar, ao folclore".

O A. não se limita a criticar e escoimar as teorias apresentadas através dos tempos (1a. parte — Das origens da Cultura ao fato folclórico). Apresenta também a sua colaboração pessoal, embora evite as digressões que pudessem tirar o caráter eminentemente didático da obra. Aceita a célebre definição de Saintyves e assim classifica o folclore como um ramo da antropologia cultural o que lhe dá raiz na sociologia e o faz correlato da etnografia. É digna de nota a atualização do A. nos assuntos que últimamente vêm merecendo discussão. Os seus conceitos sobre o fato folclórico, sobre a criação individual ("a coletividade apenas amplia, adota, modifica, aperfeiçoa a criação ou invenção, por não ter capacidade criadora...") estão dentro das mais recentes conquistas no campo da discussão doutrinária. Nesta primeira parte estranhámos a ausência de um capítulo em que fôsem estudadas as influências das tradições sobre o direito, a medicina e a religião, o que dentro do plano geral do livro parece constituir falta evidente pois que — segundo nos parece — isso viria completar a sua tentativa de elucidar os problemas do dinamismo cultural.

A 2a. parte do livro (Metodologia e Investigação) dispõe doutrina sobre o método, aborda as escolas mitológicas e dá várias normas para a investigação, pesquisa e aplicação no ensino. Com rara felicidade, faz seus diversos pontos doutrinários de Ismael Moya, sem dúvida alguma um dos maiores didatas de folclore que o mundo conheceu, e quem conseguiu convencer o govêrno e os professores de sua terra a aplicarem o folclore na educação primária. Infelizmente O. Cabral não nos oferece aquêlê seu acêrvo de exemplos com que Moya presenteou os professores argentinos na sua "Didática del Folclore", o que simplificaria o trabalho do professor brasileiro na aplicação dos nossos elementos tradicionais para a motivação de suas aulas no ensino primário. Mas pequenas faltas como esta o A. as suprirá nos novos livros que provávelmente nos irá oferecer, continuando a sua obra fecunda em beneficio do desenvolvimento das ciências sociais em nosso País.

Cultura e Folclore foi impresso pela Comissão Catarinense de Folclore e traz valioso prefácio de um dos mais ilustres cientistas residentes nas Américas — Prof. Roger Bastide — que em resumo afirmou ser o livro de Osvaldo Cabral "... un excellent instrument qui permettra d'aborder la recherche folklorique avec esprit scientifique et la culture préalable nécessaire".

O. F. de Melo (filho)

A CONDIÇÃO HUMANA

Não é sem uma certa desesperança que se termina de ler Malraux. Romance profundamente marcado pelo tragicismo e pela inutilidade das soluções humanas, "A Condição Humana", deixa-nos profunda impressão, pelo muito que encerra de humanidade e desespero. O drama de Tchen, ao assassinar um desconhecido, tendo em vista roubar documentos importantes para a ação revolucionária do seu partido, e a inutilidade do seu gesto, dada a insignificância das revelações nêles contidas, desenrola-se passo a passo, num misto de angústia crescente e despersonalização, que atingem o clímax, por ocasião do seu suicídio gratuito. Tchen sente-se arastado dos companheiros antigos: assassinará um homem. Os outros nunca poderiam compreender o que isso significava para a sua alma sensível de poeta inconsciente, que se entusiasmara pela revolução, apenas levado pelo interesse de procurar uma solução humana para a miséria e o desprezo com que eram tratados os "coolies" chineses. Ao desenvolver-se a revolução, Tchen continua, embora não mais encontre significação para os seus atos. Marcha sozinho nas noites chinesas, afronta perigos destemerosamente, esquecido de si próprio, na sua condição humana, em olvido pela tragédia de um homem sem destinação, que luta sem convicção por uma idéia.

Clappique, velho antiquário sem dinheiro, gasta dólares e dólares em noites de farra, certo de que "o que o homem tem de mais profundo, raramente é aquilo por que se pode fazê-lo agir imediatamente", (pg. 38).

— Se êle tem necessidade de crêr-se rico, porque não tenta enriquecer?"

— Ele foi o primeiro antiquário de Pequim. . .

— Então, porque esbanja todo o seu dinheiro numa noite, senão para ter a ilusão de ser rico?"

Perguntas sem sentido, no tumultuar da vida, em que os homens agem sem saber porque, filiados a partidos políticos ou seitas religiosas, na ânsia de uma perfeição impossível, enveredando por caminhos tortuosos, e dificultando talvez, a auto-superação desejada.

Procuramos sempre a libertação integral, que começa e termina com a dos preconceitos que o meio e a época nos entranharam profundamente. Teoricamente somos libertos sem inibições. Até que se nos depara um caso concreto, em que toma parte pessoa de nossa relação, e o fato se nos apresenta trágico e nù, na hedionda realidade de coisa consumada e sem remédio. Kyo era militante comunista e se julgava inteiramente indiferente ao que os "burgueses" chamam de "concubinato". Quando May, sua companheira de anos, lhe comunica que fôra possuída por um outro, Kyo deixa cair a máscara de super-homem, despreza a ideia, ressurgue o macho, ferido no amor próprio masculino de ser o único possuidor de uma mulher.

"Ainda há pouco ela me parecia uma doida ou uma cega. Não a conheço. Só a conheço na medida em que a amo. Não possuímos de um ser, senão aquilo que nêle modificamos, diz meu pai. . ." Ele encolava-se em si mesmo como naquela rua cada vez mais escura, onde até os isoladores do telégrafo não mais luziam no céu. Reapoderava-o a angústia, e lembrou-se dos discos: "Ouve-se a voz dos outros com o ouvido, a própria com a garganta". Sim. Nosso vida também, ouvimo-la com a garganta: e a dos outros? . . . Havia antes de tudo a solidão imutável atrás da multidão mortal, como a grande noite primitiva por trás daquela noite densa e baixa, sob a qual espreitava a ci-

dade deserta, cheia de esperança e de ódio. Mas eu, para a garganta, para mim, o que sou? Uma espécie de afirmação absoluta, de afirmação de louco, uma intensidade maior que a de todo o resto. **Para os outros sou o que fiz.** Somente para May, êle não era o que tinha feito: somente para ela, êle era coisa muito diferente da sua biografia. O laço pelo qual o amor mantém os seres unidos contra a solidão. Não era ao homem que êle trazia a sua ajuda: era ao louco, ao monstro incomparável, preferível a tudo, que todo o ser é para si mesmo o que traz dentro do seu coração. Desde que sua mãe morrera, May era o único ente o qual êle não fôsse Kyo Gisors, porém a mais estreita cumplicidade. Uma cumplicidade consentida, conquistada, escolhida, pensou êle, extraordinariamente de acordo com a noite, como se o seu pensamento não tivesse sido feito para a luz. **“Os homens não são os meus semelhantes: são aqueles que me espiam e julgam; meus semelhantes são aqueles que me amam e não me espiam, que me amam contra tudo, que me amam contra a queda, a baixeza, contra a traição, que me amam a mim, e não ao que fiz e farei, que me amassem tanto como eu próprio me amaria, — até o suicídio...”**

Só com ela tenho em comum esse amor, dilacerado ou não, como outros têm, juntos, filhos doentes que podem morrer... Certo, isso não era a felicidade: era algo primitivo que se casava às trevas, e acendia nêle um aperto imóvel como o de uma face contra outra face — a única coisa nêle que fôsse como a morte.

“Sobre os telhados, já havia sombras em seus postos” (pg. 48/9).

A condição humana se evidencia em todo o desenrolar do romance. Malraux nos põe face a face com a nossa realidade. Sentimo-nos projetados contra um espelho convexo, na transfiguração grotesca do “eu” que sabemos existir em nós, e preferimos ignorar. Mundo cheio de mistério e de amor, de irrealizações e de pureza, prenhe também de nojeiras e baixeiras, no emaranhado complexo da personalidade humana.

Outros tantos personagens valorizam o livro. Com seus dramas coloridos e monótonos, na vacuidade de vidas sem destino, cheias de vacilações e incertezas. Malraux nos fez mal. Tirou-nos da tórre onde permanecíamos ilhados, onde todos fingimos ficar, na sofisticação de uma vida ignóbil da consentaneidade de vida com um mundo difícil de entender. Compreendo agora os motivos que levaram Otávio de Faria a escrever (“Os Loucos”): “Mais uma vez me ponho a sofrer por este mundo em que vivemos, mundo de onde a Caridade foi banida, mundo de homens; mundo onde somente uma nova loucura, a loucura da Cruz, poderá orientar e dar sentido à loucura e ao sofrimento dos homens”.

Malraux conta a história de uma revolução fracassada na China tradicional, onde os “coolies” sofrem e padecem, num estranho conformismo indigno da natureza humana, à espera de um nirvana que não virá, pois não cremos em soluções divinas para problemas humanos. O homem está preso ao seu destino. Fatalmente. Daí a tragédia da vida, na tentativa inútil de libertação. André Malraux sabe contar essa história, a história dolorosa dos complexos e superações que se chocam, na afirmação trágica da personalidade, em meio aos desacertos e aos falsos caminhos das ilusórias soluções.

Em meio a tudo isso, a criação artística é salvação e redime. É o refúgio do homem verdadeiramente homem, empolgado em si mesmo, na luta incessante de auto-superação, na ridicularia e na

OS CAMINHOS DA FICÇÃO

Por mais que se enalteça a inter-relacionalidade da arte para com a vida, se procure a unidade da sua gênese criacionista, a verdade, é que a vida ainda se mostra como o maior limite e o mais complexo objetivo da arte. Fonte de tôdas as contradições, ela é, igualmente, o seu maior impulso. Como se êsse jôgo fôsse a definição exata da sua própria essência. Como se fôsse, nas coordenadas da sua tencionalidade, o factor formativo e formalístico que a enclausura, coibindo-a de se revelar em tôda a pujança dos impulsos que dirige. Isto, independentemente de a vida ser o elemento imprescedível de toda a arte, a sua mais inesgotável fonte de conhecimentos, e o seu mais forte impulso vinculador de renovações. Independente, se não agravado pelo facto de não se terem ainda identificado todos os caminhos através dos quais a arte se exprime, se revela com as suas formas expressionais e os seus métodos de elaboração. E muito embora seja, ou pareça ser fácil distinguir entre si as formas de que a arte se reveste, quer elas sejam designadas por música ou pintura, por escultura ou poesia... Sim, por que não? Ou se julgue comezinho diferenciá-las o que em arte seja prosa e poesia, o que em arte se entenda por processos plásticos ou literários. Mais; o que dentro das suas formas de expressão literária, se convencionou por ficção — numa metodologia tanto ainda ineficiente, não aceite, combatida.

Certamente que não existe arte onde não exista vida, naquele sentido, comezinho de criação: soma total das acções reflexas testemunhadas, desenvolvendo a sua função de equilíbrio e independência através de valores emocionais. Assim, tôda a problemática, bem como tôda a temática, se conjugam no aglomerado e para o aglomerado expressional afim de atingir essa independência. O atingi-lo ou não, pertence já à raiz das forças conjugadas, por mais que o problema do romance esteja mais ou menos definido, e esclarecidas as coordenadas da sua interferência na criação literária. A confirmá-lo, aí tantos quanto raro será cada um não ter intentado para seu uso um significado dessa forma de expressão ficcionista em arte, quem não lhe tenha marcado um lugar definitivo e exclusivo na sua vida mental. Mas, dar-se-á o mesmo com essas outras formas do género ficcionista: o conto e a novela? Seguramente que não. Qualquer leitor, e quase todo o crítico, aceitam sem discussão o que autor lhe dá, e com o nome com que lhes dá. Poucos vão além da tabuleta, procuram o vinho. Indagam até onde um trabalho de ficção poderá ser considerado conto, este deixará de o ser para designar-se por novela, e esta perderá as suas veleidades de batismo para ganhar as esporas de romance. Mesmo, quem dentro de nós indaga que acção os distingue? Que forças diferenciais de fabulação, específica para cada uma destas formas e dando-lhe a mesma participação de género criacionista: automático, reflexivo,

torpeza de um mundo inconsciente e venal, alheio às supremas vacilações de um espírito em luta. Malraux conseguiu simbolizar tudo isso, extraindo de uma história banal o entreccho de um romance magnífico, onde se chocam as paixões e a vida, na afirmação veemente do dito satreano que anda indevidamente em bocas idiotas: "Je ne suis pas, j'existe".

Esdras do Nascimento

intuitivo e voluntário, na sua necessidade de expressão? Participação com essa que deixada no olvido, essa outra forma expressionista que se chama narrativa, da mesma função emocional de esclarecimento humano?

Todos estes problemas, tôdas estas dúvidas nos são levantadas com o novo livro de Salim Miguel: "Alguma Gente" (Edições "Sul", Florianópolis, 1953), pelo autor designado como de "histórias". Este simples acto releva-o para uma tentativa de limitação de valores — de conceitos, seremos mais exactos — em que a participialidade da arte e da vida se entrecruzam, erguendo vivamente os seus vários problemas e marcando as diferentes posições que se lhe vão encandando. Deste modo, impossibilitado de uma definição concreta com que designasse os seus trabalhos, opta pela solução que mais honesta lhe pareceu e ofereceu. Sem viso, por mais esparádico que fosse, de lhe poder chamar romance, sentindo verdadeiramente quanto difícil seria considerar os trabalhos reunidos neste seu segundo livro, como contos ou novelas, apenas lhe restava o designativo de "histórias", o que o satisfiz. Ora, na realidade do primarismo ficcionista, por histórias se englobam todos os trabalhos hoje designados por romance, novela e conto. Mesmo no nosso tempo, de todo não se perdeu essa designância inicial, perdurando como denominação do que podemos considerar como histórias populares (literatura oral) e histórias para crianças (literatura infantil), depois de ter sido esquecida após a fase das histórias de cavalaria. Fase essa que se desdobra e multiplica, e por vezes até se confunde, lá de onde em onde. Caminho êsse donde a narrativa parte em busca do revividamente passado, e que se recria com aquele condão tocando tôdas as emocionalidades, sem esquecer as da relembração. Para, afinal, se manter desconhecido e afastada. Só.

Isso não impede, contudo, que todos esses caminhos da ficção (por mais afastados que se encontrem da realidade acontecida, como no caso do romance histórico e da narrativa) tenham a sua coudação exercida por quatro agregados, principalmente por quatro: o da acção em movimento, o do biotipo em conflito, o do tempo em reacção e o do lugar em causa. Conjuntamente, o entrelaçamento das estruturas sócio-culturais, além dos primados económicos, dão ás substâncias emocionais em jogo o verídico da sua tencionalidade: colectiva, no romance; individual, na novela; épico-poética, no conto e expositiva na narração. Independente de múltiplas outras interferências, note-se principalmente das que o autor exerce dentro da acção ficcionada. Mas que, na narrativa, atinge sempre uma preponderância decisiva, quer ela se exerça por reflexo — como no caso de Salim Miguel neste seu "Alguma Gente" — quer ela se desenvolva directamente — como no clássico exemplo de Fernão Mendes Pinto em "Peregrinação". — Preponderância esta que o tempo, memorialistamente latente, prefaz, correleciona gradualmente nas suas substâncias emocionais e inter-esclarecedoras, tematicamente objetivadas, directamente humanas.

Presisamente por isso, por efeito dessa preponderância que, conforme o mesmo Salim Miguel tão intensa e sinceramente o vem mais a confessar na sua narrativa "Serapião" (ver: "Sul"-21 páginas 44 a 50), o que diferencia em especial esta forma de ficção, mais intensamente do que o romance ou o canto, do que a novela. "E a parte humana e artística nela contida, e o que ela significa": "... alguma coisa mais íntima". Alguma coisa mais íntimo e afetiva, e mesmo assim directa, que o simples revolver da reminiscência não ex-

plica, ou sequer qualquer jogo de valores psíquicos com que se pretenda descobrir a chave da sua intencionalidade. E que, sem deixar os limites da ficção, conjugada pela observância dos estímulos do meio envolvente a que cada caso de reflexão, se desenvolve, se propõe, dando os condicionamentos de beleza estética que lhe são afins, e por assim dizer puramente experimentais. Dando-as, sinceramente que dando esses condicionamentos estéticos, tal como um estímulo do presente ao passado, através das suas lutas e recalques, dos seus choques e imagens, de tudo o que era entre um tempo e outro o fio consequente. E onde os valores objectivos se propunham lado a lado, negando-se a considerarem-se um fim em si mesmos.

Manja que Salim Miguel tenha conseguido manter-se fiel ao acto de simples narrador. Manja, sequer, que tenha sabido independizar-se dos seus próprios fantasmas e das suas qualidades de contista, amarrando uns e desfazendo-se dos outros. Daí o sentir-se que as duas citações que faz no início do seu livro, e assinadas por Dostoiéwsky e Stendhal, são mais que uma simples explicação, mais que um sinal de esclarecimento intuitivo, e por isso posterior à recriação dos seus tipos. Necessidade essa que nos conta, mais propriamente nos diz quanto se espera de compreensão e julgamento. Mas que nos parece desnecessária para quem, direta e simples, tão intensamente nos sabe pôr em frente de um "J. M., cego" ou de um "Ti Adão". Uma objectividade dum contista nato, que só mais tarde dá a fala ao narrador, para que este venda então o seu peixe, conte a história, se explique e dê as razões da fala, e continue a história. História essa que se insinua, se prolonga, retrocede, que reage e continua mesmo após a narrativa terminada, como se fios soltos ficassem suspensos na nossa imaginação, e os personagens apresentados tivessem ainda algo a desvendar. Como se tudo permanecesse vivo e presente, imediato.

Mesmo um ou outro excesso de narrador, nada mais prova e confirma que essa presença; mesmo. um ou outro pormenor obsecadamente vincado, somente nos destaca ainda mais essa presença. Como o caso da volta a J. M., ou a lembrança do canivete. Simples elementos de retrocessão ao passado inolvidado, e que o impele pelos caminhos, pelos velhos e esquecidos caminhos da ficção. Num movimento, numa unidade expressional, própria e típica, feliz. E abrindo-se na moderna literatura brasileira como uma afirmação de rejuvenescimento, que apraz destacar.

Augusto dos Santos Abranches

RAUL LARRA, ESCRITOR SOCIAL DA ARGENTINA

De uma infinidade de comentários e ensaios críticos que temos lido, ultimamente, sobre literatura latino-americana, encontramos as duas melhores definições em Fedine e Pablo Neruda. Segundo as conceituadas opiniões do crítico e do poeta, existem na América Latina, duas classes de escritores realistas.

Numa delas estão incluídos os escritores que há alguns lustros, despertaram a atenção dos intelectuais europeus, com a rudeza de uma prosa maciça, autêntico documentário da exploração, miséria e sofrimento das castas mais humildes do continente; na outra alinham-se os novos escritores que compreenderam a tempo que a mensagem e os temas legados por seus ilustres antecessores, estavam envelhecendo, que havia que transformá-los a fim de dar-lhes mais ampla repercussão. Enquanto os pioneiros escutavam mui somente a consciência solidarizada com os humildes, os segundos pensavam também em modificar-lhes a vida, em guiá-los na luta pela emancipação social.

Alguns dos primeiros compreenderam e seguiram o exemplo dos novos, mas a maioria deles não teve coragem para salvar o passo que se lhes deparava entre o passado e o presente, e seguiu repetindo os temas naturalistas ou neo-realistas — que no fundo são idênticos, não obstante os matizes com que queiram enfeitá-los. Cristalizados que foram, alguns elementos desta maioria, não puderam resistir à sugestão do canto das sereias, o qual tem sua expressão máxima na revista "Cuadernos", órgão da Associação pela Liberdade da Cultura, que vê a luz da publicidade em Paris, e é o que de mais indesejável e retrogrado existe atualmente no campo cultural.

Entre os escritores do segundo grupo, que ensaiam um realismo socialista, renovador, cujo principal fim é o de liberar o homem das dores do velho mundo e prepará-lo para a realidade da vida futura, surge agora o argentino Raul Larra. Ainda jovem e já se tinha iniciado no mundo das letras como biógrafo, com obras admiráveis de interpretação e análise crítica, tais como "Payró, el hombre y la obra", Lisandro de la Torre, vida y drama del solitario de Finas" e "Roberto Arlt, el torturado".

Com estes livros, logo conquistou uma invejável posição literária, difícil de ultrapassar; mas o que começou a dar-lhe nomeada foram os seus pequenos romances: "Gran Chaco", "Encuentro en la Noche" e "Sin Tregua".

Deixemos de lado, na feição do presente artigo, os seus exaustivos e conceituados trabalhos biográficos, saudados com entusiasmo pela crítica responsável da Argentina, e analisemos ainda que concisamente, a sua obra de ficcionista. Com "Gran Chaco", deu-nos, em traços gerais, uma visão do drama do colono atraído pelo ouro branco — e algodão. Através das páginas deste breve romance, Larra descreve-nos o exódo de homens de diversas nacionalidades, caminhando dia após dia em demanda das terras bravias da província chaqueña, que lhes surge em sonhos como um Eldorado. A tragédia de suas vidas errantes, irmana-os. A fome de um, é a fome de todos: fome pela terra virgem, aninhada de escorpiões e víboras. O autor, que faz excelente uso da história, vai tirando dela a sua filosofia, acompanhando a trajetória humana.

Os problemas focados neste livro são múltiplos, produto da triste realidade que agrilhoa a Latino-América em geral, e a Argentina em particular.

A completar o quadro doloroso dos camponeses errantes, acompanhados de mulheres e filhos, conduzindo o gado, que é tudo quanto possuem, surge a desolada paisagem com pequenos povos aterrizados pelos tradicionais caudilhos, opressores do colono pobre, inimigos do progresso e cérebros dos trusts algodoeiros.

Com exceção de Alfredo Varela, em "Rio Oscuro", nenhum outro escritor argentino ousou tratar tão profundamente o problema dos latifúndios.

Com este romance, traduzido em russo, "Encuentro en la Noche" e "Sin Tréguas", Larra ingressa na literatura vanguardista. A linguagem usada é dialética; na sua prosa as palavras, embora fluentes, incisivas, são precisas, quasi matemáticas; o estilo é objetivo, claro, rico de expressão, inteiramente depurado de frases buriladas, de retórica estéril e de ideologias místicas. Os livros citados são diretos, sinceros e, sobretudo, corajosos.

A ação de "Encuentro en la Noche", desenrola-se na grande metrópole de Buenos Aires que, como tôdas as grandes cidades do Ocidente, serve de cenário a uma constante luta de classes e a brutais perseguições políticas. Ao contrário das personagens de "Gran Chaco", camponeses desorganizados, apenas guiados por um instinto de rebeldia contra o opressor, o dèste livro é um militante esclarecido, consciente, retemperado, que reclama, do fundo da prisão, o direito à vida. Em descrições sóbrias, sem exagero de metáforas, dá-nos Larra alguns quadros magistrais, repassados de tragédia, sim, mas também iluminados de esperança. Dêles se releva o homem insultado, perseguido, torturado, mas nunca vencido.

Os dois livros citados — embora sejam livros do nosso tempo, de perfeita talha literária — podem ser considerados ensaios para a elaboração do belo romance que é "Sin Trégua". Aqui, o autor é mais profundo, desce mais ao âmago do proletariado, e o tema por êle desenvolvido, é mais vasto, mais ambicioso, pois que radiografa um mal crônico da sua pátria, que a tem manietada, à mercê dos grandes consórcios estrangeiros. Larra não se limita a radiografar as mazelas, diagnóstica também, indicando os meios mais viáveis para uma cura possível.

Através da leitura de "Sin Trégua", acorrem-nos à memória "Ci-trón" e "Fábrica de Sonhos", de Ehrenburg, não tanto pelas afinidades ideológicas, como pela maneira de narrar.

Trata-se do trabalho humano nos frigoríficos, essas moles de cimento espalhadas por toda a cidade, cujas chaminés fumegantes, assim como o som extridente das sereias e o mugir enlouquecido dos bovinos ao pressentir a morte, nos avivam a imaginação.

Pelo livro de Larra, nos inteiramos de como funciona a engrenagem destes infernos terrestres, onde um trabalho insalubre suga lentamente a vida dos mais robustos operários, vítimas de um frio artificial que lhes provoca reumatismo, tuberculose, brancelose e uma infinidade de doenças mais. "Sin Tregua" está inspirado na vida de José Peter, militante sindical e operário da carne, cujo exemplo de luta e orientação, serve hoje de lema aos trabalhadores dos frigoríficos. Larra demonstra que se deve estudar devidamente os assuntos, sobre os quais pretendemos escrever.

Devido a flagrante actualidade que porta em si, este livro desperta a atenção, aviva a curiosidade, de página para página. Através delas vamos recordando factos olvidados, tomando conhecimentos de outros ignorados e, de repente, quasi sem nos apercebemos, temos a impressão de vivermos em plenas câmaras frigoríficas e ouvir as

despiedades e insinuantes vozes dos capatazes: **Muévase, hay que moverse mucho. Cuanto más ligero se trabaja mejor se defiende del frío. No debe quedarse quieto un solo segundo.**

Há que mover-se muito para acompanhar a velocidade do engenho: **Los que no aguanten, afuera. Los débiles y enfermos, afuera.**

Los gastados por el trajin incesante, afuera. La noria pide carne joven, sangre joven. Y la juventud se derrumba del alba a la noche en el estrépito febriciente del frigorífico.

Não é somente a luta sindical por melhores condições de vida, por processos de trabalho humanizado, que surge no livro de Raúl Larra. Este intercala na acção do romance, alguns capítulos de con- ceitos filosóficos, com que vai historiando a criação dos frigoríficos, desde a invenção do francês Tellier, até o monopólio que dá indústria da carne congelada criaram nas margens do Rio da Prata os trustes anglo-ianquis.

"Sín Tregua" não é uma obra anticosmética, não obstante o seu caracter panfletário. As suas páginas tem beleza literária, quasi nunca igualada na literatura argentina.

Quem quiser saber o que representam os frigoríficos argentinos, assim como os problemas que a eles estão ligados, não tem mais que ler o excelente romance de Raul Larra.

Antônio Simões Júnior

MARIA EUGENIA VAZ FERREIRA

María Eugenia, auténtico valor de las letras uruguayas, nació en Montevideo el 13 de julio de 1875, y murió el 20 de mayo de 1924.

Fuó educada en su propio hogar. Familiares suyos le dieron cultura estética, aprendiendo así a tocar el piano y a pintar, como era de costumbre en las familias burguesas de la época. Sintió predilección por Wagner y Chopin. Se comenzaron a conocer sus versos cuando apenas contaba diez y ocho años; aunque nunca publicó en vida sus poemas, estos salieron a luz en un libro llamado "La Isla de los Cánticos", después de ella muerta como homenaje de su hermano el ilustre filósofo Carlos Vaz Ferreira. A ella como verdadera poeta no le interesaba la publicidad. Sus poesías aparecieron en su época, en forma esporádica, en diarios y revistas, publicadas por amigos.

Cuando leemos a María Eugenia, no sólo encontramos la emoción y el éxtasis que necesita todo poeta para escribir; sino que hay en ella, la intensidad y la fuerza de un verbo supremo. Tiembla en ella la corriente de un río caudaloso y de una tierra yerma y ardiente, la llamarada que se va convirtiendo en sombra y silencio. Para darle una forma definida, la podríamos comparar a un arquitecto de ensueños, construyendo el más bello palacio, donde las fuentes abrieran las bocas de sus surtidores y los pájaros fueran los suaves arpistas del viento, las flores se acogieran en los brazos de la noche para resucitar con el sol en una policromía de colores.

Es una poetisa concentrada en sí misma con todo el misterio de la selva entrañable, una selva en medio de una noche profunda, cubierta de estrellas, de una noche que llevaba en los ojos, que la envolvía, que se tomaron de la mano para marchar por la vida y hacerse inseparables. Mujer extraña andaba entre las sombras en un renunciamiento físico y material; pero indudablemente llevaba en su frente el ardiente sol de la idea. Quizás buscaba una liberación imposible, entregándose a la creación poética, como quién desata del alma la hoguera trágica de un mundo callado pero que se quiere gritar. En su creación perfecta ponía el torrente de su inspiración sin ocultar su desesperanza y la tristeza de una eterna espera.

Sus fuerzas interiores se rebelaban; pero nunca fué destruída la envoltura carnal, ella guardaba profundamente su orgulloso dolor. Es difícil poder penetrar en el alma de María Eugenia, por que se acorazaba en una cruel soledad rehuyendo toda conquista. Nada la desligaba de su fatalidad, a bismada en su desconformidad no se despojaba de su mística idealidad. Decía con angustia:

**Oh, noche, yo tendría
una palma futura, desplegada
sobre el gran desierto,
si tú me das por una sola noche
tu corazón de terciopelo negro,
y yo, al compás de su morena sangre,
canto con las ondas beáticas el sacro silencio.**

Ese ruego a la noche no fué desoído. La victoria de la noche cayó sobre ella como una envoltura inmutable. Sus imágenes, sus visiones, su dolor están en la materia; pero su razón vaga por la luminosidad de una senda sólo conocida por ella. Penetrando en su poesía vamos adivinando su mundo en el cual estamos limitados por su trágica sinrazón. La encontramos dialogando consigo misma, altiva y triste a

la vez. Su palabra se va deslizando como el alud desprendido de las montañas.

Procuramos entender su lógica, su razón, su decir, su estilo. Está entonces levantada una incógnita de sombras, de noches, de locuras, de resignado andar y hasta de llanto. Imposible encontrarla venciendo alguna vez a la tragedia, siempre es irreal, siempre encerrada en la luz de su universo.

Lo real de su vida es haber soñado en forma infinita. Del canto esperanzado de su adolescencia, cayó de a poco en un juego confundido con el crepúsculo del alma. Su realidad total se puede decir que vive en un más allá. La sangre si fué vibrante perdió intensidad cuando el espíritu se va deshojando de las primavera les quimeras. María Eugènia perdió su Luz para la comprensión del mundo cuando en realidad alcanzaba la plenitud de la embriaguez de saberse más libre, más inalcanzable, más vasto su cielo, más agrietada la tierra que la esperaba. Como la soberbia estatua de una diosa, cuya intensa sed le quemó las venas, se convertía en una especie de piedra de formas olímpicas, de belleza pura y esencial. Fué quedando sin su esencia la enorme hoguera, las cenizas tendrían su lecho en la tierra. Fôda María Eugènia se hizo esfinget, sus astros descaban las nubes, en la selva se aparaban los ríos. Ya no despertaría más porque estaba aprisionada entre los sutiles hilos de la locura ya a un paso de la otra Noche, la que se abría en la tierra de entrañas apretadas, horada de raíces.

Es triste pensar que aquella frente cerrara sus caminos y se perdieran para siempre sus auroras. Aún el destino estaba trazando su horizontal, aún corría la sangre por su pulso, y el mundo ya no sentía el perfume de su selva; pero ella alentaba sus últimos versos transfigurada en el vuelo más alto, consubstanciada con sus dioses invisibles.

Partió, quizás, dolorida como un árbol herido, quizás aterida de frío como un pájaro sin nido; pero fué muy generosa al dejarnos su alforja de cantos.

Poseemos su universo inexplorado, ha dejado aquí, en sus versos su misteriosa selva, en ellos la encontramos en un nuevo repliegamiento de la materia pero viva en esencia.

Matilde D'Espaux.

NILTON NASCIMENTO E O CINEMA DO SUL

Aproveitando a presença, entre nós, do jovem cineasta gaúcho Nilton Nascimento, fomos ouvi-lo e registrar suas palavras sobre suas atividades, as quais tem se salientado no cenário cinematográfico brasileiro.

Nilton Nascimento nos recebeu muito amável e logo prontificou-se a responder nossas perguntas.

Bastante moço, Nilton Nascimento entretanto possui larga e variada experiência no "métier" que abraçou, pois há muito tempo vem se empenhando em realizar bom cinema, longe dos grandes centros brasileiros, que no caso, são Rio e São Paulo. Poderíamos dizer que Nascimento vem atuando na "província", embora tenha já passado por estúdios cariocas e paulistas, e isso não o desmerece, pelo contrário, aumenta o seu prestígio, pois maiores são as dificuldades e os problemas que surgem fora dos principais centros produtores de cinema. E Nilton Nascimento tem sabido enfrenta-los e resolve-los, pois gradativamente vem estendendo suas atividades através do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sempre dentro das normas e são princípios que regem o artista consciente.



O cineasta Nilton Nascimento em palestra com a nossa reportagem

A primeira pergunta que formulamos, Nilton Nascimento nos relatou: "Iniciei minha carreira cinematográfica há 9 anos em Pôrto Alegre. Sempre dei toda minha atenção ao cinema, tendo passado da teoria à prática quando, com algumas economias, adquiri uma filmadora de segunda mão, e iniciei a rodagem de um documentário sobre a capital gaúcha. Em três meses estava com o copião pronto, e por iniciativa de amigos, exibi o mesmo para o mestre Cavalcanti que se encontrava de visita ao Rio Grande do Sul. Para surpresa e satisfação de minha parte, ele gostou da fita e convidou-me a participar do

Instituto Nacional de Cinema que organizava. Lamentavelmente, o Instituto não safu, e eu continuei em Pôrto Alegre”.

Indagamos de suas produções, e Nascimento nos respondeu: “Até hoje produzi um total de 63 documentários, sôbre os mais variados assuntos, e todos êles de curta-metragem. Posso destacar alguns que foram muito bem recebidos pelo público e pela crítica. Por exemplo, NEGRINHO DO PASTOREIO, sôbre a conhecida lenda gaucha, que hoje pertence a Art Films, tendo sido exibido em todo o Brasil e no estrangeiro. PARQUE, que foi apresentado no I Festival Internacional de Cinema de São Paulo; 24 DE AGOSTO, produzido para a Bandeirantes Filmes, baseado nas reações populares após a morte do Presidente Vargas ocorridas no Rio, São Paulo e Pôrto Alegre. O documentário O AEROPORTO que versa sôbre o novo e moderno aeroporto Salgado Filho de Pôrto Alegre. Aliás, êstes dois últimos já foram apresentados aqui em Florianópolis no circuito dos Estabelecimentos José Daux S. A., e o PARQUE exibido em sessão especial no Cine Ritz, a qual contou com a presença do Exmo. Sr. Governador do Estado e outras autoridades, além de membros do Clube de Cinema daqui, e da imprensa em geral”.

Perguntamos ainda de suas atividades no terreno de longa-metragem, ao que nos contestou: “Participei sômente em dois filmes de longa-metragem. VENTO NORTE de Salomão Scliar, rodado na praia de Tôrres, no qual fui “cameraman”, e TÔDA A VIDA EM 15 MINUTOS, realizado nos estúdios da Brasil Vita Filmes no Rio de Janeiro, em que fui assistente de direção”.

— E atualmente, quais são suas realizações?

Resposta: “Estou produzindo uma série de documentários sôbre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Já viagei pelo sul catarinense e tive ocasião de observar a existência de grandes motivos que devem ser focalizados e mostrados ao público brasileiro. A produção e extração do carvão, a pesca, num cenário natural que raramente se encontra, são assuntos que devem ir para as telas. Florianópolis, particularmente, me atraiu. As belezas das praias, o aspecto da cidade e sua vida, têm muito de interêssse para o turista, e sob êsse aspecto pretendo iniciar no próximo ano uma sequência de curtas-metragem. A natureza aqui da ilha deve ser do conhecimento de todos os brasileiros, pois é muito característica e tem possibilidades de propiciar os maiores atrativos para turismo. O ideal mesmo, seria fazer documentários não só de âmbito nacional, mas sim com exibição fora de nossas fronteiras”.

Não quisemos tomar mais o tempo de Nilton Nascimento, pois vimos que êle estava com seu equipamento pronto para filmar algumas vistas de Florianópolis para um de seus noticiários cinematográficos, conforme êle mesmo nos adiantou. E assim, agradecemos sua boa vontade para conosco, encerramos nossa pequena entrevista.

G. R. C.

BREVE APONTAMENTO SÔBRE

O CINEMA E O MUNDO DO NOSSO TEMPO

Numa época decisiva como a que vivemos, em que ruíram as mais velhas torres de marfim de outros tempos, os artistas estão presentes nas lutas de todos os dias, tomando parte nos acontecimentos que agitam o mundo do nosso tempo.

Não alinham todos na mesma barricada. Uns querem agarrar o passado nas suas mãos, outros olham com confiança para o futuro. Uns querem continuar indiferentes, superiormente indiferentes ao mundo que os cerca, outros querem que esse mundo seja tão humano quanto a sua arte. Fala-se em "arte pura" e em "arte social"; mas esta questão é um mito António Vale, num magnífico ensaio afirmava há pouco na "Vértice" que por muito que os artistas pensem realizar uma obra de arte "pura", indiferente ás influencias da sociedade em que vivem e neutra na sua própria influência, não o conseguem nem o conseguirão jamais. A obra de arte pode não ser um tema ou um assunto: reflecte porém sempre a realidade social em que as idéias do artista germinaram. Pode o artista querer libertar-se de todas as influencias da vida e das lutas da sociedade, ou pode apenas ignorá-las. Essa vida e essas lutas estão porém presentes em todas as suas emoções, pensamentos e realizações. Presentes porque são uma sua causa, presentes também nas suas realizações porque, ao realizar, o artista participa na vida e lutas da sociedade, exercendo, (com vontade ou sem ela) uma influência não apenas artística e "servindo" (com vontade ou sem ela) alguma das forças em presença. Queiram ou não os artistas, tenham ou não disso a consciência, toda a arte, todas as obras de artes, estão impregnadas de significações sociais".

E mais ainda se essa arte fôr o cinema. Porque nenhuma outra tem, como o cinema, igual poder de insinuar e convencer, de moldar emoções e consciências; porque nenhuma outra possui, como o cinema a atração que este exerce, com os seus vastos mundos desconhecidos e belos, tanto nas almas rudes como nas de requintada sensibilidade. O próprio Papa Pio XI afirmou, na sua célebre encíclica sobre o cinema, que "não há hoje um meio mais poderoso para exercer influência sobre as massas, quer devido às figuras projetadas sobre as telas, quer pelo preço do espectáculo cinematográfico, **ao alcance do povo comum**". Na verdade, nenhuma outra arte chegou, como o cinema tão junto às massas. Eis porque o cinema não é arte pura e não pode manter-se **neutro** no meio das convulsões que agitam a nossa época. Os filmes considerados de "pura distração" têm profundas significações sociais. Um vulgar filme americano de gangsters pretende mostrar a rudeza brutal dos gangsters, mas também que eles nada podem contra a sociedade, que acaba sempre por os exterminar. O primeiro êrro destes filmes consiste em que pretendem mostrar os gangsters não como seres como nós, com os seus ideais muitas vezes humanas como os nossos. Eles não roubam por roubar, não matam por matar, mas porque a sociedade os expulsou e não lhes permite viver doutra maneira. Por isso têm Sindicatos do Crime, os únicos sindicatos que a sociedade lhes concedeu. Não se fizeram gangsters por acaso da sua própria vontade, eles são o que a sociedade fez deles. Qual o filme americano construído nestas bases? Qual o filme americano que mostra, como o fez André Cayatte no libelo extraordinário que é "Nous sommes des assassins", o processamento da alma de um criminoso?

O cinema é uma arte demasiada cara, pela exigência de volumosos capitais que implica, para poder ser *arte pura*. Enquanto a música poderá ser apenas "música", a pintura apenas "pintura", o ballet apenas "ballet", o cinema, como aliás também a literatura e o teatro, tem de possuir um conteúdo — e esse conteúdo reflecte necessariamente significações sociais. Uma simples obra musical sobre a Broadway, reflecte a posição do artista que a realizou, no caso dos filmes americanos um completo desinteresse pelas inquietações criadoras dos artistas, como se eles não pensassem em outra coisa a não ser na questão sentimental que ora une e ora divide o "par romântico" em que a acção sempre se centraliza.

A importância dos filmes chamados "neutros" é tão profunda, que chega para definir toda a história do cinema de um país, analisado até as mais fundas raízes. Quem já leu "O gangster no cinema" de Salvyano Cavalcanti de Paiva, verificou a espantosa facilidade com que o autor demonstra a correlação existente entre os filmes de gangsters e a história do cinema americano, inclusive grande parte da própria história dos Estados Unidos da América.

Os mais estúpidos filmes possuem sempre significações sociais. E não é de estranhar que assim seja, porque o cinema é a mais social de todas as artes, pois nenhuma outra tem tamanha audiência de público, nenhuma outra pode ser entendida com mais facilidade. Jorge Brum do Canto, ha mais de vinte anos nos bons tempos da "Canção da Terra", escrevia: "O pensamento exprime-se por imagens no cérebro. O cinema, exprimindo-se por imagens, é a mais pura expressão do pensamento."

Seria absurdo admitir que "a mais pura expressão do pensamento" é susceptível de ser uma "arte pura", isto é, de nada dizer, de nada exprimir.

Certo é que o cinema, em grande parte do mundo, não está voltado para a vida dos seus povos, para os problemas de cada país. E se nós examinarmos até que ponto a guerra de 1939/45, a maior catástrofe do nosso século, **interessou** a produção cinematográfica, verificamos que é bastante reduzido o número de filmes que exprimiram a guerra *tout court*, com todos os seus horrores e devastações.

A explosão atômica em Hiroshima não deu a Hollywood assunção para um único filme, embora o ataque japonês a Pearl Harbour servisse sem exagero, para centenas de filmes americanos mistificadores.

O próprio cinema japonês, cuja produção é uma das maiores do mundo, apenas nos deu "Os filhos de Hiroshima", que Georges Sadoul considerou que "devia ser a grande revelação do Festival de Cannes de 1953," como em 1946 o foi "Roma, cidade aberta"

Numa época em que a maioria dos artistas e intelectuais toma acção decisiva nos acontecimentos do nosso tempo, organizando congressos, manifestações apelos, sofrendo prisões, exílios, ameaças e desperdícios, alinhando por vezes nas lutas políticas, é de estranhar a indeferença da maior parte da produção cinematográfica perante os cruciantes problemas dos nossos dias.

Se é verdade que a última grande guerra serviu de base para uma quase infindável enxurrada de filmes bélicos, torna-se necessário reconhecer que a maioria dessas obras poucas vezes respeitou a verdade histórica dos acontecimentos, confinando as suas atenções na acção romanesca ou espetacular.

A guerra, paralizzando por completo o cinema nos países ocupados pelos nasis, permitiu a Hollywood um largo incremento da sua produção fornecendo filmes a mercados que até aí se mostravam fe-

chados ou fracos consumidores. Os países neutrais, como os países aliados, tinham mais do que nunca necessidade de filmes, uma vez que a sua produção nacional estava quase reduzida a zero e os filmes alemães ou italianos haviam sido banidos das suas telas. Sem competidores, o cinema americano conheceu então o seu maior desenvolvimento industrial alcançado até hoje.

Poucos filmes Hollywood fez mostrando a guerra com sinceridade. Quase todos os seus filmes eram baseados no ataque a Pearl Harbour, em grandes histórias de espionagem e contra-espionagem, com submarinos que rondavam o território dos Estados Unidos, com gangsters que se regeneravam derrubando quadrilhas de nazis e evitando actos de sabotagem que punham em perigos a sobrevivência do país; e se, por poucas vezes, a ação destas obras se desenrolava na Europa em chamas, era para mostrar a valentia das enfermeiras americanas da Cruz Vermelha, apaixonando-se nas ruínas de Varsóvia ou de Paris, pelos feridos que salvavam.

Em 6 anos de guerra, Hollywood não fez um filme mostrando verdadeiramente esta guerra. Foi necessário que cada país, no meio de sangue e de cinzas, pusesse as suas velhas máquinas de filmar em ação, que desse um pouco de seu heroísmo reconstituindo os dramas que os tinham ensanguentado. Para um "Sangue, suor e lágrimas", foi necessário haver uma Inglaterra; para uma "Roma, cidade aberta", que existisse uma Itália; para uma "A terra ficou em chamas", que vivesse uma Dinamarca; para uma "A Batalha do Rail", que a França estivesse de pé, para um "Encontro no Elba", para uma "Batalha de Stalingrado" que a URSS não conhecesse o desânimo.

Foram necessários filmes como estes para o cinema cumprir a missão justa: mostrar de uns povos para outros, a lição extraída por cada um na guerra sofrida. Graças a estes filmes, os artistas que tinham sofrido a guerra, mostravam-na corajosamente; os que tinham sofrido a opressão, desmascaravam-na sem medo; os que sentiam na carne e no sangue, no coração e nos nervos, as feridas abertas pela guerra, expunham-nas aos povos, para que todos soubessem, para que ninguém se esquecesse. Não eram mensagens de desespero ou de fatalismo. Eram mensagens de esperança, num que, mais tarde ou mais cedo, tinha que ser erguido.

Muitos dos cineastas que, finda a guerra, acreditavam em que um mundo melhor surgiria, deixaram-se vencer mais tarde, atraídos pelas miragens sedutoras dos "bons contratos". Os "bons contratos" davam-lhes celebridade e dinheiro — bons estúdios e boas "estrélas".

E nas costas a palavra "VENDIDO".

Depois de 1945, quantas tragédias, mas também quantos movimentos gloriosos, encheram as páginas da história de cada país.

Quantas perspectivas se anunciam para o mundo de amanhã!

Mas que é feito do cinema? Que é feito dessa arte que é "a mais social de todas as artes" "a mais pura expressão do pensamento", "o meio mais poderoso para exercer influência sobre as massas"?

Num momento tão grave como o actual, grave para o cinema e grave para o mundo, não deve haver, para a crítica cinematográfica, missão mais importante do que esta: esclarecer os motivos que impedem o cinema de ser a arte de que os povos precisam — e unir, conjugar todos os esforços para uma luta dirigida nesse sentido.

Em vez de questões banais, que depressa se esquecem, analisemos esta questão capital: porque não debate o cinema os problemas do mundo do nosso tempo?

Vitoriano Rosa

CINEMA BRASILEIRO

Promovida pelo "Grupo de Estudos Brasileiros do Pôrto", realizou-se no dia 15 de junho, no cinema "Julio Diniz", do Pôrto, uma sessão cinematográfica com a reexibição do filme de Lima Barreto **O CANGACEIRO**.

Para apresentar o filme e dizer algumas palavras sobre o cinema brasileiro, foi convidado o periodista e crítico Henrique Alves Costa, **Presidente da Direção do Cine-Clube do Pôrto**.

Perante numerosa e atenta assistência, Alves Costa começou a sua palestra dizendo:

"Se outra vantagem não tivessem os Festivais Internacionais de Cannes e de Veneza, ficaria a seu crédito o fato de terem revelado ao mundo algumas obras cinematográficas que, de outro modo, dificilmente sairiam das fronteiras do seu país de origem. Há anos, o filme-revelação foi "Maria Candelária", que tornou universalmente célebres os nomes de Emílio Fernandez e Gabriel Figuerôa e viria a ganhar o prêmio atribuído à melhor fotografia, prêmio que, noutros Festivais e com outros filmes, Fernandez e Figuerôa voltariam a arrebatá-lo consecutivamente. E, dum golpe, o Cinema Mexicano entrou em todos os mercados mundiais. Outras surpresas viriam nos anos seguintes, donde menos se contava: do Japão, da Espanha (que parecia não ser capaz de sair dos melodramas de folhetim e que trouxe, de chofre, o seu nome para a primeira linha, com um original e amável filme satírico: "Boas Vindas, Sr. Marshall") e, finalmente, do Brasil, que teve premiados no mesmo ano: "Sinhá Moça" em Veneza e "O Cangaceiro", em Cannes.

"Estes dois filmes e "Caçara" que foi apresentado, no Pôrto, no ano passado, são os primeiros frutos do ressurgimento do Cinema no Brasil, depois de muitos anos de crise artística, técnica e financeira, crise tão grave que parecia nunca mais se resolver. Este ressurgimento devemos saudá-lo até como um exemplo para nós, portugueses, que continuamos com um cinema insipiente e característico, perdidos que foram os caminhos por onde deram os primeiros passos — esperanças mas bem depressa esquecidos — Leitão de Barros (o Leitão de Barros do "Nazaré" e de "Maria do Mar", entendamo-nos bem, não o L. de Barros do "Vendaval Maravilhoso"), o Brun do Canto da "Canção da Terra" e o portuense Manuel de Oliveira, autor do ainda hoje famoso "Douro, Faina Fluvial" e desse poético "Anikibóbó" cujos defeitos, na altura, tão criticados foram mas cujas qualidades não chegaram afinal a ser ultrapassadas.

"Podemos fazer até uma certa aproximação entre o cinema brasileiro e o cinema Português. Ambos têm vivido com imensa dificuldade, aos altos e baixos aos baldões da sorte. Mas se os períodos baixos foram mais acentuados no Brasil, em contra-partida ainda não chegou a Portugal a era do renascimento que parece iniciar-se agora em S. Paulo. Lá como cá os mesmos factores influíram consideravelmente para as crises que o cinema de ambos os países tem por vêzes, de seriedade e, em certa medida, também abrupto o advento do sonoro por que veio impossibilitar, pelo seu elevado custo, quaisquer tentativas no campo experimental".

A seguir, Alves Costa refere-se a história do cinema do Brasil dividindo-a em três fases: a idade do cinema silencioso, a época da decadência resultante do advento do sonoro e a era do cinema paulista ou de renascimento.

Em traços rápidos salienta o nível apreciável que lograram atingir a produção cinematográfica brasileira antes da idade sonora e enaltece os esforços e sacrifícios de um punhado de homens que, nessa altura, se empenhavam por incluir o cinema no patrimônio artístico da sua terra, recorda os nomes de Paulo Benedetti e de José Medina, de Humberto Mauro, de Joata Soares, de Luiz Maranhão, de Chagas Ribeiro, de Adhemar Gonzaga e de Carmen Santos. Cita vários filmes, entre eles "S. Paulo, a sinfonia da Metrópole", de Rex Lustig e Adalberto Kameni e traz a primeiro plano esse famoso mas infelizmente quase desconhecido "Limite", de Mário Peixoto.

Continuando o seu bosquejo histórico, o conferencista, relata a queda do cinema brasileiro, a invasão de aventureiros e "cavadores", descrevendo o quadro paupérrimo e desanimador do pseudo-cinema que se fazia no Brasil até à data da fundação da Companhia Vera Cruz. Salienta a seguir a importância decisiva que teve a intervenção de Alberto Cavalcanti no movimento renovador que se operou em S. Paulo lamentando que a sua ação não tivesse sido mais bem compreendida.

Terminando, Alves Costa refere-se a "O Cangaceiro" nos seguintes termos:

"Em meu entender, este primeiro filme de grande metragem de Lima Barreto nem tem tantos defeitos como lhe apontaram os seus detratores (e alguns teve sobretudo no Brasil, o que prova que ninguém é profeta na sua terra...), nem será tão bom como dizem os seus panegiristas. Porém, o prêmio que lhe foi atribuído em França, na classe de filme de aventuras, afigura-se-me perfeitamente justo. E' na realidade, embora superficial (porque não liga o cangaço às suas motivações) um excelente filme de ação a que não falta beleza e poesia. As deficiências que poderão apontar-se parecem-me derivar principalmente da própria estruturação da história e dos seus personagens. Alguns destes ressentem-se pelo fato de não terem sido moldados com maior profundidade. A professora, por exemplo, está dada apenas em traços esquemáticos ao passo que o cangaceiro nos aparece desenhado num estilo literário que lhe tira a autenticidade. Por outro lado, a longa sequência do combate contra os cangaceiros não passa dum parentesis na narrativa. Não serve para nada porque em nada adianta à história. Dá a impressão que Lima Barreto quis apenas fazer um brilharete interpretando a figura do Comandante...

"À parte, portanto, este ou aquele senão e uma ou outra bem compreensível quebra de unidade, o filme desenrola-se com excelente desenvoltura, tem um típico sabor francamente cativante e transparece um certo sentido poético e probidade artística. As primeiras sequências são até um ótimo trecho cinematográfico, com belas imagens, força, segurança de condução e de ritmo. Outra sequência notável pelo rigor da construção e uma inteligente utilização de grandes planos, é a da tortura.

"A par disto, a história deste cangaceiro transcende-se e eleva-se a um plano simbólico e poético se a quisermos aprofundar, vendo para além dela. Não foi propósito deliberado de Lima Barreto levarnos tão longe, mas o que no fundo significa essa figura de homem eternamente perseguido — perseguido pela Sociedade e pela Lei, perseguido pelos companheiros do cangaço — é a ânsia de Liberdade, ânsia que se sublima no Amor, Liberdade que só plenamente atinge pela Morte. (...). No seu conjunto, "O Cangaceiro" é uma obra positiva, honesta e prometedora. Acusa uma certa influência dos filmes de

Emílio Fernandez, mas nada perde com isso. Falta-lhe apenas um sôpro de vida interior e um bocadinho mais de equilíbrio para ser, já não digo obra excepcional, mas obra perfeita. Assim mesmo merece bem a nossa simpatia, o nosso aprêço e os nossos aplausos. Tomaramos nós que o cinema português pudesse atingir um nível assim... E se, mais tarde, o tempo vier a destruir esta primeira impressão de agrado que o filme suscita em nós, nada fará esquecer êsse admirável "Capitão Galdino", cruel, primitivo e infantil, que Milton Ribeiro encarna numa soberba criação.

"Será difícil, concluiu Alves Costa, e com certeza é ainda muito cêdo para fazer previsões sôbre o futuro do Cinema Brasileiro, mas já temos motivos para esperar que um dia, que talvez não esteja longe, o Brasil dê ao Cinema nomes tão grandes e obras tão sólidas como já deu ao Romance, à Poesia, ao Teatro e à Pintura. São êstes, de resto, os nossos mais sinceros votos".

H. Alves Costa

POEMA DA OUTRA CIDADE

Walmor Cardoso da Silva

Toma esta rua, por exemplo, ou mesmo
a quadra em que moras, o poste
aceso, as várias casas imóveis.
Toma esta cidade estranha, por exemplo.

Toma este amor que existe nela,
tôdas as ruas entardecendo, a casa
amarela e branca, a fotografia
do baile, o vestido rosa e renda e o cabelo.

Toma estes barulhos novos, a chuva,
os trilhos, esta ladeira terminando
em rua. Que luminosos não contam
meu sonho, meu sonhar antigo?

Toma tôda esta vida, fotografa o mar
que há em ti; cada navio cenarizando
as ruas longas dialogadas amorosamente.
Toma os dias cheios de duas vidas.

Toma o movimento, os apêtos de mão,
cada encontro carregado de emoção;
cada história eu te direi depois,
cada verso existindo em ti.

Pôrto Alegre, 21/10/54.

POEMA N. 7

Elizabeth Gallotti

Andando na rua
na rua vazia
pensava na vida
tão cheia de ti.

Com medo do mundo
e da noite tão fria
num apelo mudo
olhei a estrêla.

Sentia na noite
na noite comprida
da rua vazia
que eu também era
ruído perdido
e ninguém me ouvia.

Meus olhos brilhavam
de quente tristeza
eu muda falava
falava de amor.

Pedi para o vento
levar para ti
a minha palavra
e o vento malvado
passou do meu lado.

Pedi à estrêla
que um brilho mais forte
em noite comprida
te fosse um bilhete
bem simples de amor.

Falei para o mar
que tu precisavas
saber meu amor
o mar riu de mim
e mais uma onda
na areia jogou.

Mas não confiando
em promessa de estrêla
eu te escrevo hoje
meu momento triste
na noite comprida
da rua vazia.

26/9/54.

ALMA BRANCA

Leatrice Moellmann

Mulher que ama, e sente, e vive, e chora,
A mendigar por êste mundo vão
Raios de sol, revérberos de aurora,
Feixes d'ouro, pra encher o coração. . .

Mulher que ama, e sente, e sofre, e implora
Da alma humana um pouco de afeição. . .
Mulher que ama, e sente, e vibra, e adora,
E é calcada aos pés da multidão:

És tu, mulher, a negra de alma pura
Que por teres na pele a côr escura
A sociedade te estigmatizou !

Olha pra ela: é podre e anda de rastros;
Cega, não vê êsse fulgor de astros
Que te apagar na alma não logrou.

6/4/54

A INUNDAÇÃO DO POÇO 4

Heitor Saldanha

Foi lá por mil novecentos
e trinta e seis, mais ou menos,
porque em qualquer tempo é

de trabalhar e morrer.
porenquanto são poucos que têm o
[privilégio

de trabalhar pra viver.

Há dois dias que os ternos
se recusavam descer
ao fundo do poço 4.

Era uma enchente geral,
e o Arroio dos Ratos,
o Arroio dos Calombos
e mais águas clandestinas,
ameaçavam cada instante.

(Talvez precise explicar
que aquêlê banco de areia
ainda hoje é um perigo
embalando a massa d'água).

Mineiro é como a barata
quando pressente o perigo,
com a humana diferença
que um dispara, ou outro morre,
mas de morte provisória
para cimentar a luta
do sangue que fica aqui.

Nestes dias que vivemos
pensam que o sangue é remorso,
mas há de chegar o dia
em que o sangue será alegria,
harmonizado nas veias
de homens sãos e viris.

Firme pulso, firme alma, firme
[vida

Talvez se possa escrever
com permissão dos que amam.
Era há dois dias que os ternos
se recusavam a descer.

As águas já inundavam
o tunel do poço 1
que era poço de descida,
descida de material!

(Ah que os mineiros sabiam!)
E logo em seguida as águas
inundaram o poço 4.
Estrondo fundo, fumaça
que fumaçava no ar.

A pressão dilatou,
convulsionou as gerais.
Trilhos de aço enrolaram
como fôlhas de papel.
Langóis ficaram intactos.
Galerias, bôcas velhas,
ficaram de ventre enxuto.

Mystian FRANÇA

Um passeio

Carro de voltar

Mas a turma de emergência
já tinha baixado ao poço.
15 homens apenas
baixaram por tôda a mina.
A luta é subterrânea,
(Ó terra que em tuas entranhas
comes serpentes de fogo!)
com águas subterrâneas,
com amor subterrâneo,
com vida subterrânea.
15 homens apenas
baixaram por tôda a mina.
Lutemos e resistamos
porque a luta está travada.
15 homens lutando
no ventre escuro da mina.
Era a turma de emergência
que a direção fez baixar.
15 homens em luta
com elemento e silêncio
no fundo escuro da mina.
15 homens e as águas,
15 homens e a morte,
15 homens em luta
com elemento e silêncio
num ventre de solidão.
Um foi mais fundo que a terra,
de que o sol, de que o mar;
não teve enterro aparente
nem recursos familiares,
e dizem que era o mais jovem;

nasceu e morreu mineiro
além de tôdas as minas.
Dos 15 seis se salvaram,
ou melhor: não morreram.
Alguns tentaram o chafre.
Um alcançou a gaiola,
num cata-cega aflitivo,
abandonando o velhinho
que trazia de reboque.
E lá ficou o poço 4
paralizado, sombrio,
de ventre tímido, grave
como um protesto de dor.
Mas novos dias virão
para banir as torpezas,
inclusive êstes poemas
que só lamentam, não salvam.
Os trilheiros de amanhã
abrirão novos caminhos
e haverá novas normas
contra as inundações!
E hão de sangrar de remorso,
ou talvez mais que remorso,
os que só têm notícias
das injustiças de agora.

Mina dos Ratos 1953.

(Do livro em preparo "As Gale-
rias Escuras").

F U G A

Myrian FRANÇA

Um pássaro,
Cansado de voar,
Pousou no meu ômbro
E me emprestou suas azas.
Assim,
Senhora do espaço,
Minh'alma saiu ao encontro
De tua imagem
Que se perdeu no infinito.

Minh'alma
Cansada de voar,
Voltou à sua prisão.
E como o pássaro,
Cantou a angustia
De sua eterna soledade.

Garanhuns, abril de 1954.

SONETO DO FUZILADO

Para Federico Garcia Lorca

Clovis Moura

Não se encontra uma simples cruz na estrada
ou mausuleu na terra onde tombou
o poeta das rosas de Granada
que o verdugo das rosas fuzilou.

Uma angustia de dor despetalada
invade as rosas que o poeta amou
com amor tão puro como a madrugada
que o seu último "ay" presenciou.

Somente o sangue que ficou na arena
foi recolhido pela voz do povo
alento puro de tão dura pena.

E a dura pena traduziu-se em luta
do alento puro que nasceu de novo
e a vontade do morto hoje executa.

A POESIA É UMA ARMA

Em memória de PAUL ÉLUARD

José Terra

Quando os cidadãos trabalham sem cessar
seu mínimo caminho entre muros de opróbrio,
sente-se que um profundo canto estabelece
seu domínio obscuro, subterrâneo, ondulante.

Sob os sedimentos e a crosta terrestre
estão minando o tempo, estão cavando o espaço,
brandindo as palavras como ferramentas,
enterrando os soluços no fundo do seu peito.

Respirando o grisu, engolindo o tabaco,
constroem galerias dentro do seu crâneo
enquanto uma ave subterrânea se agita
bebendo pelos olhos a chama da lanterna.

Irresistíveis e anônimos, vêde a sua loucura
iluminada de sol e grinaldas de estrelas.
Sem repouso ou salário. Alguém sabe por eles
que o edifício da esperança floresce no mar.

CANÇÃO DA CRIANÇA PRISIONEIRA

Para a ÉLLADE

Albano Martins

Sou uma criança perdida
na imaginação dum bosque.
O vento solta-me o coração
mas prende-se os braços e o tronco
e nunca mudo de posição.

Os espanejadores do medo
levantam o pó das lágrimas.
O tempo empoeira-se de lendas
e a água da vida vai-se congelando,
enquanto os sonhos ressonam
e eu vou crescendo e minguando.

Queimem o bosque e procurem
o dicionário dos meus anos.
Não sei que idade tenho:
perdi a imaginação
e deixei a memória em casa.
Vivo por intuição.

ROMANCE QUASE BRANCO

Hernani de Lancastre

A nuvem passando,

no céu estrelado . . .

Nuns olhos sonhando,

luar espalhado.

A nuvem cobrindo

uma lua ausente,

da sombra emergindo

um hálito quente . . .

Fontes segredando

estranhos segredos

e uns dedos buscando,

na noite, outros dedos . . .

Em sonhos seguidos,

dragões trespassados,

castelos erguidos

e beijos roubados . . .

O R A Ç Ã O

A. Vicente Campinas

Mãe Paz, mãe protectora
da flor da Juventude,
irmã mais nova da Vida:
— Por ti, minha alma ora
— ela que é filha rude
do drama desta era atraçoada,
do drama desta era redimida
e ainda a redimir !

Por ti, Mãe Paz, suplico
mais sol prá terra amada
e alegria pra todos.
(Se for preciso, fico
dentro da rede armada
pra que floresçam todos !)

Mãe Paz, Mãe protectora
da flor da Juventude,
no drama desta era atraçoada,
redimida e a redimir:
— Não queremos mais crianças
mutiladas !
— Não queremos mais cidades
devastadas !
— Não queremos mais matanças
escusadas !
— Não mais os rios de sangue
de inocentes !
— Não mais as mães chorando
pelos filhos,
de coração vazio de esperança
e cheio de saudade !

Mãe Paz, mãe protectora
da flor da Juventude !
Teu nome é o novo sol de todo o Mundo !
Para ti, vai a força da esperança
de todo o homem simples que há na Terra !
Abre a potência dos teus braços fortes
e faz deles um dique
que anule, para sempre, o rio da guerra ! . . .
Levanta do caminho da incerteza
a Vida, ensanguentada,
e ensina-lhe o caminho, em tua luz acesa,
da radiosa alvorada !

DOIS POEMAS DE

Agostinho da Silva

1

Quando íamos dançar no velho largo
venha a vassourinha lá do meio da casa
trazias teu casaco de veludo e teu laço vermelho e tua volta
[de ouro
quando íamos dançar no velho largo
salta machadinha para o meio da rua
trazia meu chapéu de militar e minhas botas de pano e couro
quando fomos dançar no largo novo
nem queimando o sol nem molhando a chuva
não houve laço vermelho nem houve bota de couro
quando fomos dançar no largo novo
não deixarei nunca de ser sempre tua
nada mais houve que silêncio e lua.

2

No cemitério do Santo Cristo
crescia o mato
e tinham paz os mortos
sem lousa nem lembrança
e tal ao que vou sendo
tôda a minha vontade de futuro
com êles me descansa.

— IMPRESSIONISMO —

Fonseca Amaral

Menina negra foi a enterrar
em caixão branquinho,
enfeitado com uma cruz vermelha:
o branco falava de virgindade
e o vermelho do sangue d'Aquêlê,
cujo sangue também coagulou.

O Sol entornava amarelo
e o ver-de — verde dos ciprestes
não falava de esperança . . .

.....
.....
Naquele falso bailado de côres,
menina negra foi a enterrar . . .

EL REGRESO

Maria Eugenia Vaz Ferreira

He de volver a tí, propicia tierra,
como una vez surgi de tus entrañas,
con un sacro dolor de carne viva
y la pasividad de las estatuas,
He de volver a tí gloriosamente,
triste de orgullos arduos e infecundos,
con la ofrenda vital immaculada.
No sé cuando labraste el signo mío
el crisol armonioso de tus gestas
donde estaba . . .
donde la proporción de tus designios . . .
Tú me brotaste fantásticamente
con la quietud de la serena sombra
y el trágico fulgor de las borrascas . . .
Tú me brotaste caprichosamente
alguna vez en que se confundieron
tus potencias en una sola ráfaga . . .
Y no tengo camino;
mis pasos van por la salvaje
en un perpetuo afán contradictorio,
la voluntad incierta se deshace
para tornasolar la fantasía;
con luz y sombra, con silencio y canto
el miraje interior dora sus prismas;
mientras que siento desgranarse afuera
con llanto musical los surtidores,
siento crujir los extendidos brazos
que hacia el materno tronco se repliegan,
temor, fatiga, solitaria angustia,
y en un perpetuo afán contradictorio
mis pasos van por la salvaje selva.
Ah, si pudiera desatar un día
la unidad integral que me aprisiona!
Tirar los ojos con los astros quietos
de un lago azul en la nocturna onda . . .
Tirar la boca muda entre los cálices
cuyo ferviente aroma sin destino
disipa el viento en sus alas flotantes . . .

R U E D A S

Blanca Terra Viera

El ciego movimiento. El bien exacto
dibujo de la calle y su paseante
todo es círculo andante en este medio
de fugas, precisiones y metales.

El ruido acusa el giro de las ruedas
Y todo en lago fino se define
como ondas en torno de una piedra
salto y salvo parecen ir creciendo.

Las calles, la madera, el eco mismo
Se repiten redondos y hasta el fin
donde un borde liviano de vereda
de la línea más leve de su forma.

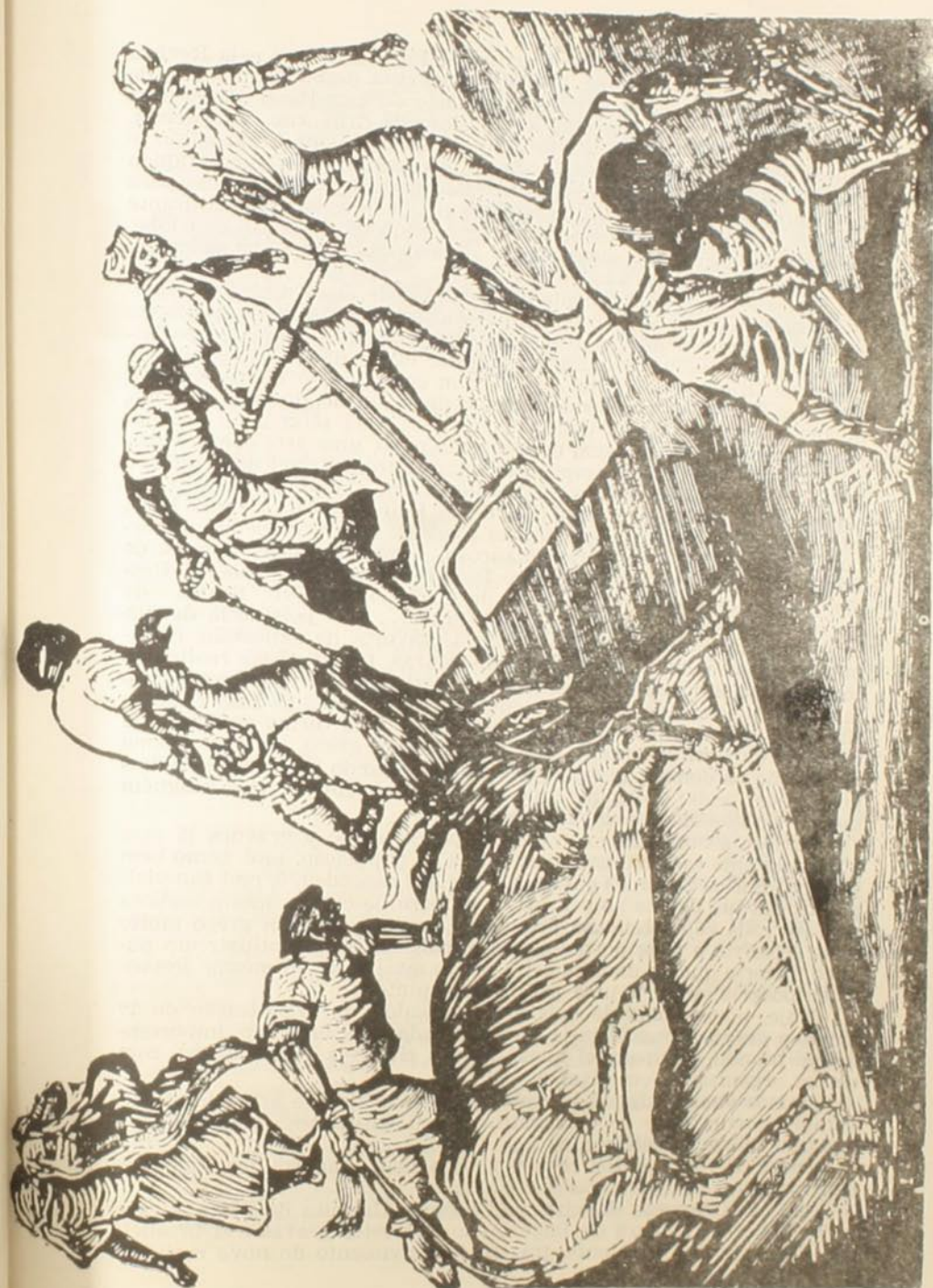
Encontrar-se es estar en un instante
más allá de estos giros y sus marchas;
dibujarse desnudo en otro espacio
limpio de nube, acaso retornado.

Darle el último adiós
al insondable enigma del deseo,
cerrar el pensamiento atormentado
y dejarlo dormir un largo sueño
sin clave y sin fulgor de redenciones . . .
Alguna vez me llamarás de nuevo
y he de volver a tí, tierra propicia,
con su sayal mortuorio toda envuelta
como en una bandera libertaria.



Desenho de **Hugo Mund Jr.**

EXPOSIÇÃO DE GRAVURAS BRASILEIRAS



DANUBIO VILLAMIL GONÇALVES *Zorreiros*

Zorreiros — Linóleograva de Danubio Villamil Gonçalves. Da série Xarqueada

Organizada pelo Clube de Gravura de Pôrto Alegre e pela Revista Sul, com a participação dos Clubes de Gravura de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife, esteve à mostra no salão do Lux-Hotel, de 24 a 31 de outubro próximo passado, a exposição de Gravuras Brasileiras, trazida a esta capital por Carlos Scliar. Paralelamente à exposição, o pintor Carlos Scliar realizou, para os interessados, um curso rápido de gravura, dando, além do histórico da gravura, aulas práticas para os futuros membros do Clube de Gravura de Florianópolis. Durante mesmo a estada do Carlos Scliar já se cogitou da fundação do Clube, idéia há muito tempo acalentada por alguns elementos e que só aguardava oportunidade para se concretizar.

Da exposição prôpriamente dita pouco poderemos dizer. A respeito da mesma já se manifestaram público e crítica de tôdas as partes do mundo onde a mesma tem sido exposta. Trabalhando e aperfeiçoando a técnica da gravura em linóleo, especialmente a turma do Clube de Gravura de Pôrto Alegre, vem conseguindo efeitos surpreendentes. Estudando, colhendo aspectos da realidade, da vida, do povo, do dia a dia, não fazem uma arte, melhor, uma falsa arte, pseudamente avançada, mas fazem uma arte do povo, uma arte compreensiva, uma arte que possa atingir o maior número possível de pessoas e emocioná-las. Séries como a da **Xarqueada**, de Danúbio Vilamil Gonçalves, da **Estância**, de Carlos Scliar, dos **Retirantes**, de Renina Katz, isto para não falar de peças outras avulsas, mas não menos importantes, como **Voiza**, de Carlos Mancuso, **Lavadeiras das Malocas**, de Edgar Koetz, **Paisagem**, de Glauco Rodrigues, **Minha Cidade**, de Gastão Hofstetter, **Conjunto Musical**, de Glenio Bianchetti, **Rinha**, de Fortunato, **Soldado Morto**, de Vasco Prado... etc., pois seria de justiça, necessário citar quase tôdas as 74 gravuras da exposição, certamente umas melhor acabadas do que outras, porém tôdas realizadas com um perfeito sentido de honestidade artística, não deturpando, não falseando a realidade, mas apresentando-a com tôdas as suas características. Veja-se, por exemplo, as experiências da turma do Clube de Gravura de Recife, fazendo suas gravuras em gesso, mas da mesma forma que os demais, pesquisando e apresentando em seus trabalhos problemas locais, problemas que lhe são conhecidos e que ninguém melhor do que eles poderá interpretar.

Curioso é observar como em tão pouco tempo a gravura já vem atingindo uma camada bem mais ampla da população. Isto, como bem explicou Carlos Scliar na entrevista que nos concedeu, é, mui especialmente, porque devido ao seu maior número de cópias, muito embora no caso cada cópia seja um original, a gravura tem um preço muito mais acessível e pode portanto muito mais facilmente atingir um público maior e que de uma maneira muito mais rara, ou mesmo impossível, poderia adquirir uma peça de um pintor.

Hoje, pouco mais de dois anos passados, da organização do 1º clube, a gravura brasileira já é considerada uma das mais importantes do mundo, equiparável quase as dos chineses e mexicanos, com clubes organizados em diversas cidades.

Damos abaixo algumas transcrições de críticos e artistas que tiveram oportunidade de demonstrar o seu entusiasmo pelo trabalho dos gravadores brasileiros.

Diego Rivera, pintor mexicano dos mais importantes assim se expressou:

"Vi as "Gravuras Gauchas do Clube de Gravura de Pôrto Alegre e do Clube de Gravura de Bagé. Acho que êstes gravadores brasileiros, com sua arte excelente, trazem ao movimento do novo realismo



Paisagem — Linóleogravura de Glauco Rodrigues

progressista uma contribuição de grande humanidade, ternura e emoção profunda que enriquece todo nosso movimento internacional”.

Sergio Milliet, escritor e crítico de arte declarou:

“Sua técnica da xilogravura e do linóleo se evidencia segura e a mensagem que exprimem é clara e generosa. Uma mensagem realista, de fé no homem do trabalho, no construtor da riqueza gaucha, uma mensagem também de amor à terra, à paisagem, à vida sadia, ao esforço cotidiano”.

Da imprensa chinesa destacamos o seguinte trecho:

“As extraordinárias características destas obras são seu estilo nitidamente nacional, seu talhe simples e apurado e as vivas demonstrações da vida do povo. Muitos desses trabalhos comoveram-nos profundamente”.

Para a exposição realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, escrevendo seu artigo para o catálogo, assim se manifestou Augusto Meyer, escritor e, à época, Diretor do Instituto Nacional do Livro:

“Empenhados na obediência ao espírito de uma obra a um só tempo nacional e humana, os gravadores representados nesta exposição voltaram-se para o imediato, a realidade do ambiente, sem o mais leve traço de regionalismo ostensivo. E se nessa mostra aparecem com alguma ênfase os temas considerados mais representativos da vida gaucha, é que os artistas souberam renovar a tradição através da experiência — e às vezes com mais profundo frescor que os seus irmãos da arte literária”.

Mário Barata, crítico de artes plásticas, no “Diário de Notícias” do Rio assim se manifestou:

“A exposição surpreende pela extensão do caminho realizado, pelas obras expostas, que estão entre as que começam a reanimar e renovar vigorosamente nossas artes plásticas”.

Júlio Pomar, pintor e crítico Português, assim escreveu em artigo na revista “Vértice”:

“Eis todo um campo novo, uma experiência rica de promessas que vale bem a pena ser tentada”.

E assim poderíamos continuar citando indefinidamente.

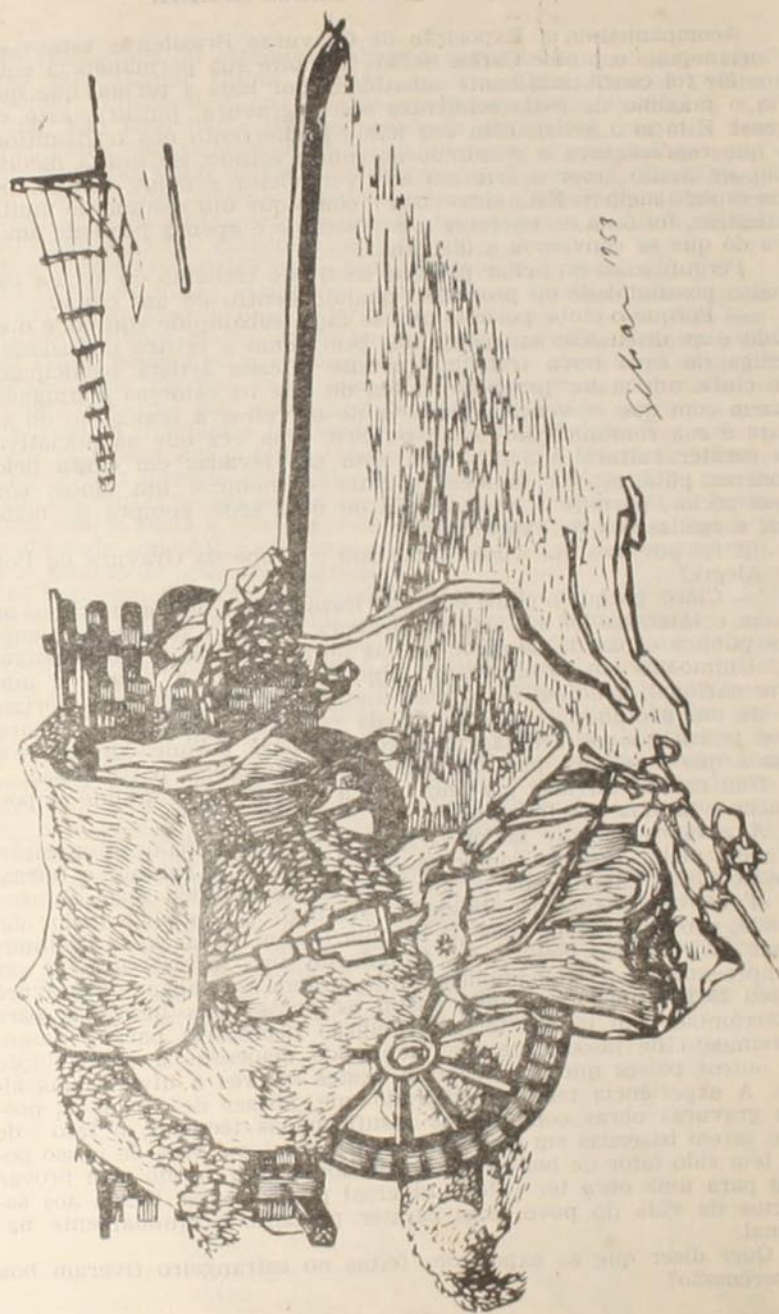
Aqui mesmo, em Florianópolis, não foi pequeno o entusiasmo

provocado pela mostra. O interesse manifestado pelos visitantes, de uma maneira geral, se traduzia nas curiosas perguntas feitas ao Scliar a respeito da técnica da gravura, dos processos empregados, dos temas, das possibilidades. Estudava-se as diversas gravuras, admirava-se os temas e a maneira como haviam sido aproveitados.

Sendo uma arte que procura o mais possível se aproximar do povo, dirigida ao povo, a gravura tem esta propriedade de interessar e emocionar, porque é compreensível, apresenta problemas que o povo conhece porque lhe estão próximos.

Foi sem dúvida um importante acontecimento artístico a exposição de Gravuras Brasileiras em Florianópolis. E agora só nos resta esperar que dentro de pouco possamos também estar apresentando, juntamente com os demais estados, as gravuras do Clube de Gravura de Florianópolis, contribuindo, desta forma, para uma arte que tem procurado tornar-se o mais possível nacional e popular, o que quer dizer, em síntese, uma arte autêntica.

S. M.



Carroça com arreios — Linoleogravura de Carlos Scliar. Da série **Estância**

ENTREVISTA COM CARLOS SCLiar

Acompanhando a Exposição de Gravuras Brasileiras esteve em Florianópolis o pintor Carlos Scliar. Durante sua permanência entre nós ele foi continuamente sabatinado por toda a turma, que queria o máximo de esclarecimentos sobre gravura, pintura, arte em geral. E lá ia o Scliar, com seu jeito pachorrento nos transmitindo o que representava o resultado de muito estudo, de muita meditação, de muito amor a arte em sua verdadeira e nobre função: por um mundo melhor. Esta entrevista é como que um resumo de muitas palestras, foi feita ao encerrar a exposição e é apenas pequena amostra do que se conversou e discutiu.

Perguntamos ao Scliar por que motivo o trabalho do artista tem maior possibilidade de progresso quando dentro de um clube.

— Porque o clube permite que se faça trabalho de equipe, e o estudo e as discussões em conjunto, bem como a crítica cuidadosa e amiga de cada novo trabalho permite a cada artista participante do clube um maior progresso; além do que os esforços conjugados fazem com que se vença uma série de barreiras à realização do artista e sua comunicação com o público, uma vez que as iniciativas de caráter cultural via de regra nem são levadas em conta pelos poderes públicos; há também o fator econômico: um clube, com seus sócios, permite a manutenção de uma sede, compra de material e realizações de exposições.

E foi por isso que vocês fundaram o Clube da Gravura de Porto Alegre?

— Claro, porque o clube era uma forma capaz de congrega os artistas e interessá-los na arte da gravura, criando ao mesmo tempo um público capaz de adquirir nossas obras por um preço acessível.

Unimo-nos em torno de um objetivo comum: a busca de uma arte nacional, a defesa de nossas tradições e a necessidade portanto de um profundo conhecimento da realidade brasileira. Procuramos temas que os artistas pudessem realizar porque conhecessem temas que o público pudesse admirar porque deles participasse.

— Não restam dúvidas portanto que a gravura tem grande importância e muitas possibilidades?

— A gravura permite maior tiragem e portanto maior divulgação.

Sua maior tiragem condiciona seu preço mais baixo e a formação de novas camadas do público capazes de adquirir suas obras.

É claro que essa possibilidade de atingir um público maior depende, não da tiragem, mas da escolha de um tema capaz de interessar esse público mais vasto, tratado de uma forma capaz de ser compreendida por esse público. Outra grande vantagem da gravura é seu fácil transporte, sendo assim as peças mais indicadas para intercâmbio com outras terras, condição necessária para o desenvolvimento de nossa arte que não pode dispensar a contribuição de outros países que já chegaram nestes setores a níveis mais altos. A experiência tem demonstrado que, apesar de serem as nossas gravuras obras com muitas insuficiências técnicas, o fato de elas serem baseadas em temas nacionais, ligados à vida de nosso povo tem sido fator de boa aceitação de nossa obra, o que vem provar que para uma obra ter valor universal precisa estar ligada aos aspectos da vida do povo, com caráter portanto profundamente nacional.

— Quer dizer que as exposições feitas no estrangeiro tiveram boa repercussão?

— Já realizamos ou estamos realizando exposições, inclusive circulantes, no Uruguai, China popular, Austria, Chile Estados Unidos, Rumânia, Tchecoslováquia, União soviética, Índia, Polônia e Argentina. Em toda parte tivemos acolhida animadora, recintos bem frequentados, um público cheio de interesse e expressões de admiração tanto do público como de destacadas figuras da intelectualidade e de grandes artistas plásticos. . Cumpre notar que todos destacavam o estilo nitidamente nacional das gravuras e o fato de elas mostrarem aspectos característicos da vida do povo.

— E o público brasileiro como tem recebido as gravuras?

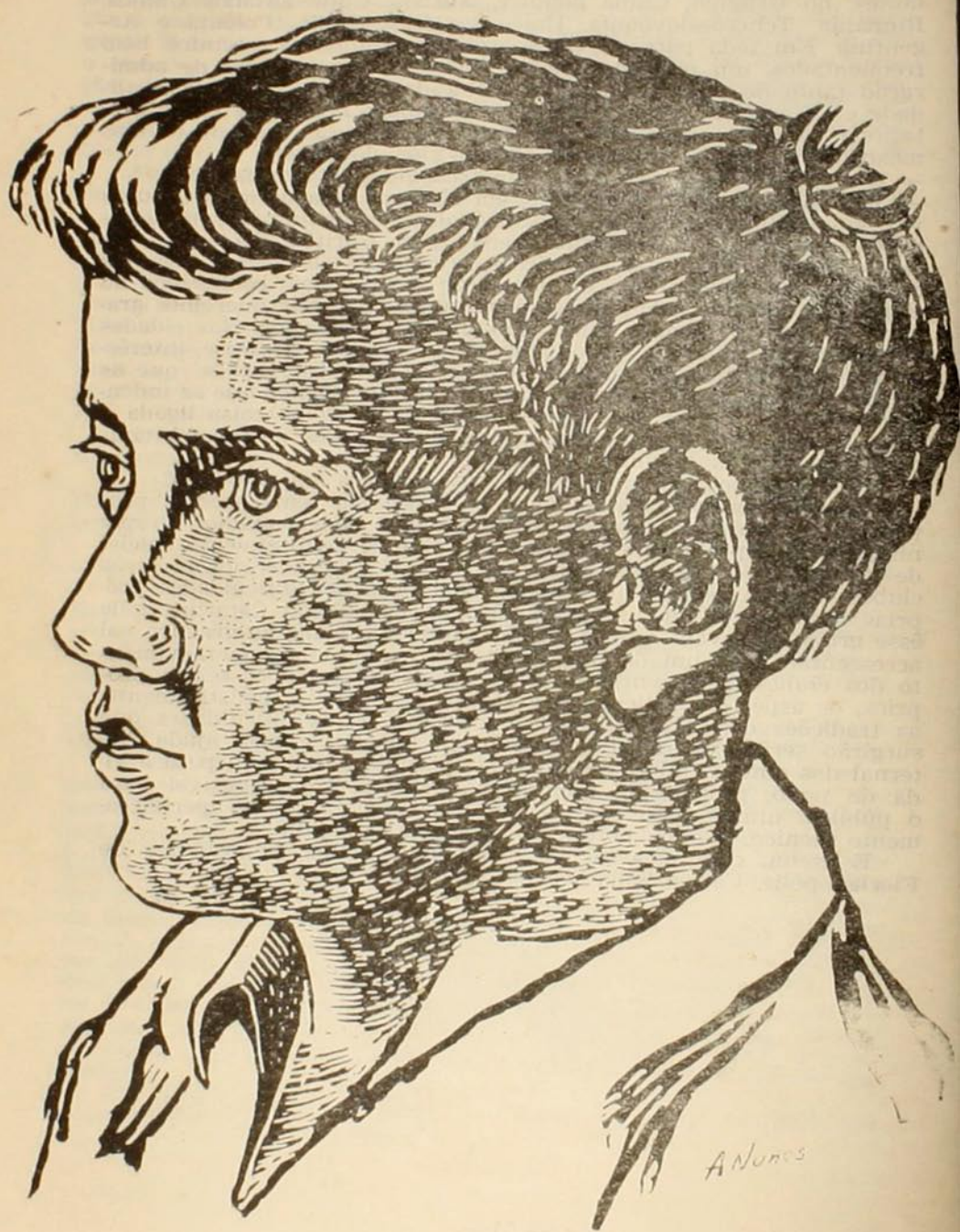
— Já temos realizado exposições, em algumas cidades mais de uma vez, em Pôrto Alegre, Bagé, Florianópolis, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiânia, Santa Maria, daqui iremos para Curitiba. Note que são ainda muito poucas estas exposições, precisamos elevá-las à casa das centenas, para que não se dê o caso de sermos mais conhecidos no estrangeiro do que pelo nosso próprio povo, cuja vida queremos gravar e a quem desejamos fundamentalmente nos dirigir. Nas cidades em que expulsemos o público demonstrou agrado e interesse, interesse que se tem tornado palpável pelas críticas e observações que as bémals diferentes pessoas fazem aos trabalhos mostrando que se identificam com o tema e sua expressão, sentem-no como coisa ligada à vida de cada um. Além do mais a venda de peças demonstra também o quanto as gravuras agradam.

— Há importância de se criar clubes de gravura em todo país?

— É claro, porque cada unidade da Federação tem aspectos próprios, cujas características os artista da terra podem melhor do que ninguém interpretar e transmitir. A falta de conhecimento inicial de um clube é compensada pela troca de experiências dos diversos clubes — que permite uma rápida superação das dificuldades próprias dos centros que começam. É o caso de Santa Catarina onde esse grupo de jovens que se dispõe a fundar o clube de gravura vai acrescentar mais um detalhe necessário no conjunto do movimento dos clubes de gravuras de todo o País. Aí estão os temas próprios, os aspectos particulares a serem apresentados artisticamente, as tradições desta terra a serem gravadas. E as dificuldades que surgirão serão superadas pelo trabalho honesto e pela ajuda fraternal dos outros clubes. Se os artistas daqui se voltarem para a vida do povo, procurando uma forma artística compreensível para o público, unindo isso tudo a um desejo contínuo de aperfeiçoamento técnico, não há porque o clube não progredir.

E assim, com palavras de estímulo ao clube de gravuras de Florianópolis, Carlos Seliar se despediu de nós.

E. M.



Adolescente — Linóleogravura de Aldo Nunes, do Clube de Gravura de Florianópolis (em organização)

CENTRO DE SAÚDE

A. Boos Júnior

O corredor era comprido, escuro e frio. E havia, no ar, aquele cheiro de remédio que o deixava assustado, medroso não sabia de que. Deviam acender as luzes, pensou, lá fora está chovendo. Mas, seria escuro mesmo, ou era êle que não enxergava direito? ... À sua direita, em intervalos regulares, o corredor abria-se em arcadas, por onde êle via o jardim bem cuidado. Tristeza aquelas flores tôdas na chuva. Notou que não havia animais soltos no gramado. Desperdiço. A mulher gostaria muito de soltar as galinhas naquela grama escura, bonita debaixo da chuva. Andava muito teso, sem geito, dentro da roupa de brim engomado. E os sapatos apertavam os pés largos e calosos. O calcanhar, todo rachado, doía.

À sua esquerda, portas com coisas escritas, coisas que êle não sabia lêr. Quase caiu quando desceu dois degraus. O corredor acabara, agora estava numa sala, também escura e fria. Bancos ao longo das paredes, gente triste nos bancos. Sentou-se na ponta de um dêles, com mêdo de acender o cigarro que levava atrás da orelha. Por que não acendiam a luz? ... Pensou na mulher e nos filhos, sempre com a vontade de fumar formigando dentro dêle. Por que seria que, à distância, gostava mais dos filhos e da mulher? ... Perito dêles, disfarçava a afeição, resmungava zangas ridículas. Afago era o nó dos dedos na cabeça dos filhos, um tapa na bunda da mulher. Necessário disfarçar molezas para manter o respeito. A sala também se abria numa arcada, porém, menor que as outras: não se via mais o jardim. Um rapaz, debruçado para a rua, cuspiu. Estaria na sala certa? Devia ter perguntado logo na entrada. Alí, agora, era impossível. Nos bancos, todo mundo cochilava. Sómente dois homens de branco, conversavam alto sobre coisas difíceis, que êle não entendia. É certo que falavam em peitos e coxas, mas devia ser conversa de médico. Impossível interromper.

Ficou olhando uns cartazes que havia pelas paredes: uns bichos de asas enormes, bebendo água num copo. Depois, um matuto, barbado, deitado na cama e, um bicho daqueles, pousado no braço do homem. Naquele cartaz, o bicho estava menor e até parecia um mosquito. Será que existia mosquito daquele tamanho? ... maior que um copo? O cartaz devia ser coisa séria: os mosquitos seriam mesmo daquele tamanho. Nunca vira mosquito assim, porém, confiava no cartaz. Tirou o cigarro da orelha, ficou brincando com êle na mão. Ninguém fumava: devia ser proibido. Guardou o cigarro. Roeu unha, escutou conversa, cochilou. Sonhou com a mulher, com o médico, os filhos. A mulher indicando o caminho, dizendo a sala exata para o exame de sangue. Grande memória a da mulher! O médico tirando o sangue dêle. Êle em pé, forte, corajoso. "Vá tirando, doutô!..."

E o médico, depois, lavando as mãos "Homem de coragem, sim senhor!"

Acordou meio bobo, rindo de si mesmo. Os dois homens de branco haviam desaparecido. A sala estava mais cheia de gente. O gurí não estava mais debruçado no peitoral: olhava as pernas de uma dona que se sentara perto d'ele. Mulher da vida, pensou. Pernas cruzadas, saia curta, olhando todo mundo de frente. Seria aquela sala mesma? A mulher não falara em cartaz de mosquito. A mulher tinha boa memória, mas também errava muito. Errava de mais. Errava quando tentava adivinhar o tempo, os dias da semana, os meses de gestação. "Camba à esquerda, aquela sala no fim do corredor!" Farolagens da mulher. Então, ia se lembrar do que vira três ou quatro anos antes? Farolagens, por certo.

Voltou a atenção para o cartaz dos mosquitos. Achou o matuto com cara de bicho. Depois, achou-se parecido com o matuto. Admitiu ter também, cara de bicho. O pensamento justificou o jeito encaulado, comportamento de burro chucro. Gente entrava e saía por duas portas: os homens por uma, as mulheres por outra. A vontade de fumar fez comichão na garganta. Lá fora, continuava chovendo. Quiz saber as horas e não soube perguntar a ninguém. Não podia ver a altura do sol, tudo era cinzento. Uma criança pôz-se a chorar perto d'ele. À sua frente, o rapaz não despregava os olhos das pernas da mulher atôa. Que horas seriam? Se fosse a mulher, já teria perguntado, estaria rindo e conversando. O burro chucro era ele mesmo. Nem sabia se estava na sala certa. Ganhou alívio quando alguém falou em exame de sangue.

Em pensamento, deu parabéns à mulher. Sim, senhor, grande cabeça! Lembrar o caminho certinho! Sim, senhor! Decerto não falara nos cartazes porque ainda não estavam lá. Mas, o bom seria se ela estivesse com ele. Conversaria, distrairia a vontade de fumar. Ela perguntaria as horas. A mulher da vida já entrara na sala da esquerda, e o rapaz fôra cuspir outra vêz lá na janela. Tinha pouca gente na sala, cêdo estaria lá dentro também. Notou que muitos haviam entrado na sua frente: somente os tímidos, como ele, permaneciam na sala. Devia ser tarde: O jejum deixava-o meio adormecido, com vontade de estirar-se no banco e dormir.

Entrou. O médico mandou-o tirar o paletó e arregaçar a manga da camisa. O braço surgiu torto, amarelo, uns fios de cabelo mal distribuídos. Apertaram o braço com uma borrachinha, enfiaram uma agulha grossa na veia. Não sentiu medo nem dor. Apenas o dia foi ficando mais cinzento, quase noite. "Grande cabeça a da mulher!..." Embora sentisse frio, gostou que a noite viesse tão cedo. Menos tímido, mais homem, recebeu-a de coração aberto, como se fosse uma unção.

Florianópolis, janeiro de 1954.

O RIO

Osvaldo de Oliveira

Pelo sem número de buracos e frestas espalhados pelas paredes do casebre, Zé Maria ponde divisar a claridade do dia que raiava. Deixou a rede ainda sonolento e com o corpo meio moido. Tateou um pouco até encontrar a rapadura e comeu um pedaço, guardando o resto no bolso. Achou também a farinha. Tirou uma mancheia e meteu na boca. Do lado de fora, encostado à parede, estava o seu ganha-pão: duas latas vazias, pendentes, por uma corda, das extremidades de uma haste de madeira, feito pratos de uma balança.

Era aguadeiro.

Aguadeiro é uma profissão comum em qualquer dos lugarejos marginais do rio São Francisco. Nenhum dêles possui água encaçada e dificilmente se chega a um resultado positivo em perfurações de poços. De forma que é mesmo do rio que se há de buscar o precioso e imprescindível líquido. Para provar a certos elementos subversivos que nem todos habitantes desta vasta região vive na miséria, basta dizer que a maior parte dêles se vale dos serviços remunerados do aguadeiro, para o abastecimento de suas respectivas casas. E ainda mais para provar que só aos ditos elementos subversivos se afiguram injustas as condições atuais da sociedade, cumpre dizer que, mesmo neste imenso sertão, quando é de todo impossível a um homem honesto conseguir um emprêgo, aí está a acenar-lhe a profissão de aguadeiro. Vá lá que não seja um mar de rosas. Que êle tenha de trabalhar de sol a sol e, muitas vezes pela noite a dentro. O caso é que, quanto mais água carregar, mais ganha. Dizem que êle sofre muito. Outra mentira. Não pode sofrer muito quem vive tão pouco! Afinal êle não tem instrução nenhuma, tem que se contentar com serviço pesado.

Caminhou, pé ante pé, para a porta dos fundos, pra não acordar ninguém. Um problema difícil visto que dormiam amontoados os seis membros da família (êle, mulher e quatro filhos). Ao abrir a porta, sua mulher, de há muito acordada, falou:

— Zé, não se esqueça do remédio da Ritinha! Ela tossiu demais, esta noite.

Abriu a porta sem nada responder, fechando-a em seguida atrás de si.

Trabalhava com uma dez casas mas o seu maior freguês era a Pensão, que consumia umas trinta latas por dia. Tinha todo o itinerário do dia na cabeça. Das cinco da manhã até às onze horas trabalhava com a Pensão e mais cinco casas. À tarde, até às 6, servia as casas restantes e ainda a pensão. Isso tinha que ser cumprido religiosamente. Qualquer atrazo significava um freguês a menos e um freguês a menos queria dizer um corte a mais no seu apertado orçamento. Vinte e cinco cruzeiros era o que apurava por dia. Cinquenta centavos por lata! O estritamente necessário para não morrer de fome. E não podia haver um dia de folga sequer. Simplesmente porque a família de Zé Maria tinha o hábito de se alimentar diariamente.

Durante o trajeto para o rio, Zé Maria ia pensando nos seus problemas, porque, por incrível que pareça, êle também os tinha.

“Como é que eu vou fazer para comprar o diabo do remédio? Trinta e cinco cruzeiros! Um dia e meio de serviço!... É mesmo eu ouvi a Ritinha tossir muito essa noite. Ah! se eu conseguir pe-

gar o hotel Brasil! Quarenta latas! Ficava só com o hotel e a pensão e deixava as casas! Mas é muita coisa pra mim! Tenho que trabalhar de noite... É mas de qualquer jeito tenho que pegar mais alguns fregueses. Pelo menos para comprar o remédio. Não há de ser nada. Deus é grande!

Desceu a rampa de cimento e chegou à margem do rio.

O rio São Francisco não é apenas "um curso d'água que se encaminha para o mar". Por mais que discorram sobre ele as nossas geografias, jamais dirão tudo o que ele é, principalmente o que ele representa para toda essa gente que lhe habita as margens. De Pirapora a Penedo, dezenas de cidadezinhas, têm nele, exclusivamente nele, a sua razão de ser. Não tem o orgulho e a imponência do Amazonas que, volta e meia, invade as margens, flagelando indiferente, populações inteiras; nem o impetuoso Tocantins ou o sempre bem nutrido Paraná "de águas azuis". Não. É um rio modesto e humilde. Pobre de afluentes, pobre de chuvas como que a refletir no seu curso, todo o sofrimento testemunhado pelas suas águas, em todo esse vasto sertão que atravessa. Trabalho e sofrimento são o destino comum dos três grandes heróis do sertão: o rio, o jerico e o caboclo. Heróis sem tributo. Sim. Quem iria homenagear um rio? Mesmo que ele seja a razão de ser de várias dezenas de cidades de centenas de milhares de pessoas. Mesmo que ele raramente nos hostilize com enchentes ou calamidades! Há quem tribute honrarias e o adore como sagrado. Quanta ignorância!

E o jerico? O pacientíssimo jerico que a trôco de um molho de capim transporta continuamente tudo o que se possa imaginar: tijolo, água, sal feijão, rapadura pelos caminhos mais íngremes sob temperatura escaldante e resiste às mais tremendas secas? Quem iria lhe prestar homenagens? Há também quem dispense honras a animais. Coisas de mentalidades atrasadas!

Quanto ao caboclo, ele não precisa de tributos ou honrarias. Precisa apenas de viver uma vida mais decente, em que possa adquirir instrução, valorizando a sua dignidade de pessoa humana. Mas isso ele sabe que ninguém lhe dá. Só ele pode adquirir...

Em função do rio, gira quase que toda a vida da cidadezinha. As suas margens são um borborinho de gente. Navios que conduzem passageiros e cargas de cidade em cidade, barcos que atravessam pessoas de uma para outra margem; ali se vende de tudo: frutas, carnes, peixe, carvão, lenha, rapaduras, ali, batem roupa o dia todo, uma centena de lavadeiras.

— Zé Maria, cobra da peste, eu estava mesmo pensando em ocê!

— Ó xente, deixe de rodeios e fale logo que eu estou vexado.

— Diabo de homem que vive sempre aperreado! Quero lhe trazer uma coisa. Negócio!

— Vai falando homem.

— Não. Não vê que no sábado eu tenho que ir no Sobradinho. O fogueira do Wenceslau me arrumou uma carona e eu não quero perder.

— Sim, e daí?

— Virgem, que vexame! Vôte! Bem. Queria que ocê fizesse a minha freguesia. Lhe pago vinte cruzeiros por tudo. E lhe pago adeantado. Lhe pago agora!

— O Remédio da Ritinha! o pensamento veio rápido. Ele paga agora! Não havia mais dúvida. Havia apenas o orgulho de caboclo. Do caboclo indomável que morre sofrendo sem reclamar. E retrucou:

— É. Lesbão, se ocê não acha outro eu vou mesmo lhe servir.

Um dia eu posso ter precisão... É pra manhã não é? Me diz aí os seus fregueses. Ficou tudo acertado. Eram ao todo 18 fregueses. Quarenta e cinco latas. Suspendeu as latas pela haste que atravessou no ombro, calçando-a com um pano, à guisa de almofada. Subiu a rampa, iniciando a luta diária. Durante toda a manhã não lhe saía da cabeça o compromisso assumido:

"Vinte e duas viagens a mais! É muita coisa. Como é que eu vou dar conta. Seja como Deus quiser".

Mas, por mais que procurasse soluções, por mais que as encontrasse, não conseguiu despreocupar-se. Ao meio dia chegou a casa com o remédio. Ritinha estava agora com quatro anos. Sempre fora fraquinha e doente, mas nunca ficara assim naquele estado. Aquela tosse que aparecera havia uns quatro dias roubara-lhe todas as energias. Estava na cama ao lado do irmãozinho mais novo, de uns seis meses. Tomando conta de ambos e da casa, o mais velho, um menino de sete anos. O outro de cinco para seis anos agarra-se a mãe.

— Zé Maria perguntou pela mulher. Que estava lavando roupa, disse o menino. Procurou o que havia para comer. Carne seca com farinha d'água foi o que arranjou. Acabou de comer e ficou pensativo. De súbito como que decidido à atividade, levantou-se do banco, pegou o remédio, procurou se lembrar das recomendações do farmacêutico, abriu o vidro, encheu uma colher e deu-a à Ritinha que o tomou sem relutância, mesmo porque não tinha forças para reagir. Em seguida, dirigindo-se ao filho:

— Joãozinho vai lá na casa do compadre Camilo e diz que eu mandei pedir duas latas emprestadas pramanhã.

O menino compreendeu tudo, apesar da idade, nasceu e cresceu entre aguadeiros. Sabia o que queria dizer aquilo. E, à sua mente de criança, lhe vieram fatos que vira e ouvira dizer, de aguadeiros que carregavam quatro latas de uma só vez. O pai do Geninho, admirado por todos, pela sua força, ficara doente de repente, morrendo em uma semana, escarrando sangue; um que tinha vindo do Ceará também. Era conhecido por Mané Toada, porque sempre carregava água cantando. De um dia para outro apareceu só com duas latas. Todo mundo fez troça dele. E três dias depois trabalhava com uma só lata. Depois... Depois ninguém mais ouviu o canto de Mané Toada....

— Pai, o senhor vai carregar quatro latas?

— Se avie, menino! Faça o que eu estou mandando!

O menino obedeceu. Saiu correndo a executar a ordem.

Ele tem razão de se apreender, ficou pensando Zé Maria. Mas o que eu vou fazer? Não tem outro jeito.

Zé Maria tinha os seus trinta anos. Era um caboclo genuíno de corpo e de espírito. Não é força de expressão dizer que o caboclo sofre desde o primeiro vagido até o último suspiro. Não. Acontece apenas que o sofrimento já se tornou um hábito para ele que já nasce preparado para enfrentá-lo.

Desde criança, arrostando, de sol a sol, trabalho duro, sob um clima intolerante, com alimentação reduzidíssima e sem o mínimo conforto. Moreno, bronzeado pelo sol, estatura abaixo da média, magro mas musculoso e resistente. Espírito alegre e jovial, sempre disposto a uma brincadeira, orgulhoso e muito sensível no seu conceito de honra. Honesto e sincero. Muito corajoso. Destemido mesmo. Extremamente vulnerável sob o ponto de vista místico. Talvez esteja aí o segredo do seu estoicismo. Tem um respeito infinito e devota uma obediência cega a tudo o que cheira a sobrenatural. Sob esse

ponto falam mais alto os episódios de Antônio Conselheiro e padre Cícero. De forma alguma acreditam na morte dêste último, tão pouco na do famoso Lampião. Mesmo na mais negra miséria, mesmo passando fome, êle entrega o seu último vintém ao que tão habilmente lhe explora essa fraqueza. Fraqueza decorrente da falta de instrução. Assim é o sertanejo. Assim também era o Zé Maria.

Afinal Joãozinho voltou.

— Ele disse para eu ir buscar logo à noite. E a dindinha mandou dizer pro senhor tomar juízo.

Como a mulher não chegasse, Zé Maria fez umas recomendações ao menino: Que cuidasse direitinho das irmãzinhas, que quando a mãe chegasse desse mais uma colher de remédio, que não saísse de casa e outras... E saiu para outra jornada.

No outro dia deu-se por feliz, quando saiu de casa pela manhãzinha. Tivera uma noite dos diabos. Ritinha piorara. Não deixou ninguém dormir; a mais moça chorara a noite tôda. E pro mal dos pecados a mulher lhe enchendo os ouvidos. Parecia uma tentação.

Agarrou as quatro latas e saiu.

— Diabos de mulher! Me aporrinhou a semana tôda pra eu comprar o remédio. Sabe que eu não tenho donde tirar. Que o que eu ganho só dá para a comida. Pra comprar o remédio tive que fazer aquele trato com o Lesbão. Agora quer me meter na cabeça pra eu desfazer o trato! Depois de gastar o dinheiro! Nem que eu tivesse que trabalhar de rastro! Então eu sou um homem ou sou um cabra sem vergonha, sem palavra! Mulher mesmo não entende de trato! Ora veja só! Desfazer o trato!

— Ué Zé, está querendo ficar rico depressa?

A frase trouxe Zé Maria à realidade. Era um outro aguadeiro que com êle cruzava. Continuou seu caminho em direção ao rio sem nada retrucar. Já eram umas dez horas. Mal fizera a terça parte dos fregueses e já se sentia extremamente fatigado, sem nada demonstrar entretanto. Até então ouvira muitos palpites. Piadas irônicas, alusivas à sua suposta ambição, outras em tom de advertência, mas continuava firme.

Ia fazer a décima segunda viagem. Seriam umas onze horas. Sentia-se extenuado. Aquela dorzinha do lado aumentava cada vez mais.

Encheu as latas, apoiou a haste nos ombros e suspendeu-se para carregar. Imediatamente sentiu uma dor aguda, como se algo houvesse arrebatado dentro da barriga. Assim mesmo caminhou em direção à rampa para escalá-la. Sentiu entretanto que a proporção que a dor ia aumentando iam-se-lhe sumindo as forças. Continuou a subir, já inconciente; no alto da rampa, Zé Maria, balança da Justiça, rodopiou e caiu pesadamente no chão. A água voltou em borbotões para o Rio, unguindo-lhe a cabeça bronzeada.

MALTA BRAVA

Capítulo inédito de Romance de Alexandre Cabral.

O isolamento da separação trouxe-lhe de novo à idéa cenas truncadas da infância. Deitado em cima da cama, olhava as tábuas do tecto, fumando calmamente o seu cigarro como se estivesse bem escondido nas retretes. Um silêncio apavorante rodeava-o. Os toques chegavam até êle em surdina: éco longínquo de uma existência que não lhe dizia respeito.

Puxou uma fumaça e lembrou-se de que o tabaco estava a dar as últimas; os companheiros compreenderam o seu martírio e vieram trazer-lhe uma remessa na primeira noite. "Camaradas, sim senhor!" Prometeram voltar na noite seguinte. Esperou-os inutilmente. Magicava há muito nas razões que teriam impedido a vinda dos amigos. "Foram descobertos?"

Levantou-se, súbitamente enervado com a hipótese. "Maldito Regulamento!" Deu umas passadas pelo estreito cubículo fumando sem descanço. "E se fosse denúncia?" O Colégio estava a transformar-se num coio de bufos e traidores. Onde iam os tempos da camaradagem franca e total dos primeiros anos?

Arrastou a cadeira para junto da janela, rasgada propositadamente no cimo da parede, e encarrapitou-se. Admirou a cerca: um campo enorme magnífico para a jogatina. E era proibido os educandos brincarem naquela vastidão que não podia ter melhor utilidade. Para lá da cerca surgiam as linhas do caminho de ferro. Adivinhava no fundo, a água da ribeira, barrenta. Tomou uma posição adequada para ver o muro que marcava o limite da cerca com as capoeiras do Ramires. A Maria de Lourdes costumava vir para ali estudar. Achava estranho como nunca reparara nela. Passava as tardes agarrado à janela a fazer-lhe sinais. Daí a pouco chegava ela.

Estava resolvido desta vez a escrever-lhe um bilhete. O 14 prometera-lhe lápis e papel. "E êles não vieram, porquê? Algo se tinha passado".

Desviou o olhar que se pegou às linhas do caminho de ferro. O futuro estava ali, numa carruagem de comboio, sem Regulamento, sem disciplina e com a Maria de Lourdes a seu lado.

Ouviu passos no corredor. Desceu precipitadamente da cadeira e sentou-se. O Contínuo vinha trazer-lhe o café com leite. A porta abriu-se completamente e o Buces sentiu uma lufada de ar fresco renovar a atmosfera bafienta do cubículo.

— Que cheiro a tabaco — disse o recém-chegado.

— Só se for o cheiro — respondeu, atrevido.

E sem prestar atenção ao homem que começou a passear diante

dêle, atirou-se à travia com voracidade. "Não o amachucavam! Isso nunca!" Mastigava o pão com ódio, as lágrimas quase a romperem e uma vontade de ofender o malandro, que nem êle sabia como se continha. Mal acabou de comer o outro trancou-o de novo.

"Falta só uma noite!"

Logo que estivesse em liberdade havia de fazer uma patifaria que o expulsavam do Colégio. Não tolerava mais tempo aquela disciplina de tarimba. Havia de repetir a façanha do antigo 20. Assaltar a Igreja, cuja porta permanecia invariavelmente fechada, e violar um dos túmulos. "Caramba! Uma idéia catita!"

Passeou uns momentos pelo quarto e atirou-se depois para cima da cama. De vez em quando ligava o seu pensamento à vida dos companheiros. "Estão no recreio". Soava depois o toque para as aulas. "Comércio com o Dr. Bico!"

O silêncio voltava, a seguir, mais pesado, obcecante, lembrando-lhe o entaipamento entre as malditas paredes do velho mosteiro. E sem querer as recordações da infância chegavam e enchiam-lhe o pensamento.

Havia pormenores que lhe escapavam. Conhecera sempre em casa uma atmosfera de severidade que o tornara rebelde. O pai mal se apercebia da sua existência a não ser para o castigar, quando a vizinhança se queixava das suas diabruras. Não tinha mãe. Pelo menos, nunca a conhecera. Roido, às vezes, pela ausência dos seus carinhos, vasculhava os gavetões da cómoda antiga na ânsia de encontrar um retrato revelador. Nada. Havia aí um mistério. O pai nunca lhe falara nela. O ambiente da casa e os próprios móveis ligavam-se a um passado que não havia maneira de identificar como sendo seu. Nada daquilo lhe pertencia.

A única mulher que lá entrava era a velha Joana, uma bruxa, que o tratava rispidamente como se êle estivesse a mais. Tudo que fazia merecia repreensão. Ouvia-lhe continuamente a frase que o revoltava:

— Parece um rapaz da rua!

A Joana não dormia lá em casa. O pai regressava à noite da loja. A velha servia o jantar e abalava. Ficavam os dois: êle a estudar e o pai a vaguear pelos quartos como se cumprisse uma penitência. Não recebiam visitas e também não as faziam.

Só uma vez, lembrava-se muito bem, desceram ao primeiro andar para admirar o aparelho que o Frazão tinha construído. Tratava-se de uma engenhoca diabólica, composta de bobines e lâmpadas de formato esquisito, tudo metido numa caixa de madeira, que falava sem ter ninguém lá dentro. A vizinhança juntava-se na sala pequenina para gozar o espetáculo. As pessoas olhavam com ansiedade o relógio de parede e quando faltavam cinco minutos para a meia-noite o dono da casa mexia nuns botões que o aparelho tinha

numa placa, a assistência concentrava-se no caixote numa espera parva, ouviam-se uns silvos infernais e, depois de uma eternidade de expectativa, soavam as doze badaladas.

O Frazão exclamava, ufano:

— Acabaram de ouvir a meia-noite em Londres!

Um dos visitantes tirava da algibeira o seu relógio, abanava a cabeça e falava:

— Sim, senhor! Um pêndulo!

E a reunião desfazia-se.

A Joana era uma autêntica bruxa. Vivia num casinhoto encajado entre prédios novos numa travessa vizinha. Muita gente a procurava para se valer dos seus entendimentos com o diabo; sabia desfazer azares e preparar mistelas que davam a felicidade. Os rapazes que brincavam com êle contavam-lhe as coisas mais extraordinárias. Que dentro da asa da Joana se ouvia sempre o barulho de serra a cortar madeira, barulho que só parava pela madrugada.

Era a alma do Serafim carpinteiro que ia atormentar a velha pela droga que lhe metera no estômago pelas mãos da companhia. Questão de ciúmes! À hora que saía de casa, quando vivo, de madrugada, para chegar à tabela, à estância, era a mesma em que terminava o seu martírio, agora que estava morto. Durante o dia vagueava pelo espaço ou ia estarrecer outro pessoal. Isso não se sabia.

Tinha medo da megera. Entrou uma vez no seu antro. Um covil que era um inferno. Sujidade, escuridão e teias de aranha. Uma viscosidade libertava-se de tudo, foi a sensação que teve. Não chegou a ver as retortas e outras peças diabólicas, porque as janelas estavam completamente fechadas. Fato tenebroso. A bruxa movia-se à vontade no meio daquele negrume como se os seus olhos fossem lanternas.

Não ouviu o ruído da serra, é verdade. Mas sentiu bichos estranhos passarem-lhe junto ao rosto e distinguiu o piar lugubre de um mocho.

Estas invocações surgiam-lhe no espírito durante a noite, por mais esforços que fizesse para se desembaraçar delas.

A costureira! Ainda a noite passada acordou, aterrado, a ouvi-la. Contava-se no bairro que a mulher aparecia nas casas alheias, num oferecimento de préstimos que ninguém lhe pedia, a pedalar na sua máquina de costura. Pobre alma penada que pagava no outro mundo uma dívida que deixara neste por saldar. E cumpria-a pedalando pela noite a fora horas seguidas, a fim de terminar a obra que a deusa vingativa lhe distrimuira para execução. Mas o tecido nunca mais acabava. Tinha pano para mais de cem anos de trabalho.

Era um ruído persistente, monótono, enervante. A bruxa Joana falara-lhe nisso. "Se já tinha ouvido? Nã senhora!" Mas nessa noite

ouviu. Estava deitado há muito tempo quando se apercebeu de que alguém arrastava um móvel. E, de repente, soou o tac-tac vertiginoso do pedal. Tal e qual uma máquina a trabalhar. Depois parava. Tinha-se partido a linha. E a barulheira recomeçava logo a seguir. O tempo necessário para enfiar a agulha.

Cobriu a cabeça com o cobertor. Foi um descanso momentâneo. A sarrazina recomeçou, cada vez mais nítida, como se a danada estivesse a costurar junto da sua cabeça, entre os cobertores. Um absurdo! Todavia, o terror foi tão grande que gritou. A costureira deixou de pedalar e fez-se um silêncio que o apavorou. Depois ouviu as botas do pai rangerem no sobrado, a porta que se abriu, a luz da lâmpada a cegá-lo e a reprimenda:

— Que é isso, rapaz? Vamos a dormir.

Para os lados da Secretaria o corneteiro tocou a sentido, cortando-lhe o fio das recordações. O Buces ficou um tempo suspenso no vácuo a procurar-lhe o significado. “Toque de sentido, a esta hora”!

Estava já esquecido do pormenor quando abriram a porta da separação. O Miranda falou-lhe carrancudo:

— Vais ao quarto do senhor Prefeito.

O Buces levantou-se num único movimento. “Ah! êle é isso”! Olhou o Vigilante com o olhar desvairado, pronto a arremeter. Num segundo a idéia passou-lhe pela cabeça. “Passo-lhe uma rasteira e deito a fugir”. Reconheceu, porém, que isso era uma cobardia. “Não ia, porquê? Alguém lhe metia medo”? Cerrou os dentes, franziu os lábios num sorriso de malandro e avançou. O Vigilante acabava de lhe dar a explicação do toque de sentido.

Os colegas deviam estar nas aulas. Não encontrou ninguém. Atravessou as camaratas, os claustros e subiu as escadas de ferro que levaram ao quarto do Prefeito. “Que pena que os companheiros não vissem a sua coragem!”

O Miranda ficou cá em baixo. Estava já no cimo, viu o Vigilante acender o cigarro e avaliou a altura. Atirava-se dali abaixo e ficava tudo arrumado. “Cães! Não lhes daria essa glória!”

A hesitação durou pouco tempo. Lançou a mão à maçaneta da porta e entrou. O pai estava lá dentro com o cinturão na mão.

— Fecha!

Obedeceu sem pestanejar.

Houve um momento em que os dois ficaram frente a frente sem dizerem palavra, a medirem-se como dois inimigos. O comerciante esmagou o resto do cigarro no cinzeiro da mesa de cabeceira e falou numa voz alterada, que lhe traia a cólera:

— Não queres ter juízo? Não queres?

O mutismo do filho e as suas próprias palavras desnortearam-no. Deu dois passos na sua direção.

— Não queres?

A bofetada estalou quase ao mesmo tempo.

— És um traste! Um traste!

E servindo-se do cinturão malhou-lhe o corpo numa fúria.

O Buces esquivava-se às pancadas como podia e formava em torno da cabeça uma cintura com os braços.

— Desonras-me!

— Hei-de fazer pior!

O homem atirou com o cinturão para cima da cama, desapertou o botão do colarinho que o estrangulava e fixou o filho, hirto, na sua frente. "Maldito, nem uma lágrima!" As palavras rancorosas do rapaz estimularam-lhe o desejo de todo o ser — "mato-o!" Permaneceu na mesma posição, aterrado com os próprios pensamentos. "Mato-o!" Domínou-se, **por fim**.

— Sai da minha frente. Nunca mais te quero ver.

A boca fechada para conter as maldições que lhe fervilhavam no peito, sem uma despedida, o Buces virou as costas e saiu. Desceu as escadas. O Miranda esperava-o em baixo, branco e delgado como uma folha de mortalha.

Percorreram o mesmo caminho, calados. Quando o Vigilante ia fechar a porta é que aconselhou:

— Vê se ganhas juízo, Vieira. Assim não vais bem.

Nessa altura a revolta estalou.

— Bandidos!

Agarrou na cadeira e bateu com ela na cama, nas paredes, até esfrangalhá-la. Depois atirou-se contra a porta, louco de desespero, esmurrou-a muitas vezes até sentir os punhos doridos. Por fim, lançou-se para cima da cama e chorou de raiva.

Havia de ultrajá-los a todos. Na primeira aula de Física, quando o Terror o interrogasse, responder-lhe-ia: "Vá catar piolhos na cabeça de um asno!" Ou então, quando o professor de História estivesse a mastigar a lição interrompe-lo-ia para lhe dizer: "Ó Língua-de-Trapos! Acaba com os "nardijos"!"

O seu nome ficaria gravado a fogo nas lendas do Colégio.

Estes pensamentos de vingança trouxeram-lhe uma calma desesperada ao espírito. Sentiu, nessa altura, dores torturantes por todo o corpo. Apalpou o rosto entumescido. A preocupação de há pouco voltou a torturá-lo. "Porque não vieram os companheiros? Sem papel e lápis como ia escrever à Maria de Lourdes?"

Estiraçou-se na esperança de encontrar posição para o corpo doído e recuperar forças.

Ao meio-dia o Contínuo trouxe-lhe o almoço. Deixou-se ficar como estava, sem se mexer. Desprezo e ódio! Desprezo e ódio!

— Onde está a cadeira?

— Desfez-se, não vê? — Levantando-se, concluiu com brutalidade: Ponha no chão.

Comeria assim, como um cachorro. Agachou-se para mostrar ao alarve qual era a sua disposição. E, de repente, uma névoa cegou-o. "Tanto não, caramba!" Foi incapaz de sustentar o ímpeto e com um pontapé atirou os pratos pela porta fora. A comida derramou-se pelo sobrado.

O Contínuo mirou a farda salpicada de gordura, lançou-lhe um olhar odioso e ameaçou:

— Queres mais três dias, não é?

— Vai tratar por tu o teu pai!

O bruto fechou a porta. "É para saberes como é!" E o Buces socegou. Uma tranquilidade estranha toma-lhe conta dos nervos. Tinha fome, é verdade, mas aquela satisfação física de certo modo mitigava-a. Se tivesse ao menos uma boa reserva de tabaco!

"Esta é a última noite!" — pensou.

E a memória desenterrou de profundidades desconhecidas, mais uma vez, imagens de cenas passadas.

Um dia jogava no meio da rua com a malta. A Joana tinha saído e êle aproveitou a oportunidade para se escapular para o pé da rapaziada. O pai não tolerava essa camaradagem. Considerava os seus amigos pequenos patifes que lhe corrompiam o filho. Era, de fato, uma matula de pé descalço, pronta a tôdas as perversidades.

Estavam na brincadeira quando chegou a notícia de que um rapaz caíra à mina. O bairro alvoroçou-se. Homens e mulheres correram para o campo do Manuel Zunida, anunciando a tragédia a quem encontravam.

— ... caiu, caiu à mina.

— Quem? — perguntavam as pessoas assustadas.

A avalanche avançava sem responder e a população aumentava.

A mina levantava-se no meio da seara. As mulheres ganiam o seu desespero, sem saberem ainda quem tinha sido o infeliz. Os garotos cegam!

O Viegas ofereceu-se para descer ao fundo do poço. Ataram-lhe um cabo à cintura e o homem desapareceu pela bocarra da mina. Do lado de fora os homens seguravam a corda, deixando-a deslizar vagarosamente, para não dificultar a descida do companheiro. Este servia-se das mãos e dos pés para se defender das saliências da parede interior do poço.

Havia ansiedade nos rostos dos presentes. Por um momento, as mulheres calaram-se. De súbito, a voz do Viegas implorou:

— Iça!

Quando se apanhou cá fora, aspirou o ar e justificou-se:

— Não se pode. É um cheiro!

A gritaria recrudescceu. Mais dois voluntários tentaram a descida. No entanto, só quando chegaram os bombeiros com as máscaras conseguiram retirar do fundo da mina o corpo esfacelado do rapa-

zinho. A Emília, olhou a pasta ensanguentada colocada em cima das espigas de trigo, deu dois gritos histéricos e caiu para o chão em convulsões, as pernas grossas à mostra, o peito a arfar desalmadamente como se estivesse para morrer.

Guardava na retina essa imagem. Os olhos gulosos da matuia não largavam o corpo da moça e mão atrevidas, trémulas de emoção, aproveitaram a balbúrdia para se lançarem, ávidas, sôbre as coxas da mulher.

— Agarrem no tronco! — gritava um.

E ninguém desferrava. Todos se sentiam úteis e necessários agarrando-lhe nas pernas.

O Buces lembrou-se da Maria de Lourdes. Durante um momento a figura da filha do Ramires confundiu-se com a imagem da Emília desmaiada, de pernas ao léu para gôzo da canalha.

Encaminhou-se para a janela e reparou que lhe faltava a cadeira para se empoleirar. Ficou uns instantes perplexo e acabou por desarrumar o leito. Dava-lhe até mais comodidade. Pulou para a cabeceira e espreitou.

A rapariga estava sentada no muro com os livros abertos. A sua presença pagava-lhe todos os dissabores dessa manhã. "Porque é que nunca reparei nela?" Os camaradas que arranjassem namoros com as internadas da Casa de Correção. Ele sentia-se orgulhoso com a Maria de Lourdes.

Estúpidamente lembrou-se mais uma vez da Emília estendida na seara do Zunida e uma teia de mãos a cobrir-lhe o corpo. Isso deu-lhe um prazer esquisito, porque a Emília tinha-se transformado e em seu lugar estava a imagem de Maria de Lourdes. Idêntica metamorfose se deu com as mãos, que desapareceram para surgir unicamente as suas a acarinharem as pernas da filha do Ramires.

Pensou que não tinha lápis nem papel para escrever. Nessa altura a Maria de Lourdes olhou para ele. Acenou-lhe com a mão. Viu-lhe ou adivinhou um sorriso de cumplicidade. Sentiu uma felicidade nunca experimentada, uma tepidez correr-lhes no sangue. Um sorriso de mulher!

Ficaram assim uma eternidade a procurar entenderem-se com os olhos. Fez-lhe sinal de que lhe queria falar. Levava a mão à boca e movia os lábios naquela mensagem que lhe saia ingenuamente do coração. A moça baixou a cabeça num acôrdo. Estimulado, fez outros sinais para lhe dar a entender que desejava escrever-lhe.

A rapariga mergulhou os olhos no livro, com evidente atrapalhamento. Dali não via, mas adivinhava uma presença estranha. A mãe, possivelmente, ou o Ramires. Discretamente a Maria de Lourdes olhou de novo e levou a mão ao nariz fazendo um tregeito. "Cuidado! Inimigo à vista!"

Entretanto, Buces dava voltas à imaginação para descobrir o

processo de lhe escrever. Desviou-se do retângulo da janela, não estivesse alguém a espiar-lhe o jogo, agarrou-se ao fecho de ferro e encostou o corpo à ombreira. O casaco da farda de cotim sujo de óleo. E a idéia surgiu-lhe nesse momento. Fez sinal à rapariga para esperar. E atabalhoadamente tirou do bolso o maço de cigarros, desfez o invólucro e espalmou bem o papel. Depois pegou num fósforo e besuntou-o no óleo das dobradiças da janela. Pôs o papel em cima da cama, acocorou-se em frente e ficou assim largo tempo a meditar nos trmos que devia usar. Decidiu-se e garatujou com muita dificuldade:

Gosto de ti. Precisava de te falar.

Queres fugir comigo ?

Mirou os gatafunhos e cortou a palavra Vieira, substituindo-a pelo seu alcunho: Buces.

Encarrapitou-se de novo. A Maria de Lourdes continuava à espera. Repetiu os sinais e abriu a boca para reforçar os gestos com a articulação muda das palavras que traduziam o seu desejo. Mostrou-lhe o papel escrito. Interrogou-a com a cabeça. "Sim!", respondeu ela pelo mesmo processo.

Então o Buces agarrou na caixa de fósforos, arrancou um pouco de lixapara não ficar desprevenido, guardou os fósforos que lhe restavam e meteu dentro a mensagem. Por fim, acomodou-se como poude e balançou o braço. "Vai em boa hora!"

A rapariga presenciou a manobra e ficou a olhar o sítio onde a caixa caíra sem fazer o menor movimento. Ele incitou-a para que viesse buscar.

Finalmente a filha do Ramires atreveu-se. Poisou os livros em cima do muro e caminhou para a separação. À medida que a rapariga avançava crescia a sua figura e o Buces sentia as palpitações do coração mais violentas. Ela estava tão próximo de si que lhe podia falar, mas as palavras ficavam-lhe retidas na garganta. Os seus olhos deslumbravam-se com o corpo elegante da moça. A mesma idéia lhe ocorreu: "E esta, hein! Nunca dei conta deste mimo"! Uma felicidade derramava-se-lhe nas veias. Um sorriso parvo estampava-se-lhe na cara.

A filha do Ramires agarrou o objeto, olhou o Buces e falou:

— Não seja mau, para não ser mais castigado.

Abalou numa corrida, como se ficasse envergonhada com as suas palavras. Ele continuou a olhar o mesmo sítio, preso da fascinação do seu corpo a dobrar-se e, finalmente, ao movimento das pernas na carreira.

"Que linda voz"!

A rapariga chegou ao ponto donde partira e sentou-se. Não desferrava os olhos do livro, arrependida talvez do seu atrevimento. Esta idéia perturbou, o Buces. "Se ela se zanga"?

Entretanto, a noite avançava. O Ramires surgiu, afagou os cabelos da filha com um carinho desconhecido para o Buces e ambos desapareceram da sua vista.

Continuou largo tempo empoleirado nos ferros da cama, entredito a ver o trabalho da noite a escamotear sucessivamente os objetos. Em breve tudo era negrume. Repentinamente surgiram as manchas amareladas das lâmpadas que marcavam o limite da cerca. Na posição em que estava ouvia indistintamente uma barulhada confusa proveniente dos jogos dos camaradas na parada. Por fim, o silêncio. Era a hora do jantar.

Arrumou a cama, esteve ainda sentado a fumar um cigarro, mas lembrou-se que só lhe sobravam dois e era preferível guardá-los para depois da refeição.

Só nessa altura reparou no fato invulgar: estava às escuras. "Não lhe acendiam a lâmpada, porquê?" Esperou uns momentos e preparou-se para protestar quando o Contínuo viesse trazer-lhe o rancho. Contudo, o tempo passava sem que os seus ouvidos atentos se apercebessem do mais insinificante ruído. Acendeu um cigarro e passeou nervosamente pelo quarto. Compreendia agora o que aquilo queria dizer. Pretendiam castigá-lo doutra maneira. Deixavam-no sem luz e não lhe traziam o comer.

Deu a última fumaça e deitou a beata para o chão. Esmagou-a com o sapato. "Para quê cuidado? Que lhe importava que os sujeitos vissem que êle fumava?" Recordou-se das palavras da Maria de Lourdes: "Não seja mau, para não ser mais castigado". Mas a figura da namorada não estava alí para o acobardar com a quentura do seu olhar.

Atirou-se à porta e bateu desesperadamente:

— Luz! Comida! Luz!

As suas palavras perderam-se no socego da noite. Nem o bafo da sombra de um fantasma. Lançou o último brado:

— Bandidos!

Chegou à janela a escutar o barulho que vinha do exterior. Um silêncio estúpido a negar-lhe a evidência: a presença dos camaradas algures.

Tinham ido já para o estudo, de certo. Sentou-se na borda da cama, exausto. Passavam-lhe pelo espírito as mais estranhas ousadias. Deitar fogo à separação. Arrombar a porta e aparecer nas aulas para humilhar o Miranda, o Morais, o Diretor, todos.

Há muito tempo que o Buces olhava aquela mancha luzidia que estava no chão. Era a fôlha de estanho do maço de cigarros. Olhava sem ver, a cabeça a desenrolar impossíveis planos de vingança. De súbito, lembrou-se de que havia na separação uma tomada de corrente. E por uma inesperada associação de idéias recordou o Terror e as lições de Física. "Eletricidade de sinais contrários..."

— Não fazem pouco de mim!

Agarrou na fôlha de estanho, enrolou-a pacientemente, transformando-a num fio delgado, que trincou com os dentes nas extremidades até reduzi-la à medida que julgou adequada. O coração pulsava-lhe com uma violência extraordinária. "Se não desse resultado?"

Tateou no escuro a tomada de corrente e com precaução procurou enfiar simultaneamente as duas pontas nos bornes da tomada. Susteve a respiração. "Não seja mau!" Precisamente nessa altura uma faísca relampejou pelo quarto. O clarão inundou o quarto de luz. A tomada de corrente chiou e êle foi arremessado contra a parede. Ficou assim, pálido com o resultado da experiência, sem sentir nas pontas dos dedos o ardor da queimadura.

Deixou-se ficar quieto durante muito tempo, agachado na escuridão, receoso que alguém se lembrasse da sua existência. Pouco a pouco a dúvida avolumava-se. "Acertei em cheio ou não?"

Arrastou a cama para a janela e verificou que as luzes da cerca estavam apagadas. "Três à preta!" Sentou-se na cama satisfeito com o trabalho, acendeu o último cigarro e serenou.

A escuridão era completa. Buces sentia uma fome endiabrada magoar-lhe o estômago. Lembrou-se da Maria de Lourdes, da carta que lhe escrevera, e ficou suspenso na incógnita da sua resposta. "Que voz! Não seja mau!"

A imaginação levou-o para a Gruta da Madalena na companhia da rapariga. E aqui a imagem da Emília desmaiada sobrepôs-se à primeira. Os homens a agarrarem-lhe nas pernas volumosas, as ligas pretas a marcarem o extremo das meias e o começo da carne. Tudo se confundiu mais uma vez para reaparecer, finalmente, as pernas da Maria de Lourdes, depois as suas mãos, só as suas.

Apercebeu-se da chiadeira junto da tomada de corrente, como se alguém estivesse ali a fritar peixe. "A costureira!" A bruxa da Joana encheu o compartimento com a sua presença.

No exterior troaram os passos de homem a correr. Depois a voz do Vigilante soou na noite:

— Ó Ramires, há luz por aí?

A EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS FOLCLÓRICOS DO PROFESSOR FRANKLIN CASCAES

Conforme estava programada, foi inaugurada, no dia 19 de dezembro, às 10 horas nos salões do Instituto de Educação Dias Velho, a exposição de motivos folclóricos, levada a efeito pelo professor Franklin Cascaes, professor de desenho da Escola Industrial de Florianópolis. O material exposto consta de passagens do nosso folclore modelados em gesso, formando cada conjunto um ambiente verdadeiramente semelhante ao acontecimento real.

Com a presença do Secretário da Educação, Saúde e Assistência Social, foi dado início à inauguração, tendo usado da palavra o jornalista Doralécio Soares, que disse as palavras que abaixo se transcrevem:



Vista Parcial da Exposição Vendo-se A "Casa De Farinha"

Excelentíssimo Senhor Secretário de Estado dos Negócios da Educação, Saúde e Assistência Social.

Excelentíssimas Autoridades Federais, Estaduais, Municipais.

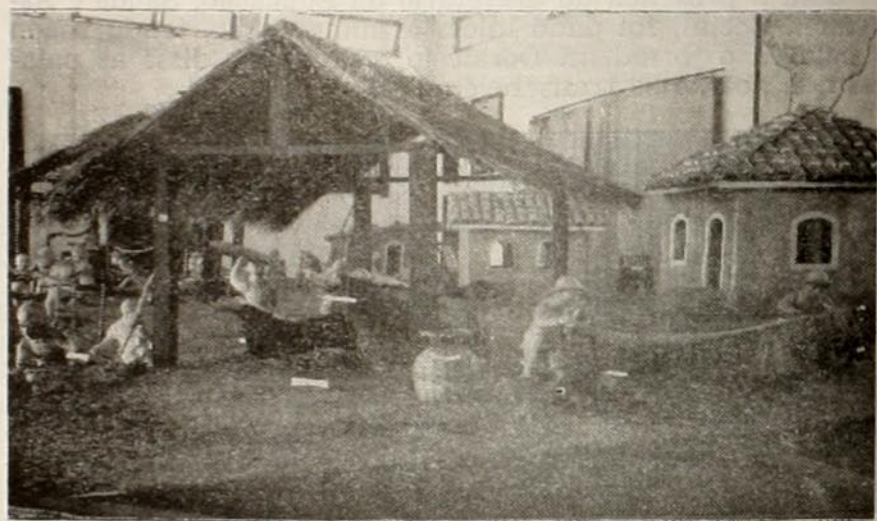
Excelentíssimas Autoridades Militares.

Minhas Senhoras, Meus Senhores.

Levado por uma natural emoção, solicitou-me, o professor Franklin Cascaes, fosse eu o intérprete de suas palavras no instante do oferecimento de sua modesta exposição de motivos folclóricos. Faço-o honrado pelo convite do ilustre expositor que, com seu esforço e dedicação, com a sua arte, procurou homenagear a cultura tradicional de nosso povo, focalizando os seus motivos e os seus costumes. Difícil se tor-

na, para todos nós, cidadãos, adquirir cultura folclórica, dando os nossos inúmeros afazeres, para nos poder dedicar ao estudo dos costumes do nosso povo.

O professor Franklin Cascaes, idealizando a sua exposição, poupa-nos este trabalho, trazendo até nós ecos dessa tradicional cultura. O esforço, a dedicação e natural vocação para a arte da escultura, aliados à vontade de vencer, fizeram com que o servente da Escola Profissional Feminina, de 1935, se transformasse no já Professor Franklin, que hoje oferece ao público da nossa Capital mais uma coleção dos seus trabalhos. Não foi fácil, entretanto, levar de vencida esse seu



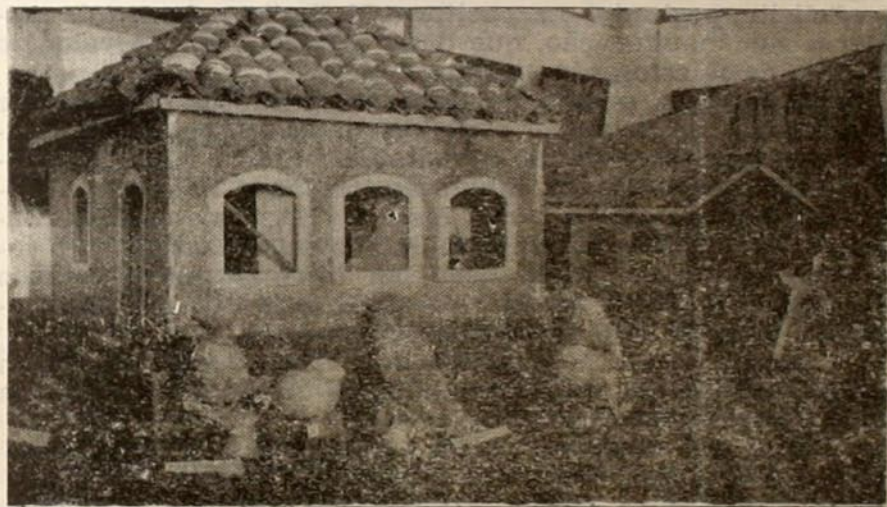
Outra Vista Parcial, Vendo-se um "Rancho De Pescadores"

desejo de aperfeiçoar-se na arte nobre de transportar para o material plástico o que as células da hereditariedade lhe legou através dos séculos. Várias foram as dificuldades encontradas. Bolsas de estudo foram-lhe prometidas, mas não passaram da promessa. Entretanto, não lhe faltaram estímulo dos apreciadores das suas vocações artísticas. Eis que em 1937, é apresentado ao Dr. Cid Rocha Amaral, Diretor da Escola de Aprendizes Artífices. Conhecedor das suas pretensões, aquele diretor o apresentou ao professor Manuel Marin Portela, mestre da oficina de modelagem, solicitando desse professor a sua colaboração para que ali pudesse desenvolver os seus estudos. Inicia-se, desde aí, uma nova fase na vida do jovem artista que, até então, só havia recebido promessas. In-

gressando no Curso Noturno, no ano seguinte criado, ponde em 1941, concluí-lo. No mesmo ano presta concurso para coadjuvante de ensino e em outubro, ainda do mesmo ano, é admitido como professor naquela Escola.

Em 1943, é designado para professor do curso de modelagem e em 1953 é apresentado também para lecionar aulas de trabalhos manuais. Fez um curso de férias, em 1948, na Escola Técnica Nacional.

O professor Franklin não esconde a sua gratidão ao dr. Cid Rocha Amaral, de quem diz dever a sua carreira artística. E assim como êle, vários são os professores daquela Escola, seus ex-alunos, devedores do estímulo e amparo do diretor daquele estabelecimento de ensino técnico.



Casa Estilo Colonial, Vendo-se As Rendeiras Com Suas Almofadas.

Os artistas, meus senhores, têm perpetuado através dos séculos, a evolução da humanidade, marcando em pedra as suas várias transformações. Os cientistas tem se valido desse legado para investigar a história do progresso dos povos. Eis, portanto, que a contribuição das artes, na marcha evolutiva da humanidade, tem sido de primordial importância para o conhecimento dos nossos antepassados.

A cultura geral de um povo "está para as suas obras de arte", assim como o seu desenvolvimento econômico, como país, está para a grandeza do seu parque industrial.

Apoiar, estimular, prestigiar tôda pessoa que traz em si vocações artísticas, deve ser uma obrigação natural de todo um povo que procura evoluir. Porque, como já disse, as inclinações artísticas são células hereditárias que se transmite aos homens através dos séculos. E creio que, na proporção de um por mil, e dêesses, poucos conseguem vencer.

Excelentíssimo Senhor Secretário: Solicitou-me o professor Franklin que externasse, aqui, os seus agradecimentos ao Senhor Governador, pela honra que lhe concedeu ao patrocinar esta exposição e pela maneira precisa e expontânea com que a Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Social, na pessoa do seu ilustre Secretário, prestigiou a mesma dando todo o seu apoio e tornando, assim, possível a sua realização.

Solicita, portanto, o expositor a V. Excia. a honra de proceder a sua inauguração, que dará grande brilho e valor ao trabalho desse esforçado e nobre artista.

Terminada a oração do distinto jornalista e animador da exposição do professor Franklin Cascaes, falou, inaugurando a exposição e dando a visitação pública o sr. dr. Waldir Busch, Secretário da Educação, Saúde e Assistência Social, que, em rápidas palavras, disse do interêsse do Governador Irineu Bornhausen em auxiliar as obras artísticas e intellectuais no Estado e finalizou por afirmar que o govêrno está sempre pronto a auxiliar os que lutam nas esferas intellectuais, projetando o nosso povo lá fora.

A seguir, foi a exposição aberta à visitação pública e tem sido grandemente concorrida, dadas as qualidades do artista que é Franklin Cascaes.

Doralécio Soares

CORRESPONDÊNCIA

Além de críticas e comentários os mais lisonjeiros, dos nomes mais em evidência no cenário literário do país, são inúmeras as cartas que tem recebido o ensaísta Nereu Corrêa por motivo do lançamento de seu livro de estréia "Temas do nosso tempo". Em nosso número anterior tivemos oportunidade de divulgar a que lhe foi remetida pelo escritor Moises Velinho, nome sobejamente conhecido nos círculos intelectuais do país. Pelo inegável interesse que apresentam, damos, neste número, à publicidade, 3 cartas de três elementos os mais representativos da nossa cultura.

Rio, 3 de Julho de 1954.

Ao escritor Nerêu Corrêa,

Venho agradecer o amável oferecimento de seu livro de ensaios "Temas de Nosso Tempo", em que um pensamento lúcido e penetrante analisa com felicidade questões de vivo interesse literário cultural.

Cordialmente, e com sincera admiração,

(Ass.) **Carlos Drumond de Andrade**

Rua Joaquim Nabuco, 81.

Petrópolis, 29 de Janeiro de 1954.

Prezado amigo Nerêu Corrêa,

Só agora, numa rápida estadia em Petrópolis, fugindo ao calor do Rio, pude ler, com vagar, seu excelente livro "Temas de Nosso Tempo".

Tive verdadeiro encanto intelectual e uma certa e agradável surpresa em encontrar-me com o seu alto espírito, tão lúcido, culto e sereno, em plena mocidade. Daí ainda ser maior o meu reconhecimento de haver sido contemplado com um exemplar de seu livro, cujos ensaios profundos e belos me tornaram seu sincero admirador.

Agradecendo-lhe, pois, mais uma vez sua gentileza, faço os melhores votos pela sua carreira literária, que já tenho certeza será brilhantíssima, como o será também, em qualquer outro campo a que se devotar o seu brilhante talento.

Abrços do conterrâneo amigo,

(Ass.) **Edmundo da Luz Pinto.**

Rio, 22 de junho de 1954.

Caro confrade Nerêu Corrêa,

Acabo de ler o seu esplêndido livro, o que fiz com muito agrado. Apreciei-lhe as graças do estilo, o agudo senso críti-

co, o gosto e, afinal, a polarização de idéias que o habilitou a tratar com argúcia alguns dos complexos temas de nosso tempo.

Embora possa discordar de algumas opiniões suas aliás, sempre bem desenvolvidas, a verdade é que me deliciei com a leitura de seus ensaios. Li com particular interesse o belo estudo sôbre Luiz Delfino. É um autor pouco estudado, não tanto por não merecer a atenção da crítica, mas devido às dificuldades de ordem bibliográficas. A família do poeta não orientou bem a publicação de suas obras. Falta um levantamento bibliográfico, que já quis fazer na Biblioteca Nacional, mas nem lá existem tôdas as obras publicadas. Por minha vez, apesar de ter pescado a maioria aqui e ali, não posuo tôdas. Enfim, é difícil estudar a rigor Luiz Delfino, ainda por falta de datas, como v. aliás acentua muito bem. Ainda a respeito do poeta, conhece um estudinho meu incluído na "Prata de Casa"? Se não, poderei remeter-lhe o livro.

Permita-me dois reparos. Enganou-se quanto à naturalidade de Sílvio Romero, que era sergipano, como Tobias, e não pernambucano. Tal como está em sua obra, o soneto de Raimundo Correia apresenta alguns lapsos, no primeiro quarteto e no último terceto, em confronto com o texto definitivo, cf. Mucio Leão. V. as "Obras Completas" de Raimundo Correia organizadas pelo Mucio, e também o vol. "Aras de Triunfo", que é uma das balbúrdias bibliográficas perpetradas sob o nome de Luiz Delfino.

Com os melhores agradecimentos pela fineza da oferta, muito cordialmente,

colega e admor. at.

(Ass.) **Eugênio Gomes.**

PASCOAL CARLOS MAGNO EM FLORIANÓPOLIS

Mais uma vez esteve na Capital catarinense, o ilustre teatrólogo e romancista Pascoal Carlos Magno. O fundador da Casa e do Teatro do Estudante do Brasil e que é também secretário da Juventude Musical Brasileira, desta vez veio a Florianópolis, em nobilitante missão: entrar em entendimentos com as nossas autoridades públicas e afeiçoados das artes para Santa Catarina se fazer representar no primeiro festival de Arte da Juventude Brasileira, que se realizará em julho próximo sob o patrocínio do Teatro do Estudante e do Ballet da Juventude.

No salão de Música do Instituto de Educação, com a presença do representante do sr. Governador do Estado, deputado federal Jorge Lacerda, prof. Sálvio Oliveira, jornalistas, Grupo da Revista "SUL", prof. Manuelito Peluso, regente da Orquestra Sinfônica de Florianópolis, profa. Albertina Ganzo, Diretora da Escola de Ballet de Florianópolis e vários membros de sociedades artísticas da Capital Catarinense, disse-nos Pascoal que êsse Festival será o conagraçamento dos artistas jovens do Brasil, em que serão aproximados todos os amantes da música, ballet e teatro e terá a duração de 10 dias. Constará de espetáculos teatrais e recitais de música e ballet. E, que no Festival não haverá tempo para exhibições pessoais e sim puro aprendizado, havendo uma série de aulas que serão ministradas pelos maiores técnicos da música, teatro e ballet, cuja contribuição servirá para o enriquecimento cultural dos participantes do festival. Além dos espetáculos, também haverá discussões em tôrno dos problemas culturais do Brasil.

Cinco filmes serão projetados e que marcarão a história do cinema nacional, que ilustrarão a orientação dos jovens artistas integrantes do Festival. O entusiasmo com que Pascoal Carlos Magno fala sôbre o que pode realizar o teatro na cultura geral do nosso povo é deveras grandioso. Falando-nos sôbre a sua permanência na Europa e da cultura artística do seu povo e o que se pode utilizar para o nosso desenvolvimento artístico é verdadeiramente sonhador. Mas não sonhador para si, para êle que conhece as possibilidades artísticas da nossa juventude. Sonhador, para os que o combatem no trabalho estafante que, com prejuízo dos seus próprios recursos e interesses vem realizando em pról da nossa cultura.

* * *

Para a preparação dêsse Primeiro Festival de Arte da Juventude Brasileira, Pascoal Carlos Magno, visitou quasi todos os Estados. Disse-nos ainda que o Teatro Duse, de cem lugares, instalado na sua

própria residência em Santa Teresa, conhecida no país como a casa de Carlos Magno, a residência de Pascoal está sempre aberta aos estudantes e artistas nacionais e estrangeiros. E' uma espécie de cadinho destinado a preparar atores, cenógrafos, figurinistas, diretores, além da missão de encenar peças de autores brasileiros não conhecidos do públicos.

* * *

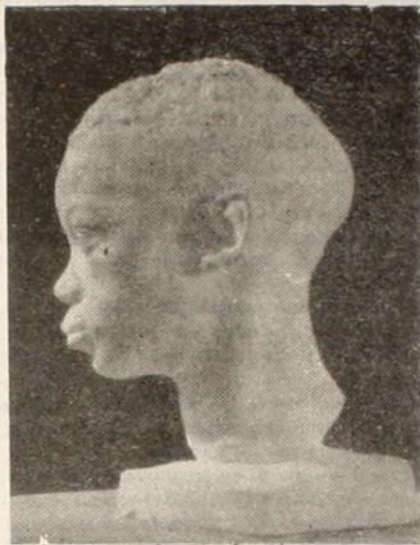
Virá, êste ano, a Florianópolis, o Teatro do Estudante do Brasil. Visitando as obras de reforma do Teatro Álvaro de Carvalho, Pascoal nos deu essa impressão. Os seus olhos percorriam as dependências como que mecanizados por uma indizível alegria interna, e foram estas as suas palavras: "Queira Deus que não acabe em cinema outra vez, para o aviltamento da cultura desta boa terra, pois um Teatro é um órgão por onde ela amplamente respira.

Referindo-se ainda a vinda do Teatro do Estudante, disse ser o seu desejo, desde há muito trazê-lo a Florianópolis, mas as instalações do teatro não comportavam. Agora, entretanto, será possível aos estudantes representar peças clássicas e modernas, cuja permanência aqui será acompanhada por professores de iniciação artística e de representação que darão aulas diárias enquanto que de noite os artistas representarão.

S. SIA. ainda louvou os catarinenses que se tem distinguido no Teatro da Capital da República, entre êles o professor Sálvio de Oliveira, que se destacou como um dos melhores diretores do Brasil, dirigindo "Lampeão" de Rachel de Queiroz e "declive", de Etelvina Felícia dos Santos Zananiri; Jason Cesar, agraciado recentemente com uma Bôlsa de Estudos na América do Norte, o que constitue uma vitória. E muitos outros que vencem nas artes na Capital da República. Falou-nos ainda na necessidade da fundação de um Teatro-Escola em Santa Catarina, cogitação esta que teve amplo apôio dos afeiçoados do teatro em Florianópolis, destacando-se o professor Sálvio de Oliveira. Teatro êste que dará espetáculos diários, como acontece em quasi tôdas as cidades americanas e inglesas, o que contribue para a formação de atores locais, se variando o repertório seguidamente, permitindo ainda a formação do público, elemento indispensável para se fazer teatro. Disse das qualidades de que é portador o prof. Sálvio cujo entusiasmo levará de vencida os obstáculos inerentes.

Eis, em síntese, o que foi a visita dessa personalidade máxima da cultura do Teatro Brasileiro que enormes sacrifícios vem fazendo para que a nossa juventude estudantil faça do teatro o seu trampolim para a elevação cultural do nosso povo. A "Revista SUL" que tem em Pascoal Carlos Magno um seu grande amigo, abraça-o prazeirosamente pela satisfação que nos concedeu, tendo-o mais uma vez entre nós.

Doralécio Soares



Cabeça, escultura de
Neusa A. Mattos

MENÇÃO HONROSA

A artista catarinense Neusa Amélia Mattos, obteve com a cabeça que estampamos acima, "Negrinho", a menção honrosa para escultura no VI Salão da Associação Riograndense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. O referido salão foi realizado meses atrás na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Registramos com prazer a notícia pois Neusa vem mais uma vez confirmar a sua vocação artística porquanto já vinha se destacando no terreno da pintura.

PRÊMIO "MÁRIO DE ANDRADE"

A senhora Carmen Dolores Barbosa intitulou diversos prêmios literários para obras inéditas. O deste ano, para livros de poesia inédita, com uma dotação de Cr\$ 25.000,00, encerrou-se a 30 de setembro último. Inscreveram-se ao "Prêmio Mário de Andrade", 139 concorrentes, o que atesta de modo eloquente o alto interesse despertado pelo mesmo. O resultado do referido concurso será conhecido em janeiro de 1955 quando uma Comissão Julgadora dará o seu veredito.

Manoelito de Ornellas viajou, andou pelas terras de Portugal e de Espanha. Chegou e viajou novamente, desta vez por nossas terras, a contar o que viu. E agora, nos chega o livro onde ele enfeixou as suas "Impressões de viagem". É um todo de emoção, beleza e entusiasmo que só ele mesmo, o autor, nos poderia dar. É toda uma evocação viva de Portugal e Espanha. A descrição começa antes de chegar a Portugal, quando aos poucos vão aparecendo as Ilhas do Cabo Verde... E daí por diante vão desfilando uma série de nomes cheios de beleza, às vezes de mistério: "Nos Roteiros do Mar e da Terra" (Cabo Verde, Madalena, Lisboa, Santarém, Thomar, Alcobaca, Nazaré, Sintra, Queluz e Mafra). "A Sinfonia Verde do Minho", "Sevilha, Terra de Sol", "Caminhos "del Andaluz" (Córdoba, Granada e Fuente Vaquero) "Castilha, oceano de couro..."

FACULDADE DE FILOSOFIA

Acaba de ser autorizado, por Decreto do Governo Federal, em fins de dezembro de 1954, o funcionamento da Faculdade de Filosofia de Santa Catarina, fundada em Florianópolis, a 8 de setembro de 1951. Datava de vários anos esse anseio da mocidade barriga-verde que agora o vê realizado, graças à atividade e aos ingentes esforços do professor Des. Henrique da Silva Fontes, figura destacada no meio educacional de Santa Catarina e do Brasil.

A Faculdade, inicialmente, funcionará com cinco Cursos: Filosofia, Geografia e História, Letras Clássicas, Línguas Neo-Latinas, e Línguas Anglo-Germânicas. Naturalmente, com o tempo, outros Cursos terão lugar. Os programas para os exames vestibulares estão sendo impressos e, provavelmente, quando "Sul" estiver circulando, os programas e outras informações, já sejam do conhecimento dos interessados. Juntando-se às Faculdades já existentes, Direito, Farmácia e Odontologia, Ciências Econômicas, a de Filosofia constitui um grande passo para a criação da Universidade de Santa Catarina.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

REVISTAS

A Gazeta de Atibáia — Ano 8 — ns. . . 429 (maio), 447 (set. de 54) — Praça Bento Pais, 98 — Atibáia — São Paulo.

Revue de la Politique Mondiale — Ano V — ns. 96 a 106 (abril a set. de 54) — Terazije 31, P. fah 125 — Belgrado — Jugoslávia.

Jornal de Letras — Ano VI — ns. 59, 60, 61, 62, 63 e 64 (maio, junho, julho, agosto, set. e outubro de 54) — Av. Erasmo Braga, 255 — 10º — sala 1.004 — Rio de Janeiro.

Viagem — Revista de Turismo, Divulgação e Turismo — Ano XV — ns. 163 a 167 (maio a setembro de 54) — Rua da Horta Sêca, 7 — Lisboa — Portugal.

Ressurge, Gôa! — Órgão Nacionalista Independente do povo goês — Ano V — ns. 85 a 88 (março a agosto de 54) — Glamour Building — 12, Colada Road — Bombay — Índia.

A Batalha — Diário Democrático Independente — Ano VI — ns. de maio a setembro de 54 — Rua Hermilo Alves, 216 — Belo Horizonte — Minas Gerais.

Vértice — Revista de Cultura e Arte — Vol. XIV — ns. 129 (junho) 130 (julho de 54) e 131/2 (agosto e setembro) — Rua das Fangas, 46 — 2º — D. — Coimbra — Portugal.

Horizonte — Ano IV — n. 27 — março-abril de 54 — Praça Parobé, 130 — 130 — sala 407 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Boletim de Música y Artes Visuales — Departamento de Asuntos Culturales — Union Panamericana — ns. 45 a 52 (no-

vembro de 53 a junho de 54) — Washington 6, D. C. — U. S. A. — Estados Unidos.

Investigações — Revista do Departamento de Investigações — Ano V — ns. 50 e 51 (julho a dezembro de 53) — Rua Brigadeiro Tobias, 527 — 5º — salas 513-14 — São Paulo.

Novo Mundo — Órgão da Assoc. de Intercâmbio Cultural — Ano VIII — ns. 90-92 — set.-dez. de 53 — Av. Gal. Rondon, 572 — Guiratinga — Mato Grosso.

Boletim Foto-Cine — Foto-Cine Clube Clube Bandeirante — Ano VIII — ns. 88 a 91 — Rua Avanhandava, 316 — São Paulo.

Boletim Bibliográfico Brasileiro — Vol. II — ns. 2 e 4 (março e jul.-ago. de 54) — Av. Rio Branco, 138 — 11º — Rio de Janeiro.

Gazeta do Norte — Ano VIII — ns. de junho a setembro de 54 — Caixa Postal, 363 — Londrina — Paraná.

Crucial — n. 5 — junho de 54 — Av. Borges de Medeiros, 1.025 — ap. 50 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.

Union Cultural Americana — Ano XV — n. 12 — abril de 54 — Alberti, 1.520 — Buenos Aires — Argentina.

Itinerário — Publicação mensal de letras, arte, ciência e crítica — Ano XIII — n.ºs 136 e 137 (abril a julho de 54) — Caixa Postal, 301 — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.

O Cooperador — periódico de difusão cultural e cooperativista — Ano V — n.ºs 3, 4 e 7 (março, abril e julho de 54) — Av. Pres. Vargas, 149 — 8º — sala 12 — Rio de Janeiro.

Estudos — Revista de Filosofia e Cultura da Assoc. de Prof. Católicos do Rio

AGOSTINHO DA SILVA

Agostinho da Silva (George Agostinho Baptista da Silva) nasceu em Portugal. Frequentou universidades portuguesas, francesas e espanholas. É formado em filosofia. Além de conhecer várias línguas clássicas e modernas, dedica-se a estudos, entre outros, das ciências físicas e naturais, história da civilização, etc., sendo os estudos de sua especialidade, os de filologia (língua e literatura clássicas), história natural (entomologia e biologia marítima) e filosofia da ciência. Pinta, desenha e escreve poemas. Publicou vá-

rios trabalhos de filologia, história da antiguidade e crítica literária, contos e poesias. Publicou também traduções de clássicos gregos e latinos, sendo que uma delas (A Comédia Latina — Plauto e Terêncio) foi editada no Brasil. Entre as traduções inéditas: Eliot (quartetos e outros poemas), Rilke (Balada do Alferes Christopher Rilke) e Stephan George (Sonetos). Ocupava ultimamente uma cadeira de História da Antiguidade na Faculdade de Filosofia da Paraíba.

De Agostinho da Silva damos, neste número, dois poemas.

- Grande do Sul — Ano XIV — n. 2 — fasc. 52 — abril a junho de 54 — Caixa Postal, 358 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul.
- Tapejara — Órgão do Centro Cultural Euclides da Cunha — Ano III — n. 11 — out. de 53 — Caixa Postal, 337 — Ponta Grossa — Paraná.
- Positif — Revue Périodique de Cinéma — Tome II — n. 10 — abril-maio de 54 — Editions de Minuit — 7, Rue Bernard-Palissy — Paris — França.
- Brasília do Sul — o jornal literário do Paraná — Ano 2 — n. 14 — Rua Augusto Steffeld, 583 — Curitiba — Paraná.
- O Tempo — Ano V — ns. de agosto a outubro de 54 — Caixa Postal, 3.622 — São Paulo.
- Suplemento Literário de "O TEMPO" — Ano I — ns. 4, 5, 7 a 11 e 13 — São Paulo.
- Universidad de Antioquia — ns. 115 e 116 (Jan. a abril de 54) — Apartado 217 — Medellín — Colombia.
- Panorama — Revista trimestral inter-americana de cultura — Departamento de Assuntos Culturais da União Panamericana — Vol. I, n. 4 (1952) — Vol. II — ns. 5 a 8 (1953) — Washington 6, D. C. — Estados Unidos.
- Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura — Revista bimestral ns. 7 e 8 (julho a out. de 54) — Rue de la Pépinière, 23 — Paris 8º — França.
- Forma — arquitetura, artes plásticas, teatro — Ano I — ns. 1 e 2 (junho e agosto de 54) — Av. Franklin Roosevelt, 39 — sala 904 — Rio de Janeiro.
- Elo — Revista Cultural de Novos — Ano V — n. 45 — abril de 54 — Caixa Postal, 454 — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.
- The Hudson Review — Vol. VII — n. 2 — Summer 1954 — 439, West Street — New York 14 — N. Y. — USA — Estados Unidos.
- Papel de Poesia — publicado por Artistas M. Martinez — ns. 10 a 13 (junho a set. de 54) — Gal. Rivera, 616 — Salto — Uruguay.
- Império — Revista mensal ilustrada — Ano IV — ns. 37 e 38/39 (maio a julho de 1954) — Caixa Postal, 356 — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.
- Agora — cuadernos de poesia — ns. 30 e 32 (junho e agosto de 54) — Cinco Rosas, 15 (Carabanchel Bajo) — Madrid — Espanha.
- Mocidade — Revista do Centro de Estudos Jacques Maritain — Colégio Guido de Fontgalland — ns. 9 a 13, 17 a 28 — 1947-1954 — Rua Dr. José Bento Júnior, 56 — Maceió — Alagoas.
- Américas — União Panamericana — Vol. III — n. 8 (ago. 51) — Vol. IV — n. 7 (julho de 52) — Rua Prudente de Moraes, 805 — I — Rio de Janeiro.
- Programas de diversos recitais — Dirección de Cultura — Municipalidad de Avellaneda — French 70 — Avellaneda — Buenos Aires — Argentina.
- Jornal-Magazine da Mulher — Ano V — n. 40-41 — jun-jul. 54 — Rua Augusta, 76 — 3º — Lisboa — Portugal.
- Academo — Órgão bimestral da União das Sociedades de Cultura e Arte — Ano I — n. 3 — Caixa Postal, 132 — Santo André — São Paulo.
- Jornal de Combate — Ano X — n. 233 — set. de 54 — Barra Mansa — Est. do Rio.
- Noticias da Tarde — Ano III — n. 672 — jul. de 54 Rua Joaquim Lapa, 13 — Lourenço Marques — Moçambique — A. O. P.
- Revista de la Dirección de Cultura — Municipalidad de Avellaneda — Ano II — n.º 4 — dez. 53 a março de 54 — French 70 — Avellaneda — Buenos Aires — Argentina.
- Revista da Guaira — Ano VI — n.º 57 — outubro de 54 — Caixa Postal, V — Curitiba Paraná.
- Revista d' Aquém e d' Além Mar — Ano V — ns. 49 e 50 — julho e ago. de 54 — Rua Pereira e Sousa, 61 — 2º Esq. — Lisboa — Portugal.
- Revista Branca — Ano VI — n. 30 — 1954 — Rua Santa Luzia, 732 — sala 1.105 — Rio de Janeiro.
- Boletim Bibliográfico 2º semestre de .. (1953) — Ministério de Educação e cultura — Biblioteca Nacional — Divisão de obras raras e publicações — Rio, 1954.
- Jornal — Magazine da Mulher — n.º 42-43 — agosto — setembro de 1954 — Lisboa — Portugal.
- Visor — Revista Portuguesa de cinematografia — n.º 17 — Ano. Rua David Manuel da Fonseca, 88 Rio Maior — Portugal.

LIVROS

João 70 (contos) — Diógenes Magalhães — Escol Ltda., Rio 1954.

Poemas da Fonte d'Eros — modulações líricas — Hernâni de Lencastre — Távila — Portugal — 1954.

Breve história da imprensa cinematográfica portuguesa — Alves Costa — edição do Cine-Clube do Pôrto — Pôrto — Portugal — 1954.

Biografia de uma rua — romance — Maria Elena Fontana — Coleção Aurora n. 7 — Edição "O Cruzeiro" — Rio de Janeiro — 1954.

O Rio Grande tradicionalista e brasileiro — Manoelito de Ornellas — Edição do "35 — Centro de Tradições Gauchas" — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — 1954.

O Cinema e a Criança — projeção — cadernos de cinema n. 4 — Diversos autores — edição do Clube Português de Cinematografia — Cine-Clube do Pôrto — Portugal — 1954.

Anales de la Universidad de Santo Domingo — Vol. XVII — ns. 61-64 — jan. a dez. de 52 — Ciudad Trujillo — República Dominicana.

Calendário para el año academico 1953-54 — Publicaciones de la Universidad de Santo Domingo — Vol. XCII — Ciudad Trujillo — Rep. Dominicana — 1953.

Os Domingos — ou Ao Armazém de Lucas — novela — Dalton Trevisan — Curitiba — Paraná — 1954.

Sermões — poemas — José Amado Nascimento — Ed. do Movimento Cultural de Sergipe — Vol. IX — Aracajú — Sergipe — 1954.

A Ilha dos Sonhos Malditos? — poemas — A. Vicente Campinas — Edições Ibéria — Vila Real de Santo António — Portugal — 1954.

Corral de Muertos — Elegias — Julio Mariscal Montes — Colección Nebli n. 15 — Madrid — Espanha 1954.

Yo conocia algo hace tiempo — poemas — Ernesto Gutierrez Gutierrez — Colección Poesia de América — Ed. "el hilo azul" — Managua — Nicaragua — 1953.

Problèmes de L'Art Contemporain (Suplément de la Revue "Preuves", n. 29 — julho de 53) — André Breton, André Mauraux e outros — Publicação do Congresso pela Liberdade da Cultura — Paris — França — 1953.

El Congreso por la Libertad de la Cultura — Publicação do Congresso pela Liberdade da Cultura — Paris — França — 1953.

2º Salão Nacional de Arte Fotográfica — Foto-Cine Clube de Bauru — São Paulo — agosto de 1954.

2º Caderno de Poesia — Clube de Poesia de Santo André — Santo André — São Paulo — 1954.

Livros e Idéias — crítica e ensaio — Mozart Soriano Aderaldo — Edições CIA — Fortaleza — Ceará — 1954.

Cadernos de Portugal e de Espanha — impressões de viagem — Manoelito de Ornellas — Ed. da Livraria Sulina — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — 1954.

Os troncos e as raízes — poemas — Mário Mota — Editorial "Adastra" — Lisboa — Portugal — 1954.

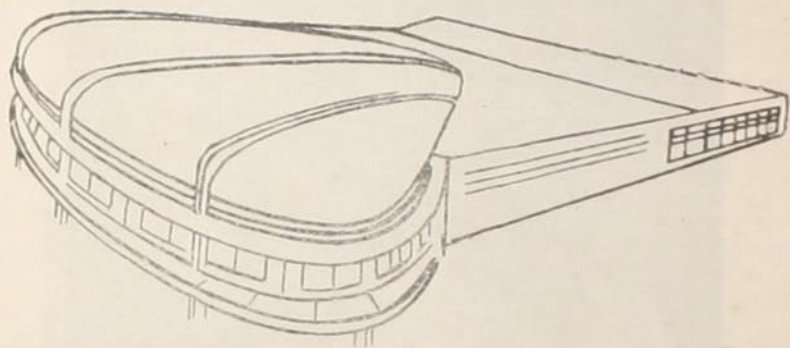
Terreiro de João sem lei — novela — Heitor Saldanha — Pôrto Alegre — 1953.

Poesia de Ninguém — Celina Ferrelra — Edições Telhus — Belo Horizonte — 1954.

CONCURSO "MISS SANTA CATARINA 1955"

Quando começaram a correr os primeiros boatos, ninguém acreditava. O Concurso "Miss Santa Catarina 1955" ganhava ares de coisa impossível, projeto irrealizável de gente sonhadora. O tempo foi passando, e a descrença geral foi dando lugar a uma curiosidade divertida, muita gente ainda duvidando do aparecimento de alguma candidata.

As moças da Capital foram as primeiras: Jussá, Arlete, Vera, Valeska, surgiram sob o patrocínio de clubes florianopolitanos. A beleza de Jussá, Arlete com a sua simpatia, a classe impecável de Vera e Valeska, liquidaram com os últimos descrentes. O concurso "Miss Santa Catarina 1955" era uma realidade !...



Clube do Penhasco

Dividiu-se a opinião pública. A Imprensa e o Rádio colocaram-se a serviço do certamen. Jussá ou Arlete? Valeska?... Vera?... O interior do Estado, mais arisco ao que parece, silencioso, sem dar um ar da sua graça...

A intensa propaganda, os maravilhosos prêmios oferecidos, surtiram efeito. E o interior compareceu com a beleza e o encanto de suas filhas. Lajes, Itajaí, Blumenau, Tubarão, Laguna, movimentaram-se, procurando em sua melhor sociedade, suas belezas mais puras. E aí estão Marília, Cecília, Heloísa Helena, Lilian, prometendo a Jussá, Valeska, Arlete e Vera, uma porfia impar nos anais da sociedade catarinense.

Com as armas incomparáveis de seus sorrisos, plásticas invejáveis, com toda a sua graça e beleza, estarão em Florianópolis, disputando o invejado cetro. Os clichês que ilustram estas notas falam da renhida disputa que se aproxima.



Yone Maria Vieira — Lajes



Elizabeth Cavinatti — Candidata do Hercilio Luz F. C. —
Tubarão.



Lídia Ávila

E, como se não bastasse a simples apresentação das beldades, a IBÉRIA, PLUNA, SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL, e TRANSPORTES AÉREOS CATARINENSE, colocaram seus confortáveis aviões para levar as vencedoras a MADRID, MONTEVIDÉO, MANAUS e RIO DE JANEIRO.

Falar das festividades programadas seria pura perda de tempo. Basta dizer que uma semana inteira será tomada pelas homenagens, que serão prestadas à beleza e elegância das concorrentes. E seja quem fôr: Jussá, Marília, Arlete, Cecília, Vera, Lilian ou Valeska, no Estoril, em Carrasco, no Hotel Amazonas ou em Copacabana, estarão mostrando ao mundo inteiro, a beleza da mulher catarinense.

A acolhida dispensada ao concurso, é algo de surpreendente, mostrando que a semente foi lançada em boa terra. Acontecimento impar em Santa Catarina, pelas proporções dadas ao concurso, pelos seus idealizadores. Muito trabalho terá a Comissão Julgadora, para selecionar as primeiras colocadas: trabalho árduo, porém, diga-se de passagem, agradabilíssimo...

Correrá mundo a graça da mulher barriga-verde, graças ao espírito empreendedor de Luiz Fiuza Lima, figura de proa dessa já vitoriosa iniciativa. Cercando-se de gente capaz, Fiuza Lima, sobrepondo-se à tôda espécie de dificuldades, conseguiu tornar realidade aquela coisa impossível, aquele projeto irrealizável de gente sonhadora...

A. B.



Jussá Cabral — Candidata do Figueirense F. C. — Fpolis.

Conheça o movimento editorial e os novos autores catarinenses

ADQUIRINDO

A MORTE DE DAMIÃO

Farsa em 1 ato

de

Ody Fraga

Cadernos SUL — 3

Preço: Cr\$ 10,00

Nas Livrarias ou pedido diretamente à revista "SUL".

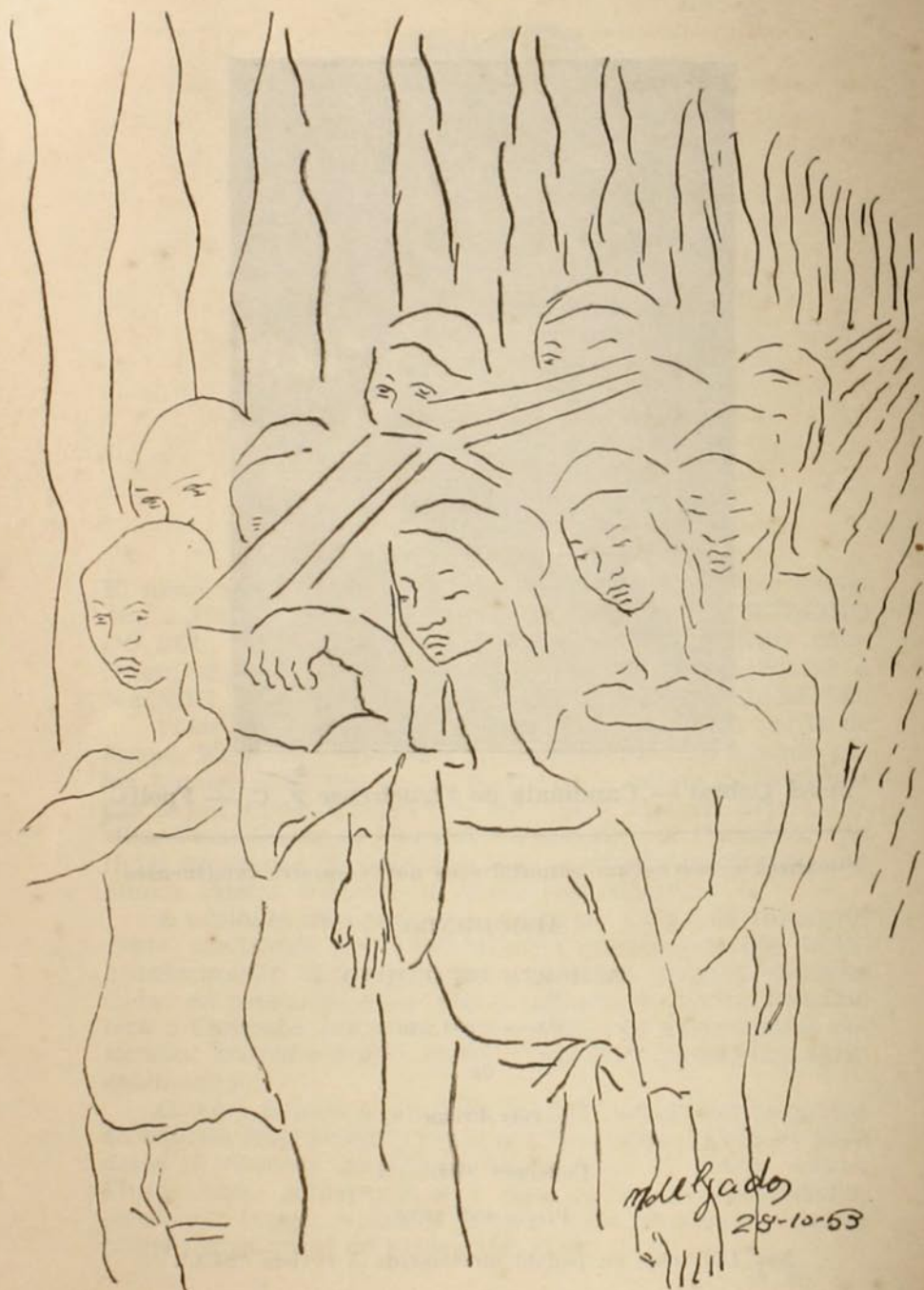


Ilustração de N. Delgado para o poema "Impressionismo", de Fonseca Amaral

Para conhecer o movimento literário dos novos autores de Santa Catarina, adquira não só a revista "Sul", mas também as "Edições" e "Cadernos" SUL:

Já foram publicados:

Edições "SUL"

- I — **Velhice e outros contos** — de Salim Miguel
- II — **A Ponte** (prosa e verso) — de Antônio Paladino
- III — **Alguma Gente** — histórias — de Salim Miguel
- IV — **Piá** — contos de Guido Wilmar Sassi
- V — **Contistas Novos de Santa Catarina** — organizado por Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e Salim Miguel — Introdução de Nereu Correa — Ilustrado por artistas plásticos catarinenses

Cadernos "SUL"

- I — **Idade 21** — poemas de Walmor Cardoso da Silva
- II — **Manhã** — poemas de Eglê Malheiros
- III — **A Morte de Damião** — farsa em um ato — Ody Fraga

Dentro de breve, nas Edições "SUL":

- VI — **Alguns Aspectos da Literatura Catarinense** — Osvaldo Ferreira de Melo (filho)
- VII — **Província** — contos de Silveira de Sousa
- VIII — **Rede** — romance de Salim Miguel

Nos Cadernos "SUL"

- IV — **Ensaio Geral** — ensaios de teatro — Ody Fraga
- V — **Terra Fraca** — poemas de Anibal Nunes Pires
- VI — **Poemas** — de Walmor Cardoso da Silva



Gravura de Hugo Mund Jr.

LIVRARIA MODERNA
DE
PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de
escritórios em geral

Rua Felipe Schmidt — Florianópolis



COMPANHIA MADEIREIRA SANTO AMARO
INDÚSTRIA E COMÉRCIO "CIAMA"

Santo Amaro da Imperatriz — Sta. Catarina — Brasil
End. Tel. CIAMA — Madeiras de Pinho em geral
Exportadores para os mercados nacionais e estrangeiros
Cinco Serrarias próprias em Urubici e Bom Retiro
Indústria de Beneficiamento de madeira — Caixas
desarmadas — táboas brutas — cabos de vassoura —
quadrados — reserrados aparelhados — fôrro
paulista — Aplainados.



LIVRARIA E PAPELARIA RECORDE LTDA.

Material de Escritório e Escolar — Artigos para presente

Brinquedos — Revistas — Figurinos

Rua Felipe Schmidt, n. 14 — Caixa Postal, 70

FLORIANÓPOLIS — STA. CATARINA



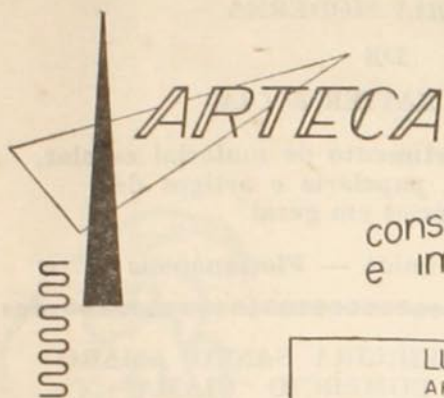
"UM PAÍS SE FAZ COM HOMENS E LIVROS"
Monteiro Lobato

LIVRARIA LIDER
(Antiga "ROSA")

Agora em suas novas e modernas instalações à Rua
Tte. Silveira, 35 (Edifício PARTHENON).

A serviço da cultura e educação da mocidade catarinense.

6075-2307



ARTECA

construtora
e imobiliária

LUIZ EDUARDO SANTOS
ARQUITETO RESPONSÁVEL
R. VISC. OURO PRETO, 81-FPOLIS

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC.

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia
Rua Felipe Schmidt, 3 — Florianópolis

CASA YOLANDA

Matriz

Filial

Trajano, 2

Felipe Schmidt, 2

Florianópolis — Santa Catarina

PIRELI S. A.

LAPIS JOHANN FABER LTDA.
REPRESENTAÇÕES ERNESTO MEYER

Caixa Postal 84 — Tel. 3773

Florianópolis — Sta. Catarina

DR. VIDAL

CLÍNICA DE CRIANÇAS

CONSULTÓRIO: — R. FELIPE SCHMIDT, 38

CONSULTAS DAS 16 ÀS 18 (4 ÀS 6) HORAS

RESIDÊNCIA: — CRISPIM MIRA, 25 — FONE 3165

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.

Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16

Fone M. 732

Consultório:

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

**DR. GUERREIRO DA
FONSECA**

OLHOS — OUVIDOS — NARIZ e GARGANTA

Especialista efetivo do Hospital — Tratamento e operações.

— Receita para uso de óculos — Raio X — Radiografia da cabeça.

Consultório: Visconde de Ouro Preto n. 2

(altos da Casa Belo Horizonte)

Residência: Felipe Schmidt n. 101. — Telefone n. 1.560.

Consultas: Pela manhã no Hospital, à tarde (2 horas) consultório

Drs.

J. B. Bonnassis

e

Fúlvio Luiz Vieira

Advogados

R. Deodoro, 9 — Florianópolis

Antônio de F. Moura

Gercy Cardoso

Heitor F. do Livramento

Steiner

Advogados

Rua Felip Schmidt, 42-A —

1 andar — Florianópolis

COCIMA

Construções, Comércio e Indústria de Madeiras

Construções, projetos loteamentos, etc.

Madeiras brutas e beneficiadas

Fábricas de esquadrias

Beneficiamento de madeiras

Escritório: Ed. São Jorge — Sala 7

Florianópolis — Sta. Catarina

CURSO BOSCO

(Registrado no Departamento de Educação)

Com equipe de professores especializados.

Artigo 91

Aulas Noturnas

Informações e Matrícula na
LIVRARIA LIDER (ex-Livraria Rosa) à R. Tte. Silveira, 35
(Edifício Pathernon)



Tão "em casa" como no próprio lar!

— ESTA É A SENSACÃO
QUE LHE PROPORCIONA
O AMBIENTE ACOLHEDOR
DO

LUX HOTEL

LIVRARIA ANITA GARIBALDI LTDA.

(Livros, jornais, revistas)

A melhor seleção de obras;
aceita qualquer encomenda de
livros nacionais ou estrangeiros;
atende pelo reembolso postal.

Sempre as últimas novidades em livros e publicações nacionais e estrangeiras.

Caixa Postal, 358.

Armarinhos, Bijouterias, Vidros, Conservas, etc.

LIBERATO LAUS & FILHOS

— ATACADISTAS —

Rua Cons. Mafra, 46

Ed. Telegr.: Liber Laus

TRANSPORTES AÉREOS CATARINENSE S/A



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO DO SUL
AV. RIO BRANCO, 128 - LOJA - TEL 426060

SUL

SUMARIO

A "Idéia Nova" de Cruz e Souza e Virgílio Vársea	Elio Ballstaedt
Cultura e Folclore	O. F. de Melo (filho)
A Condição Humana	Ezdras do Nascimento
Os Caminhos da Ficção	Augusto dos Santos Abranches
Raul Larra, Escritor Social da Argentina	Antônio Simões Júnior
Maria Eugenia Vaz Ferreira	Matilde D'Espaux
Nilton Nascimento e o Cinema do Sul	G. R. C.
O Cinema e o Mundo do Nosso Tempo	Vitoriano Rosa
Cinema Brasileiro	H. Alves Costa
Poema da outra cidade	Walmor Cardoso da Silva
Poema n. 7	Elizabeth Gallotti
Alma Branca	Leatrice Moellmann
Inundação do poço 4	Heltor Saldanha
Fuga	Myrian França
Soneto do fuzilado	Clovis Moura
A poesia é uma arma	José Terra
Canção da criança prisioneira	Albano Martins
Romance quase branco	Hernani de Lencastre
Oração	A. Vicente Campinas
Dois poemas	Agostinho da Silva
Impressionismo	Fonseca Amaral
El regreso	Maria Eugenia Vaz Ferreira
Ruedas	Bianca Terra Vieira
Exposição de gravuras brasileiras	S. M.
Entrevista com Carlos Scliar	E. M.
Centro de Saúde	A. Boos Júnior
O rio	Oswaldo de Oliveira
Malta brava (capítulo inédito de romance)	Alexandre Cabral
A exposição de motivos folclóricos do prof. Franklin Cascaes	Doralécio Soares
Correspondência (ao ensaísta Nereu Correa pelo lançamento de seu livro de estréia "Temas de Nosso Tempo")	Carlos Drummond de Andrade, Edmundo da Luz Pinto, Eugenio Gomes
Pascoal Carlos Magno em Florianópolis	Doralécio Soares
Notas & Comentários	Redação
Recebemos e agradecemos	Redação
Reportagem:	
Concurso Miss Santa Catarina 1955	A. B.

"Sul" encontra-se à venda:

NO RIO
Livraria José Olímpio
Rua do Ouvidor, 110
Livros de Portugal
R. Gonçalves Dias
Livros Franceses
Avenida Presidente Antônio Carlos, 53.

EM SÃO PAULO
Agência Bandeirante — Rua Timbiras, 607.
Agência Eclética — R. Líbero Badaró, 92.
Agência Siciliano, rua D. José de Barros, 323.

EM JOÃO PESSÓA
Agência Distribuidora de Publicações, R. Duque de Caxias, 331.
Preço Cr\$ 5,00

NO RECIFE
Livraria Editora Nacional

EM PORTO ALEGRE
Livraria Miscelânea, Praça da Afândega, 38.

EM BUENOS AIRES
Libreria General de Tomás Pardo S. R. L. — Maipu, 618.

EM PORTUGAL (Lisboa)
Sucursal do "Diário de Notícias" — Rossio, 11 — Pina, Livresiros — Praça de Londres, 5 A.

EM FLORIANÓPOLIS
Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.
Livraria Lider — Rua Tenente Silveira, 35.
Livraria Anita Garibaldi R. Felipe Schmidt, 5.
Em Portugal 7350